

DM  
FRIA. 1

**Instituto Superior de Psicologia Aplicada  
1995**

**Mestrado em Psicologia Educacional**

**(ISPA em colaboração c/ U.Aix)**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**“AS REDES SOCIAIS E REDES DE  
SUPORTE DE ADOLESCENTES: estudo  
comparativo entre rapazes e raparigas”**

**Maria João B. Frias**

**Mestrado com Início no Ano Lectivo 90/91**

**Orientador: Prof. Dr. Frederico Pereira**

**SETEMBRO DE 95**

Ref. 9504

Instituto Superior de Psicologia Aplicada  
BIBLIOTECA

# INDICE

## INTRODUÇÃO

### I. INTRODUÇÃO TEÓRICA

#### 1.Redes Sociais e Suporte Social.....8

##### 1.1. Redes Sociais

1.1.1. Delimitação do Conceito

1.1.2. Metodologias no estudo e Análise das Redes Sociais

##### 1.2. Suporte Social

1.2.1. Delimitação do Conceito e algumas questões teóricas

#### 2. Desenvolvimento Social Na Criança ..... 22

##### 2.1 Desenvolvimento Social: Algumas perspectivas Teóricas

##### 2.2. Evolução Social nos Diferentes Níveis de Interação

2.2.1. Nível Global

2.2.2. Nível interaccional

2.2.3. Relações em Díade

#### 3. A Adolescência .....32

##### 3.1. Pais “versus” pares

##### 3.2. Influência do Grupo de Pares

##### 3.3. Influência dos Pais

##### 3.4. Problemas de Comportamento na Adolescência

#### 4. Diferenças nas Redes Sociais em Função do Sexo .....42

##### 4.1. O Sexo e As Redes Sociais de Adultos

##### 4.2. O Sexo e as Redes Sociais na Infância

- 4.2.1. Tamanho e Estrutura das Redes Sociais em Função do Sexo
- 4.2.2. “Efeito de Clivagem de Sexo”
- 4.2.3. Tipos de Interação Estabelecidos nas Relações
- 4.2.4. Suporte Social Disponibilizado por Figuras Específicas
- 4.2.5. Suporte Social Oferecido Pelos Sujeitos
- 4.2.6. Interpretação da Manifestação de Diferenças nas Redes Sociais em Função do Sexo

|                                          |           |
|------------------------------------------|-----------|
| <b>5. Levantamento do Problema .....</b> | <b>59</b> |
| <b>6. Objectivos .....</b>               | <b>60</b> |
| <b>7. Hipóteses .....</b>                | <b>61</b> |

## **II. METODOLOGIAS**

|                                                                      |           |
|----------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. Amostra: selecção e caracterização .....</b>                   | <b>63</b> |
| <b>2. Instrumentos .....</b>                                         | <b>65</b> |
| <b>2.1.”Network Interview”</b>                                       |           |
| 2.1.1. Adaptação da entrevista ao nosso estudo                       |           |
| <b>2.2 Questionário sobre os contextos relacionais e actividades</b> |           |
| <b>2.3. Pré-teste</b>                                                |           |
| 2.3.1. Pré- teste da entrevista sobre redes sociais                  |           |
| 2.3.2. Pré-teste aos questionários                                   |           |
| <b>3. Procedimentos .....</b>                                        | <b>77</b> |
| <b>4. Tratamento dos Dados .....</b>                                 | <b>78</b> |

## **III. Apresentação e Discussão de Resultados**

|                                                                 |           |
|-----------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. Resultados da entrevista sobre redes .....</b>            | <b>82</b> |
| <b>1.1. Tamanho e composição das redes sociais e de suporte</b> |           |
| <b>A) Redes Sociais</b>                                         |           |
| <b>B) Redes de Suporte</b>                                      |           |

**1.2. Qualidade das relações estabelecidas nas redes sociais e de suporte**

**A) Rede Social**

**B) Rede de Suporte**

**1.3. Informação complementar: qualidade das relações estabelecidas na rede social**

**1.4. Densidade**

**1.5. Outros elementos**

**2. Resultados do questionário .....122**

**IV. Conclusões e Recomendações**

**1. Conclusões e recomendações .....131**

**Referências Bibliográficas..... 141**

**ANEXOS**

**I. Instrumentos**

**II. Resultados**

**III. Estrutura da base de dados**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a todos quantos permitiram a realização do presente trabalho.

Ainda um obrigado especial para o Dr. Rui Pedro do CEPD, Conselho Directivo e alunos da Escola Secundária de Linda-a-Velha, Dr. Francisco Peixoto do ISPA e Dr. João Pissarra da CML.

## RESUMO

Pretendia-se comparar as redes sociais e de suporte de rapazes e raparigas adolescentes, nomeadamente ao nível do tamanho, composição e qualidade das relações nelas estabelecidas. Para isso, estudou-se uma amostra de 60 alunos com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos (inclusivé), recrutados voluntariamente num estabelecimento do ensino secundário oficial, tendo-se constituído, em função do sexo, dois grupos distintos: grupo dos rapazes (N=30) e grupo das raparigas (N=30).

Aplicou-se um modelo adaptado da “Network Interview” (modelo proposto pela Universidade de Illinois, 1992) e, posteriormente, um questionário de resposta aberta.

No tratamento estatístico submeteram-se algumas variáveis ao teste “t de student”, tendo-se ainda feito uma análise descritiva dos restantes dados.

Conclui-se existirem algumas diferenças significativas nas redes sociais e de suporte dos dois grupos estudados. De facto, as raparigas aparecem como estabelecendo redes sociais e de suporte maiores que os rapazes, assumindo também relações com maior qualidade (vide itens analisados). É também o grupo das raparigas que mais manifesta um “efeito de clivagem de sexo” (tendência para se relacionarem prioritariamente com indivíduos do mesmo sexo).

Dado que a consigne geral do instrumento que pretendia avaliar as redes recorria ao conceito “pessoas mais importantes para ti” e sendo alguns dos resultados contrários aos esperados, remetem-se as conclusões para critérios de “importância nas relações”. Hipotetiza-se assim que, independentemente das relações efectivamente estabelecidas (não contempladas no presente estudo), rapazes e raparigas poderão eleger diferentes critérios para representar a importância das relações.

O mais interessante do estudo é provar, de certa forma, a importância das relações familiares no contexto relacional do adolescente, bem como a existência de um número considerável de pares que eleitos como amigos e melhores amigos, são também colegas de escola. Estes resultados vêm consolidar a importância da intervenção ao nível da educação para a saúde em contexto escolar na adolescência, não negligenciando também, o importante papel que a família pode assumir nesta área.

Sublinha-se ainda a necessidade de se considerarem, em programas de intervenção futuros, as diferenças existentes nas relações assumidas pelos dois sexos. Recomenda-se também, a realização de investigações que correlacionem, considerando as diferenças de sexo, as redes sociais de adolescentes com a manifestação de comportamentos de risco.

# INTRODUÇÃO

Parte da inovação das ideias de rede social e de suporte social centra-se na sua utilidade como um instrumento de trabalho para delinear programas preventivos e de reabilitação (Iscoe, Bloom e Spillberger, 1977, citados por Cauce, 1989).

As redes sociais constituem, de facto, suportes quotidianos à vida dos indivíduos em sociedade, existindo indícios de que a sua estrutura, a qualidade das relações nelas estabelecidas e o consequente suporte social por elas disponibilizado, “contaminam” os processos de adaptação intra e interpessoais.

Na verdade, os indivíduos criam em torno de si complexas teias de afinidades/diferenças que são determinantes no curso das suas vidas.

Apesar de ser difícil uma abordagem consensual aos conceitos de rede social ou suporte social, tem-se vindo a constatar um incremento no seu uso nos últimos anos, verificando-se a existência de um conjunto nítido de ideias que delimitam os espaços teóricos por onde se movem os termos.

Um aspecto comum a todas estas definições é, sem dúvida, a referência às ligações entre as unidades sociais, pessoas e grupos, com as quais o indivíduo contacta no decurso da sua vida (Feiring e Lewin, 1989).

O suporte social disponibilizado em função destes contactos e relações aparece como tendo um grande impacto no ajustamento psicossocial e na saúde dos indivíduos (Furman, 1987; Werner e Smith, 1982).

Uma parte significativa da vida social de uma comunidade é gerada a partir de relações sociais.

Em qualquer momento da vida individual uma descrição das redes sociais pode ser vista como um índice do mundo social dessa pessoa. Esta perspectiva inclui a descrição das pessoas na rede bem como o tipo de actividades nas quais se envolve (Feiring e Lewis, 1989).

Embora as diferenças entre homens e mulheres tenham sido subestimadas durante algum tempo no estudo das redes sociais, o papel do sexo tem vindo a ser gradualmente reconhecido como fundamental na forma como os indivíduos, adultos e crianças, se relacionam uns com os outros ( Kagan e Moss, 1962; Tietjen, 1982; Caspi, Elder e Bem, 1987).

A psicologia tradicional ou clássica, aborda o sexo como uma variável diferencial. É tratada, conforme os autores, como uma variável de natureza ou de cultura.

A dicotomia biológica não é, contudo, um assunto simples. Embora com pilares fundados em modelos biológicos, não nos podemos esquecer de um conjunto de elaborações sociais que evoluíram ao longo dos tempos.

Com efeito, homens e mulheres assumem em variadíssimas situações comportamentos e atitudes diferentes. Da mesma forma, as exigências e atenções da sociedade são dirigidas diferenciadamente aos dois sexos, manifestando-se, por exemplo, em esteriótipos sociais específicos ligados a cada um deles.

A evolução dos trabalhos neste domínio conduziu à abordagem do sexo como um “constructo mediador cognitivo” entre o sujeito e o meio (Hurting, 1984).

Os investigadores que abordaram o sexo como um factor determinante na construção das redes sociais na infância e maioridade encontraram, de facto, algumas diferenças significativas na estrutura e constituição das redes nos dois sexos.

Na área do desenvolvimento, tais estudos, inicialmente centrados na relação que as crianças dos diferentes sexos estabelecem com o grupo de pares -com as contribuições das investigações realizadas na área do suporte social e das redes sociais dos adultos - foram posteriormente alargados à rede total da criança nomeadamente, família nuclear, outros parentes, vizinhos, professores, educadores, etc..

Nesta perspectiva e comparando rapazes e raparigas, às raparigas são atribuídas redes mais centradas em contextos familiares e de menor dimensão (Berndt, 1982), sabendo-se que as relações têm um carácter mais íntimo (Berndt, 1982) e exclusivista (Edler e Hallinan, 1978) sendo também prioritariamente desenvolvidas em díade (Tietjen, 1982).

Nos rapazes as redes são comparativamente maiores ( Berndt, 1982; Bryant, 1985; Tietjen, 1982 e Waldrop e Halverson, 1973) sedimentando-se muitos dos contactos desenvolvidos na partilha de actividades ( Tietjen, 1982).

A criança nasce no seio de uma determinada rede da qual a componente mais importante é a família. Mais tarde esta rede será alargada a outros indivíduos tais como amigos, professores etc..

Para alguns autores o processo de socialização da criança é, exactamente, o aprender a ser membro da rede social ( Cochran e Brassard, 1979; Lewis e Feiring, 1988).

Nesta perspectiva para Zigler (1973) a definição de competências sociais na infância assume-se em dois aspectos fundamentais : a capacidade efectiva da criança para lidar

diariamente com o contexto social e a sua capacidade para se relacionar com sucesso tanto com adultos como com pares.

Alguns estudos realizados na área da pressão social exercida sobre os indivíduos pelo grupo de pares sugerem porém, que ao aumento da rede social da criança pode corresponder também um aumento da influência exercida sobre as suas atitudes e comportamentos (Berndt, 1979; Constanzu e Shaw, 1966).

A idade da adolescência, pelas suas características é um período crítico para a exposição a este tipo de influências.

De facto, sabemos que a adolescência é uma fase problemática da vida do indivíduo, consubstanciada pela existência de conflitos internos e externos de cuja resolução advém o harmonioso ingresso na vida adulta.

A teoria das redes sociais analisa as ligações e conexões que se estabelecem entre os indivíduos e o seu universo social, pressupondo a possibilidade de mobilizar a(s) rede(s) para o suporte eficaz aos indivíduos em questão.

Embora hoje se assuma que os efeitos do suporte social disponibilizado pelas redes varia em função das diferenças individuais (Heller e Swidle, 1983, Sarason, Sarason e Shearin, 1983) os estudos desenvolvidos na área da psicologia validam as ideias defendidas por Cassel (1974) de que as deficiências nos laços sociais estabelecidos nas redes individuais de contactos aumentam a vulnerabilidade dos indivíduos para a manifestação de patologias psico-sociais.

O suporte social disponibilizado pelas relações assumidas nas redes visto como "moderador" dos efeitos negativos, por exemplo dos processos de crise ou stress, faz-nos pensar que a possibilidade de recorrer a uma rede que disponibilize suporte pode "prevenir" a eclosão de comportamentos problemáticos ou de risco que, como

se sabe, “(...)assumem na fase da adolescência um carácter funcional” (Jessor e Jessor, 1979).

É com base neste pressuposto que pensamos que, por exemplo, a fraca incidência de comportamentos de risco graves nas raparigas, mormente o abuso de substâncias tóxicas, pode estar também relacionado com o facto de a dimensão, a estrutura e a qualidade das relações das redes individuais das raparigas ser significativamente diferente da dos rapazes funcionando esta como "moderador" dos comportamentos de risco.

Neste trabalho não pretendemos correlacionar as redes sociais dos dois sexos com os comportamentos de risco. Questionamo-nos antes sobre a dimensão, estrutura e qualidade das relações estabelecidas por adolescentes rapazes e raparigas, cientes que o equacionar destas diferenças, a existirem, poderão "dar corpo" a considerações teóricas que se querem pilares credíveis para intervenções de campo por exemplo na área da prevenção primária dos comportamentos de risco nos adolescentes.

Finalmente diremos que, embora existam alguns estudos que correlacionam favoravelmente as redes sociais e o sexo, a fase final da adolescência tem vindo a merecer muito pouca atenção por parte dos investigadores. Assim, o presente estudo revela-se pertinente pois, numa abordagem da rede individual na sua dimensão global, pretende reforçar e aprofundar nas redes sociais de adolescentes áreas já exploradas nas redes de crianças e pré-adolescentes e ainda, analisar aspectos até agora descurados no estudo das redes sociais. Pretende-se também contribuir para o “desvendar” de alguns resultados contraditórios que têm vindo a ser revelados no estudo das redes sociais em função do sexo.

Em suma, o nosso interesse não se confina à função do suporte disponibilizado pela rede social, mas pretende abranger um conjunto de contactos importantes da rede

total que possam contribuir para o entendimento dos processos relacionais da fase da adolescência.

# **I. INTRODUÇÃO TEÓRICA**

## 1. REDES SOCIAIS E SUPORTE SOCIAL

Em 1979 Heller afirmava: "(...)os termos suporte social e rede social estão na moda(...)" (Heller, 1979, citado por Sarason, Sarason., Hacker e Basham, 1985).

A revisão da literatura indica que esta afirmação, feita há alguns anos atrás, continua a ser válida.

Contudo, embora exista algum paralelismo na literatura entre os dois conceitos, aliás muitas vezes confundidos pelo senso comum, urge uma tentativa de delimitação de cada um deles bem como das suas implicações.

### 1.1. Redes Sociais

#### 1.1.1. DELIMITAÇÃO DO CONCEITO

A questão das "Redes Sociais" tem vindo a ser largamente discutida tendo sido delineadas várias definições para o conceito (Bott, 1971; Cochran e Brassard, 1979; Leinhardt, 1977; Lewis e Feiring, 1978).

Por exemplo Walker e associates (1977, citado por Maguire, 1983) afirmam a rede social como a forma dos contactos sociais pela qual o indivíduo mantém a sua identidade social e recebe apoio emocional e informação, permitindo-lhe também aceder a novos contactos sociais.

Um outro autor, Wellman, (1981, citado por Coimbra, 1990) entende a rede social como “um conjunto de nós (pessoas grupos, instituições, etc) ligados por laços”.

Finalmente, Mitchell (1979, citado por Maguire, 1983) define rede social como um elo específico de corrente entre um grupo de pessoas com as propriedades suplementares que suportam a interpretação do comportamento social dos indivíduos.

Embora não haja uma definição unânime para "Redes Sociais", tão pouco uma teoria de "Rede Social" (Barnes, 1974; Mitchell, 1969, citados por Cauce, 1986) existe uma referência colectiva, partilhada por quantos tratam o assunto, que remete o conceito para o conjunto das ligações estabelecidas entre as unidades sociais, pessoas e grupos, com os quais o indivíduo contacta (Feiring e Lewis, 1988).

De facto, os indivíduos ao longo da vida estabelecem relações com um conjunto de pessoas, envolvendo cada uma destas relações diferentes tipos de interacção (Furman, 1988).

Na realidade, na rede, o indivíduo pode ser visto como um elemento interactivo de entre um conjunto de parceiros sociais.

Assim, em qualquer momento da vida, uma descrição da rede social individual pode ser abordada como um index do mundo social da pessoa em questão e do seu espaço de vida, incluindo-se aqui as descrições do indivíduo na rede bem como os tipos de actividades nas quais se envolve.

Nesta perspectiva, Feiring e Lewis (1988) consideram importante explorar desde a infância e ao longo do ciclo de vida individual as relações estabelecidas entre as pessoas bem como as funções nelas assumidas.

Ainda segundo estes últimos autores, a estrutura das redes dá-nos um "mapa social" que identifica a localização de um indivíduo num mundo social específico, definindo também as pessoas com quem tem oportunidade de interagir.

Em conformidade, Lewin (1951, citado por Feiring e Lewis ,1988) sublinha que o espaço da vida social individual define quem é uma pessoa, delineando a estrutura do seu mundo social.

Para Feiring e Lewis (1988) parece lícito argumentar que as regras culturais e a conformidade a essas regras são estabelecidas e mantidas não só através do reforço directo de "comportamentos regra" apropriados, mas também pela composição da(s) rede(s) de pertença.

#### 1.1.2. METODOLOGIAS NO ESTUDO E ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS

Se pensarmos nas redes sociais como potenciadoras da integração dos indivíduos, torna-se prioritário o estudo da natureza e composição dessas redes. Tal estudo implica, porém, a utilização de metodologia(s) específica(s).

As metodologias de análise e abordagem às redes sociais individuais são também heterógeneas existindo contudo, tal como nas definições de rede social, algumas linhas comuns entre os vários autores.

De maneira geral, as redes são analisadas em função dos "arranjos" ou interligações que se estabelecem entre os seus vários membros, sendo o indivíduo um ponto central de onde emanam linhas para todos os outros da rede.

Independentemente da taxonomia de redes formais / informais, primárias ou secundárias, existem alguns aspectos referidos como fundamentais no estudo e abordagem das relações assumidas nas redes sociais.

Segundo Cauce (1986) alguns autores, na análise das redes, salientam dois critérios distintos nomeadamente, características estruturais e interacionais.

Com base numa revisão bibliográfica este autor afirma que as características estruturais mais referidas nas investigações são a densidade da rede (coesão e transferência de contactos na rede) e o seu tamanho (número de indivíduos na rede).

Relativamente à densidade das redes esta é, aliás, já referida nos trabalhos clássicos de Elizabeth Bott (1967) como um sinónimo do conceito de rede social (citada por Cochran, 1989).

Posteriormente e já numa linha de análise mais global da rede social alguns autores sugerem que os indivíduos com redes mais próximas e densas tem maior probabilidade de manter relações estáveis com comcomitância de atitudes e opiniões entre os seus membros (Lauman, 1973) mas, por isso, têm menos possibilidades de aceder a canais de informação e de estabelecer novas ligações ou obter suporte extra-rede (Granovetter, 1973; Horowitz, 1977; Lee, 1969).

Por exemplo Salzinger (1983, citado por Furman, 1985) hipotetiza que os membros das redes com alta densidade têm menor oportunidade e menor motivação para conhecerem membros de outras redes. O mesmo autor defende ainda que redes com alta densidade possuem maior diversidade na natureza das relações, assumindo estas mais funções e, conseqüentemente, sendo as relações mais intensas, os indivíduos desenvolvem critérios mais rígidos para definir amizade. As considerações de Salzinger foram posteriormente confirmadas por Milardo (1986).

Na mesma linha tem sido sugerido que redes muito densas, tal como grupos muito coesos, isolam as pessoas dos outros canais de comunicação e informação (Wolf, 1966) criando uma pressão social no sentido da conformidade dos valores de grupo.

Sobre o tamanho das redes, característica também designada como estrutural por Cauce (1986), Gordon e Zrull (1991) afirmam que as redes de indivíduos normais possuem cerca de 25 pessoas. Já Pattison, Frazier e Crowder (1979) afirmam que as redes das pessoas normais têm, em média, cerca de 20 indivíduos. Estudos na área da saúde mental, apontam para um número muito inferior de pessoas nas redes de indivíduos com doença mental ( Sokolovsky, Cohen, Berger e Gerger 1978, cit. Fraser e Hawkins, 1984).

Como características interacionais das redes sociais, Cauce (1986) refere como fundamentais a qualidade e o grau de satisfação nas relações assumidas. Nestas, e ainda segundo o mesmo autor, as mais estudadas são a intensidade da relação (a força dos laços), a reciprocidade (mutualidade nas relações) e a multidimensionalidade (diversidade de actividades partilhadas).

Os estudos realizados sobre o assunto salientam que os laços de alta intensidade, com grande reciprocidade e multidimensionais são potenciais facilitadores da disponibilização de suporte emocional (Bott, 1957/1971; Lauman, 1973; Tolsdorf, 1976, citados por Cauce, 1986).

Uma outra característica interacional, por vezes também referida quando se aborda a rede social é a de conteúdo, incluindo esta o conteúdo normativo ou estrutura da rede (tipo e natureza das relações: amigos, família, vizinhos, etc) e o conteúdo das trocas ou características funcionais da rede social (tipo de ideias, valores ou formas de assistência partilhada entre os membros da rede).

Numa outra perspectiva, Furman (1985) refere que a rede pode ser analisada em três dimensões específicas mormente, nível, faceta e perspectiva.

1. Nível: a análise dos diferentes níveis (interacional, relação de díade, grupal e global da rede) remete-nos, segundo Buhrmester (1983, citado por Furman, 1985) para vários quadros de redes sociais. Esta consideração na análise das redes implica que os diferentes níveis são distintos uns dos outros mas, em face da sua inter-relação, não podem ser reduzidos a um só.

2. Faceta: Segundo Adler e Furman (in press, citados por Furman, 1985), são consideradas diferentes facetas na rede, nomeadamente, o grau de suporte disponibilizado na interacção, o grau de conflito, a distribuição de poder e de status e a natureza ou status relativo da relação ou grupo nos participantes na rede.

As relações são, na generalidade, multifacetadas.

3. Perspectiva: As pessoas nas suas relações podem assumir diferentes perspectivas (Furman, Jones, Adler, e Buhrmester (in press) e Olson 1977, citados por Furman, 1985).

Aqui, assume-se que os participantes na interacção podem ter diferentes representações sobre a própria relação.

Ambas as metodologias de análise salientam as relações que as pessoas estabelecem (dimensões da díade ou dos elos de ligação entre os indivíduos) por forma a avaliar quais os efeitos das interacções sobre os indivíduos envolvidos na transacção.

Comparando os dois tipos de abordagem ou de análise de redes sociais supra referidos, verificamos que a perspectiva de Furman implica o estudo de todos os indivíduos que constituem uma rede social, enquanto a anterior (Cauce) se centra

essencialmente na análise das redes sociais individuais, considerando o sujeito como ponto central ou “pivot” da rede por ele delimitada.

A primeira técnica é utilizada quando se estudam, por exemplo, as interligações dos indivíduos numa comunidade ou num bairro, incluindo processos de liderança, enquanto a segunda abordagem é mais utilizada quando se analisam as redes do ponto de vista individual, por exemplo para o planeamento de programas individuais de reabilitação em grupos de interajuda.

Curiosamente e segundo Gordon e Zrull (1991), só a partir da década de 80 se passou a utilizar a análise da rede social na área do alcoolismo e, posteriormente, no uso de substâncias tóxicas e outros comportamentos de risco.

## 1.2. Suporte Social

### 1.2.1. DELIMITAÇÃO DO CONCEITO

A noção de sistema de suporte social é consequência do desenvolvimento dos estudos na área das redes sociais (Cauce, 1986).

Inicialmente influenciada pelos instrumentos utilizados em estudos epidemiológicos, a noção do suporte social foi aliás, segundo Berscheid (1994), conceptualmente confundida com “tamanho da rede social”.

Para Gon (1978) “Suporte Social” pode ser entendido como a qualidade do suporte emocional disponível nas relações estabelecidas nas redes sociais.

Para Shumaker e Brownell (1984) o suporte social é “(...) uma troca de recursos entre dois indivíduos. Estes recursos devem ser percebidos pelo disponibilizador ou pelo receptor como contributos pertinentes para o bem estar do receptor”. Esta definição acarreta algumas questões teóricas relativas ao conceito de suporte social que veremos, à frente, neste trabalho.

Para Iscoe, Bloom e Spielberger (1977), parte da inovação da ideia de suporte social centra-se na sua utilidade como um instrumento para a elaboração de programas quer preventivos, quer de reabilitação (citados por Sarason, Sarason, Hacker e Basham, 1985).

As relações que disponibilizam suporte social no decurso da vida dos indivíduos são, na verdade, relatadas pelos investigadores numa variedade de situações (Leavy, 1983).

O suporte social prestado pelas relações parece ter um grande impacto no ajustamento psicossocial e na saúde dos indivíduos (Furman, 1987; Werner e Smith, 1982; Wolchik, Sandler e Braver, in press, citados por Furman, 1988).

Os estudos desenvolvidos nesta área, embora hoje os investigadores estejam conscientes que os efeitos do suporte social disponibilizado pelas redes varia em função das diferenças individuais (Heller e Swidle, 1983; Sarason, Sarason e Shearin, 1986, citados por Sarason, Sarason, Hacker e Basham, 1985), validam as ideias defendidas por Cassel (1974) de que as deficiências nos laços sociais estabelecidos nas redes de contactos individuais aumentam a vulnerabilidade dos indivíduos para a manifestação de patologias psico-sociais.

O suporte social disponibilizado pelas redes é assim abordado como um moderador dos efeitos negativos, por exemplo de processos de crise, transição ou stress.

Caplan (1974) nesta perspetiva, refere que o suporte social disponibilizado pelos indivíduos através das relações individuais (sistema de suporte social) liberta-os dos efeitos negativos do stress.

Na mesma linha, outros estudos realizados, sugerem que o suporte social fornece aos indivíduos “instrumentos” para lidarem com o stress da vida em geral (Cassel, 1973; Dean e Lin, 1977) transações de vida (Cauce, Felner e Primavera, 1982; Hirsh, 1980) e stress ocupacional (House, 1981; LaRocco e Jones, 1978; Pinneau, 1975).

Embora haja um número razoável de estudos que se referem ao suporte social como sendo positivo para os indivíduos, muitos deles são, por questões metodológicas, inconclusivos .

Para Shumaker e Brownell (1984), existem aliás 7 lacunas nos estudos desenvolvidos sobre suporte social, a saber:

. Não se distinguindo claramente o conteúdo das trocas que implicam disponibilização de suporte têm-se subestimado aspectos tais como, como é suposto funcionar o suporte, como funciona realmente e qual o seu efeito;

. Embora os estudos sobre suporte social incluam referências às características das redes totais (tais como tamanho e densidade) a generalidade dos investigadores ao operacionalizarem o conceito de suporte raramente especificam quais as conexões existentes entre rede e suporte;

. Embora surja como implícito à abordagem teórica dos conceitos de rede e de suporte social a necessidade de existirem pelo menos dois indivíduos envolvidos, descarta-se a importância da interacção de todos os factores relacionais,

necessariamente interdependentes, bem como das características individuais dos intervenientes no processo;

. Há necessidade de fazer uma distinção clara entre as relações interpessoais que têm efeitos negativos e os potenciais efeitos negativos das trocas que envolvem disponibilização de suporte. Embora assumindo que vários investigadores referem o stress ocasionado pelas relações (Rook e Dooley, in press; Shinn, Lehamann e Wong, 1984; Wellman, 1981, citados por Shumaker e Brownell, 1984), os autores salientam a necessidade de se fazerem distinções entre as interações que são intencionalmente negativas, as que não são intencionalmente negativas e aquelas que parecem negativas mas que são de facto benéficas. Esta perspectiva incentiva a importância de considerar os pontos de vista dos, pelo menos, dois sujeitos envolvidos na relação;

. É necessário considerar as diferenças entre os efeitos do suporte social a curto, médio e longo prazo. Segundo os autores, a maior parte das investigações centram-se ainda nos efeitos a curto e médio prazo do suporte social descurando os efeitos a longo prazo;

. Muitos dos trabalhos desenvolvidos na área do suporte social têm inerente a ideia de “stress”. Tal atitude implica que o suporte só beneficia os indivíduos quando eles se encontram em situação de stress. Os autores, embora referindo efeitos diferenciados em cada uma das situações, salientam a importância do suporte tanto na presença como na ausência de stress;

. E, por último, estes dois autores salientam a importância da natureza contextual das situações que envolvem suporte. Quanto a eles, para que os fenómenos sejam adequadamente compreendidos, torna-se necessário considerar os factores ecológicos que os influenciam .

Ainda sobre as questões levantadas pela abordagem teórica e metodologias de estudo do suporte social Brehm (1984) afirma : “(...) o que parecia uma verdade simples e óbvia -que o suporte social é positivo para os indivíduos- tornou-se um emaranhado complicado de conceitos e dados que podem deter o mais intérprido investigador”.

Aliás, o criticismo aos estudos sobre suporte social tinha sido já anteriormante incentivado por Gon (1978) que defendia que as correlações estabelecidas entre o suporte social e os “outcomes” psicológicos podiam ser enviezadas por estarem condicionadas pela percepção dos indivíduos relativamente ao suporte que recebem ou que disponibilizam.

Sobre isto mas num nível mais teórico, Heller e Swindle (1983) argumentam que a percepção individual do suporte e a quantidade de suporte disponível no meio são constructos separados.

Sugerem assim que o suporte percebido representa apenas uma avaliação cognitiva do suporte individual realmente disponível. Como consequência, os efeitos positivos do suporte social aparecem derivando, em parte, do julgamento que o indivíduo faz sobre o suporte que está efectivamente disponível (tomando como quadro de referência a quantidade de suporte que cada um pode de facto obter da rede social).

È nesta sequência que Cauce (1986) afirma que “a percepção de suporte social e o suporte social realmente disponível são constructos separados , embora relacionados”.

Para o autor, a percepção do suporte disponível é influenciada pela história individual das interacções que envolvem suporte , pelas diferenças individuais, pelas exigências do meio e também pelo nível de stress. A aceitação social é também referida por este autor como um factor determinante nas percepções pessoais sobre suporte social.

Tendo por base a sua definição de suporte social os autores Shumaker e Brownell (1984) salientam também a questão da ambiguidade entre as diferentes percepções que os indivíduos têm sobre o suporte disponibilizado e recebido (tais diferenças podem estar presentes também na avaliação ou leitura que os vários intervenientes fazem das necessidades dos outros). Assim, as trocas percebidas não são necessariamente equivalentes ao efeito dessas trocas.

Ainda estes autores, salientando que o suporte ocorre geralmente entre pessoas de uma mesma rede, chamam a atenção para o facto de a pesquisa sobre suporte se centrar ainda em demasia na análise das relações interpessoais da rede social, descurando-se assim o suporte que, ocasionalmente, é disponibilizado em contextos extra-rede, nomeadamente por desconhecidos.

Numa perspectiva mais recente, reconhece-se ainda que, ao implicar interacção com os outros, o suporte social pode funcionar como redutor ou, inversamente, como indutor de “stress” relacional (Hobfoll, 1988; Pierce e al, 1991; cit. Bercheid, 1994).

Um importante aspecto que tem vindo a ser também descurado na área do suporte social, excepto numa base especulatória, é a sua relação com o comportamento social.

Parece facto comumente aceite que o suporte social e o nível das competências sociais individuais estão relacionadas (Sarason, Sarason, Hacker e Basham, 1985), não existindo contudo, muitos estudos nesta área.

Sarason, Sarason, Hacker e Basham (1985) referem-se a algumas das relações entre competências sociais e suporte social, nomeadamente nos seguintes aspectos:

- 1) Factores da personalidade: Não existem dados precisos sobre as características da personalidade que são facilitadoras da rentabilização do suporte social disponível,

parecendo vingar nesta área dados essencialmente empíricos. Contudo, foi demonstrado que o suporte social percebido individualmente está correlacionado com algumas características da personalidade tais como, ansiedade, depressão, hostilidade e locus de control (Justice e Swenson, 1980; Sarason, Levine, Basham e Sarason, 1983; Sarason e Sarason, 1982, citados por Sarason, Sarason, Hacker e Basham, 1985).

2) Competências Sociais: As competências sociais e o comportamento social são também factores determinantes na construção de relações que implicam disponibilização de suporte.

Sobre este assunto Heller (1979) afirma: “Se não existirem as competências básicas necessárias para aceder e manter as relações interpessoais, não é possível encaminhar os indivíduos para contextos que disponibilizem suporte sem que antes se promovam programas que estimulem o desenvolvimento dessas mesmas competências (Heller, 1979).

Alguns autores sugerem que pode ser experimentalmente demonstrada a relação existente entre suporte social e competências sociais (Jones, Hobbs e Hockenburg, 1982).

Ainda nesta perspectiva mais mais recentemente, Riggio e Zimmerman (1991) afirmam que os indivíduos com mais competências sociais têm maior facilidade em perceber o suporte que lhes é disponibilizado. Contudo, estes autores não conseguiram demonstrar experimentalmente a correlação que poderá existir entre o treino de competências sociais em pessoas menos aptas e o consequente alargamento das suas redes de suporte .

3) Características físicas: A atracção física aparece também como um factor correlacionado com a disponibilização de suporte social nas redes. Nesta área

demonstrou-se, por exemplo, que a atracção física está positivamente correlacionada com a atracção interpessoal nas relações heterossexuais em díade (Kupke, Hobbs e Cheney, 1979; Glasdgow e Arkowitz, 1975). A percepção da atracção física pode, de qualquer modo, incluir aspectos da personalidade tais como as competências sociais.

As perspectivas contemporâneas na abordagem ao suporte social enfatizam a análise da rede social no seu todo como facilitadora da compreensão do suporte social disponibilizado por essa rede (Wellman, 1981).

Para Mitchell e Trickett (1980) é esta, aliás, a metodologia mais adequada no estudo do suporte social pois, embora conscientes de um número superior de ligações ou contactos na totalidade da rede que não implicam necessariamente disponibilização de suporte, defendem que a análise da rede social no seu global pode fornecer elementos precisos sobre os contextos gerais em que decorrem as relações com suporte, bem como sobre a complexidade dos laços estabelecidos na rede.

Esta metodologia permite também o estudo e a análise das redes sociais tanto ao nível da sua estrutura como da qualidade das interacções nelas desenvolvidas (Mitchell e Trickett, 1980).

## 2. O DESENVOLVIMENTO SOCIAL NA CRIANÇA

No decurso do processo de desenvolvimento da criança intensificam-se as interacções e as relações sociais e aumenta o leque de indivíduos que integram o seu mundo social.

As redes iniciais vão-se alargando e intensificando e espera-se que a criança se acomode a estas alterações no seu contexto social.

Mães, pais, irmãos, amigos, professores, todos desempenham papéis importantes no curso do processo de desenvolvimento.

O próprio conceito de desenvolvimento implica um aumento na complexidade do espaço de vida da criança.

De facto, os processos de crescimento e desenvolvimento na criança implicam a expansão das suas competências sociais, quer ao nível da qualidade das interacções, quer ao nível do número e variedade de pessoas com quem interage (Garbarino e Gilliam, 1980).

Esta ideia é sublinhada por exemplo por Feiring e Lewis (1988) quando se referem às mudanças que ocorrem na rede social da criança no período de transição casa/escola.

De um contexto relacional caseiro, centrado essencialmente em contactos familiares, a criança evolui para um contexto escolar e, com o ingresso na escola, as redes expandem-se por forma a incluir novas situações de interacção com pares.

Por esta altura a criança ingressa num processo crescente de individuação / autonomização / independência, até à fase final da adolescência.

## 2.1. Desenvolvimento Social: Algumas Perspectivas Teóricas

A maioria das teorias que pretendem dar conta dos processos de desenvolvimento social na criança preocupam-se essencialmente com a emergência de necessidades sociais ou motivos, descurando as mudanças que ocorrem nas redes sociais das crianças.

Nesta acepção por exemplo Sullivan (1953), defende que as preferências individuais por determinados tipos de interacção ou relações dependem das necessidades sociais ou tendências integrativas da criança.

Este autor hipotetiza a existência de cinco necessidades sociais básicas nomeadamente, necessidade de ternura/afectividade, companheirismo, aceitação, intimidade e sexualidade. Cada uma destas necessidades emerge num determinado nível de desenvolvimento.

Num primeiro estágio (0/2 anos) a criança é dependente dos seus tutores para a satisfação de todas as suas necessidades. A necessidade social de afecto ou carinho desenvolve-se no contexto relacional pais/criança. Quando esta necessidade é satisfeita a criança manifesta um sentimento de segurança. Pelo contrário, se a necessidade não é satisfeita, a criança manifesta comportamentos de insegurança e de stress.

No segundo estágio de desenvolvimento (2/6anos) aumenta na criança a necessidade de ter adultos a participar nas actividades por ela desenvolvidas. Nesta altura, ela requer o interesse e a participação de um número significativo de adultos na sua própria brincadeira. Nesta fase Sullivan, embora não negligenciando a possibilidade de as crianças também brincarem com pares, defende que o determinante na evolução do estágio é sedimentado através da interacção com os pais. Assim., a

necessidade social de participação desenvolve-se prioritariamente com adultos, sendo esta abordada pelo autor como a primeira manifestação da necessidade de companheirismo. Quando esta necessidade não é satisfeita a criança tende a apresentar-se aborrecida ou isolada.

A necessidade de companheirismo ao nível do grupo de pares torna-se particularmente importante com a emergência dos estádios juvenis ou no início da escolarização obrigatória. Como consequência da interação e contactos desenvolvidos, os jovens tomam consciência da existência de diferenças ao nível da sua aparência, personalidade, comportamento social, etc. É a percepção de tais diferenças que permite ao jovem estabelecer critérios avaliativos relativamente às preferências e escolhas de pares. Com a emergência deste processo de avaliação desenvolve-se uma outra necessidade social básica, a de aceitação. Se a criança é aceite tende a sentir-se orgulhosa, caso contrário, sente-se rejeitada.

O estágio mais conhecido da teoria de Sullivan é o da pré-adolescência que, segundo o autor, decorre sensivelmente entre os 9 e os 12 anos. Nesta altura desenvolve-se uma necessidade de intimidade ou de amizade, caracterizada pela emergência de contactos próximos com pares do mesmo sexo. Pela primeira vez a criança desenvolve alguma sensibilidade para as necessidades dos outros. As suas necessidades e a dos pares com quem interage aproximam-se, desenvolvendo-se uma relação de intimidade e de interdependência mútua que a leva a sentir-se desejada.

Por fim, no início da adolescência, emerge a necessidade de sexualidade nas relações estabelecidas com os pares do sexo oposto. Nestas relações, identifica-se também a emergência de necessidades de intimidade, assumindo o sexo oposto uma posição central no estágio.

Sullivan refere-se também, ainda que muito brevemente, a um estágio de adolescência tardia onde as várias relações assumidas devem preencher todas as necessidades atrás referidas.

Um outro modelo teórico que se pode aplicar na construção das redes sociais da criança é-nos proposto pelos autores Veroff e Veroff (1980).

A teoria dos “incentivos sociais”, assim designada, defende que no decurso da vida os indivíduos se confrontam com tarefas que lhes fornecem incentivos para o desenvolvimento social.

São referidas quatro fases, ou etapas, pelas quais a criança passa, a saber:

- 1) Diferenciação do “Eu” dos “outros”;
- 2) Diferenciação de relações com diferentes significados;
- 3) Diferenciação nas relações em diáde, relativamente ao restante contexto;
- 4) Diferenciação da interdependência da criança dos outros sistemas sociais.

Cada uma destas etapas envolve ainda, segundo os autores, dois estádios sucessivos, um de adesão a cada um dos comportamentos sociais que caracterizam a fase (com exploração desses mesmos comportamentos) e outro de consolidação (onde a aprendizagem é sedimentada).

Cada estágio de cada etapa depende de diferentes incentivos sociais os quais, por sua vez, incluem 8 diferentes motivos.

Embora as duas teorias possuam diferentes perspectivas sobre o desenvolvimento social, a motivação aparece em ambas como eixo central da eclosão de novos comportamentos sociais.

Não existindo correspondência entre muitos dos motivos referidos numa e noutra, e sendo as duas pertinentes, pode ser estabelecido um certo paralelismo entre elas.

Sullivan, ao discutir o papel dos processos dinâmicos no desenvolvimento, enfatiza as relações sociais assumidas pela criança, enquanto Veroff e Veroff, sublinhando o papel do desenvolvimento cognitivo, se centram no “Eu” da criança e na relação estabelecida entre este e o meio.

Um outro autor, Robert S. Weiss (1974), apresenta um conjunto de aspectos relacionais que, segundo ele, surgem no decurso das interações desenvolvidas pela criança com os outros, nomeadamente:

- 1) vinculação- permite o desenvolvimento de sentimentos de segurança, afectividade e intimidade;
- 2) aliança- permite criar laços de dependência;
- 3) integração social - permite o companheirismo e trocas de experiências;
- 4) afirmação - define um valor individual;
- 5) oportunidade para tomar conta de alguém - permite o desenvolvimento de sentimentos de solidariedade;
- 6) disponibilização de ajuda - contribui para a “descentração” bem como para a percepção das necessidades dos outros.

Na sua teoria Weiss defende ainda que a capacidade para a criança se posicionar na perspectiva dos outros é essencial para o desenvolvimento de laços de colaboração. Contudo, o autor não é claro na especificação do curso do desenvolvimento desses mesmos laços.

Se por um lado, nesta sua referência, Weiss se aproxima das categorizações de Sullivan (1953) sobre as atitudes de colaboração que emergem na pré-adolescência, por outro, Weiss refere que esta atitude só se pode desenvolver através de brincadeiras com crianças ou em interações com os próprios pais ou outros adultos - desde que em trabalho orientado.

## 2.2. Evolução Social nos Diferentes Níveis de Interação

### 2.2.1. NÍVEL RELACIONAL GLOBAL

Tanto a teoria proposta por Sullivan (1953) como a de Veroff e Veroff (1980) referem-se às mudanças que ocorrem no desenvolvimento no nível global. Porém, as investigações têm dedicado muito pouca importância ao assunto, estudando essencialmente as mudanças que surgem no nível das relações de diáde.

Os escassos estudos realizados nesta área sugerem que talvez não ocorram muitas mudanças no nível global, verificando-se estas essencialmente nos níveis da relação de grupo ou de diáde.

### 2.2.2. MUDANÇAS NO NÍVEL INTERACIONAL

Têm sido muito os investigadores que estudaram as mudanças de desenvolvimento que ocorrem no decurso da interacção com o grupo de pares.

Dunphy (1963) tendo por base o estudo de casos clínicos, descreve as mudanças que ocorrem a este nível em adolescentes, concebendo 5 estádios de desenvolvimento, a saber:

1) Emergem grupos universais constituídos por 4 ou 5 amigos que mantêm proximidade nas suas relações. Os grupos organizam-se em torno de líderes que são admirados por todos os outros elementos do grupo.

Durante a adolescência estes líderes funcionam como as unidades sociais básicas dos grupos, oferecendo atenção e suporte a todos os outros membros.

2) Os grupos começam a associar-se dois a dois, num contexto de grupo alargado, dando o primeiro passo para as relações heterossexuais de grupo.

3) Surgem grupos de grandes dimensões, constituídos por indivíduos de ambos os sexos. Nestes “novos” grupos os elementos que lideravam os pequenos grupos tendem a associar-se.

4) Cria-se um conjunto de sub-grupos no grande grupo, caracterizados por relações mistas com grande proximidade entre os seus membros.

5) Finalmente, formam-se casais. Como consequência, os grupos iniciam a sua desintegração “sobrevivendo” apenas como “grupo” de casais associados.

As ideias de Dunphy foram posteriormente validadas por Csikszentmihalyi e Larson (1984) com estudos realizados na área da ocupação dos adolescentes em tempos livres.

Tal como noutros estudos (Brown, Eicher e Petrie, 1986) a pertença ao grupo surge como uma necessidade prioritária na adolescência ( inicial e média) mais do que antes ou depois desta.

Como é também sugerido por Veroff e Veroff (1980), pertencer a um grupo na adolescência pode satisfazer uma necessidade de pertença ou facilitar a identidade numa fase em que a autonomia em relação à família aumenta (Blos, 1967).

À medida que a importância do grupo aumenta surgem unidades mais coesas com laços claros e expectativas standartizadas.

Nos últimos anos do liceu fazer parte de um grupo torna-se gradualmente menos importante. A conformidade do grupo diminui e os laços, bem como as ligações, tornam-se permeáveis. Nesta altura as interações positivas com os elementos do grupo e com os “outsiders” aumentam, diminuindo, conseqüentemente, as interações negativas (Feiring e Lewis, 1988).

Sobre este aspecto Feiring e Lewis (1988) referem que à medida que o adolescente se torna mais confiante e define a sua identidade, torna-se para ele menos ameaçador integrar um grupo, o que lhe permite beneficiar de todas as interações grupais numa perspectiva positiva.

Este aspecto vem reforçar a ideia de Blos (1967) quando afirma que o grupo de pares assume uma função transacional para os adolescentes no processo de autonomização da família.

Embora os estudos tenham adiantado alguns aspectos importantes das mudanças sociais que ocorrem no grupo de pares durante a adolescência, de facto, ainda se sabe muito pouco sobre a maioria dos processos aqui implicados.

### 2.2.3. MUDANÇAS NAS RELAÇÕES DE DÍADE

Os estudos indicam a existência de mudanças profundas nas relações de díade ao longo do processo de desenvolvimento, salientando-se as mudanças no grau de intimidade das relações assumidas a dois.

Por exemplo Hunter e Youniss (1982) referem que, de maneira geral, ao longo do desenvolvimento a intimidade nas relações estabelecidas com as mães permanece constante, com os pais aumenta por volta dos 12 anos e com os amigos assume um processo crescente. Numa determinada fase, as crianças possuem um nível de intimidade tão grande com as mães como com os amigos mas, durante a fase da pré-adolescência/adolescência, os amigos vão-se tornando significativamente mais íntimos. Ainda segundo estes autores, a criança só está preparada para perceber esta evolução no grau de intimidade das relações por volta dos 13/14 anos.

Hunter (1985) num estudo realizado com adolescentes onde abordou os temas de conversa com pais e amigos verificou que, numa primeira fase, a criança fala prioritariamente com a família sobre todos os assuntos para, posteriormente, fazer uma transição na direcção do grupo de pares.

Todas estas ideias validam a abordagem à fase da adolescência como um período de individuação. Como consequência, nesta fase o jovem “afasta-se” do núcleo familiar, tornando-se mais independente.

A este aumento da independência pode associar-se a eclosão de conflitos com os pais, que muitas vezes tendem a discordar das atitudes e decisões do jovem.

Verificou-se, contudo, (Furman, 1988) que a totalidade do suporte disponibilizado pelos pais ao longo da adolescência se mantém constante comparativamente ao disponibilizado anteriormente.

Para Youniss e Smollar (1985) os adolescentes, embora continuem a responder à autoridade parental, experimentam grandes sentimentos de liberdade. Em parte, este sentimento é reforçado pelos pais uma vez que lhes é dada, realmente, maior liberdade.

### 3. A ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um período “delicado” do ciclo de vida humano...

Se por um lado já não se é criança, também ainda não se é adulto!!!

Erikson (1972) define-a como uma fase caracterizada pela procura de uma identidade pessoal (individualmente diferenciada) sendo esta resultante da interação dinâmica que se estabelece entre os aspectos biológicos, individuais e sócio-culturais da cada indivíduo.

Segundo Zinnecker (1985) esta fase deve ser considerada como um período moratório que implica uma confrontação entre exigências e obrigações contraditórias e dissonantes.

Paz e Paz (1989) referem-se à adolescência como uma fase em que a personalidade se apresenta em constante mobilidade, momento crucial do desenvolvimento e dos processos de individuação.

De uma maneira geral, pode-se afirmar a adolescência como uma etapa do desenvolvimento em que se dão importantes mudanças quer ao nível fisiológico, quer ao nível psicológico.

A procura do jovem por uma personalidade e uma identidade arrasta consigo conflitos (internos e externos) os quais geram sentimentos de angústia, ansiedade, auto-desvalorização, perda de auto estima, instabilidade emocional, etc.

### 3.1. Pais “versus” Pares

Um pressuposto comumente aceite na psicologia do desenvolvimento diz respeito à ideia de que durante a adolescência há uma diminuição nas influências parentais sobre a criança e um aumento da influência exercida pelos pares. Os investigadores que têm analisado este processo de transição mostraram, contudo, que a dinâmica inerente ao processo depende do tipo de comportamento que se estuda.

O afastamento dos pais na direcção do grupo de pares é mais significativo na pré-adolescência/adolescência, altura em que tanto as forças sociais como as biológicas tendem a conduzir a criança ao desenvolvimento de uma identidade independente dos seus pais, para se identificar com os pares ( Adelson, 1989; Blos, 1962; Coleman, 1980; Gold e Douvan, 1970).

Segundo Gold e Douvan (1970) “todas as teorias sobre a adolescência partilham a ideia de que esta é a altura em que a criança se “desvincula” da família e se torna verdadeiramente autónoma e independente (...)”.

A influência dos amigos e pais na socialização do adolescente tem sido estudada sob várias formas, nomeadamente através da similaridade de atitudes e comportamentos (Acock e Bengston, 1978; Krant e Lewis, 1975; Krosnick e Judd, 1982; Shah e Zelnik, 1981, citados por Hunter, 1985)

Contudo, as áreas sociais e os processos interpessoais envolvidos na socialização têm sido pouco investigados (Bengston e Troll, 1978; Berndt, 1982).

Por exemplo, Pulkkinen's (1983) constatou a existência nos adolescentes de uma influência mais forte do grupo de pares comparativamente à dos pais nalguns contextos quotidianos.

Para alguns autores, as influências dos pais e dos amigos variam conforme as áreas e tipos de actividades, bem como consoante os assuntos de conversação. Por exemplo, a influência dos pais prevalece nos domínios das orientações para a vida futura -escolha de áreas profissionais, etc- (Brittain, 1963; Kandel e Lesser, 1972; Sebald e White, 1980), enquanto a influência dos amigos "domina" nas áreas do presente e em relação a actividades ou tarefas partilhadas (Brittain, 1963; Krosnick e Judd, 1982; Noe e Elifson, 1976, citados por Hunter, 1985)

Outros autores defendem que as interacções pais/criança são caracterizadas por privilégios unilaterais por parte dos pais de forma a "impôr" conhecimentos já consolidados nos seus filhos enquanto as interacções entre pares são feitas através da construção e compreensão mútua (Piaget, 1932; Volpe, 1981; Youniss, 1980, citados por Hunter, 1985)

Para Hunter e Youniss (1982) desde a fase de criança até à adolescência as interacções com amigos aumentam enquanto as interacções com os pais, predominantemente unilaterais, mantêm-se contantes.

Também para Berndt (1979), Bixenstein, Decorte e Bixenstein (1976) na fase da adolescência aumenta a influência dos pares e diminui a dos pais.

Embora os pais sejam abordados como mais influentes durante a fase da infância, altura em que os pares são menos influentes, não é claro o momento em que o impacto dos pares se torna mais forte que o dos pais nas atitudes e preferências da criança (Berndt, 1979; Lasseigne, 1975; Utecl e Hoving, 1969).

Relativamente a isto, e por não existir grande unanimidade nos estudos realizados sobre o assunto, Brittain (1963/1968) sugere que a influência de pais e pares varia não só em função das idades, mas também em função das situações e/ou tipos de comportamentos.

Lasser e Kandel (1969) reforçam este posicionamento.

Todas estas perspectivas implicam que as investigações realizadas sobre as mudanças que ocorrem nas influências dos pares “versus” as dos pais se devem centrar sobre comportamentos específicos, limitando as suas conclusões apenas aos comportamentos estudados.

### 3.2. Influência do Grupo de Pares

A abordagem psicosociológica às mudanças que se manifestam na fase da adolescência implica que se considerem os adolescentes não só como entidades simples, definidas em termos de sexo e idade, mas essencialmente como membros participantes e activos, inseridos em grupos familiares, escolares e sobretudo, membros de grupo (s) de pares (Palmonari, Pombeni, Kircher, 1990).

Num ensaio sobre a redefinição psicossociológica do adolescente, Palmonari, Carugati, Ricci, Bitti e Sarchiello (1984) afirmam que os grupos de pares se constituem e se organizam através de operações de comparação, diferenciação e processos de identificação em contexto social.

Num estudo recente Palmonari, Pombeni e Kircher (1989), com o objectivo de perceber de que forma os grupos podem contribuir para o desenvolvimento da linguagem e das atitudes do adolescente, investigaram as características dos

diferentes grupos . Verificaram que tanto a linguagem como as atitudes variam em função do tipo de grupo a que o indivíduo pertence. Os resultados deste estudo implicam que o tipo de relação que o adolescente mantém com o seu grupo pode ser um dos factores explicativos para as diferenças interindividuais constataadas por exemplo em processos de categorização social.

Tajfel (1978) afirma que os processos de categorização são importantes na estruturação das interacções sociais, na definição de grupos e na dinâmica de diferenciação entre objectos sociais. O processo de categorização da realidade social percebida influencia os julgamentos em relação às variáveis sociais grupais e às atitudes assumidas em relação a elas (citado por Hogg e Abrams, 1988).

Tajfel (1978) ao referir-se ao “paradigma mínimo de grupo” enfatiza a tendência dos sujeitos para aumentarem as diferenças entre o seu grupo de pertença e outros grupos.

Ainda a este respeito, uma série de estudos experimentais já clássicos (Tajfel, Billig, Bundy e Flament, 1971; Doise e Weinberger, 1973) mostram que mesmo os indivíduos pertencentes a grupos artificiais (de cariz experimental) assumem estratégias comportamentais que realçam a diferença entre o seu grupo (artificial) e os outros grupos (artificiais também).

A propósito disto, Turner (1975), embora admitindo que nalgumas situações a categorização social é suficiente para provocar discriminação intergrupar, afirma que o processo de categorização social é apenas um dos factores que contribui para a distinção entre “uns e outros”. Nesta perspectiva o autor afirma: “embora a identificação a um grupo seja uma condição necessária para a manifestação de comportamentos de discriminação, a consistência dessa identificação com o grupo de pares depende também de outros factores”.

Turner (1975) enfatiza ainda a importância dos processos sócio-cognitivos de categorização individual e identificação social, em detrimento das atrações interpessoais no desenvolvimento da coesão e formação dos grupos.

### 3.3. Influência dos Pais

A comunicação entre pais e filhos tem vindo a ser referido como um dos factores fundamentais no processo de socialização do adolescente.

Por exemplo Hunter (1985) estudou a papel das discussões interpessoais entre pais e filhos na socialização do adolescente.

Segundo Thorlindsson e Wieting (1981) as comunicações entre pais e filhos onde se privilegia a livre expressão de opiniões em detrimento a referências ao status social, conduz a níveis superiores de julgamento moral. Neste estudo, as componentes da comunicação entre pais e filhos são abordadas como potenciais influenciadoras das mudanças que ocorrem no adolescente no decurso do seu processo de desenvolvimento.

Jacob (1974) e Steiberg (1981) salientam que a contribuição do adolescente nas decisões familiares que implicam debate/discussão aumenta proporcionalmente com a idade do jovem. Neste campo os autores enfatizam ainda diferenças entre pais e mães.

Assim, nesta fase, a tendência dos pais é para desenvolverem atitudes mais autoritárias, enquanto a influência das mães diminui significativamente nesta altura.

Segundo Youniss (1981) o desenvolvimento social resulta em grande parte das experiências de construção social resultante das interações pessoais.

A construção social verifica-se, por exemplo, quando duas pessoas discordam, trocam impressões, incertezas, ou quando uma recebe conselhos da outra.

Os comportamentos de comunicação empregues nestas situações incluem comportamentos verbais tais como explicação, colocação de dúvidas, ocorrência de mudanças, confirmação ou reforço de ideias pré-estabelecidas, etc.

### 3.4. Problemas de Comportamento na Adolescência

A adolescência, pelas suas características próprias, encerra um conjunto de comportamentos típicos. Destes, tomam particular relevância os comportamentos de risco que, nalguns casos, podem estar na base da eclosão de comportamentos graves.

Segundo Noack e Reitzle (1986), na transição da infância para o estado adulto os adolescentes enfrentam uma variedade de solicitações do meio e um conjunto de desafios que se espera que dominem.

Na maioria dos casos os jovens têm de encontrar estratégias e adquirir habilidades apropriadas para enfrentar esta fase do desenvolvimento. A adolescência torna-se assim um período da vida sujeito a tensões especiais.

Uma das perspectivas mais recentes sobre a adolescência enfatiza a função constructiva dos comportamentos de risco e dos problemas de comportamento na gestão das dificuldades e conflitos próprios da idade. Não são, no entanto, descurados os riscos que daí podem advir para o próprio indivíduo

Assim, os problemas comportamentais dos adolescentes devem ser abordados no contexto mais geral do desenvolvimento do adolescente como um processo adaptativo crescente.

Nesta perspectiva Jessor e Jessor (1979) tentaram desenvolver um modelo conceptual explicativo da ocorrência de problemas comportamentais no jovem.

Para os autores, os comportamentos de risco englobam um conjunto alargado de atitudes tais como conduzir depressa, actividade sexual precoce, uso de substâncias tóxicas (etc), podendo colocar em risco a saúde do indivíduo e dos que o rodeiam.

Os problemas de comportamento são definidos pelos mesmos autores como “comportamentos que se desviam das normas da sociedade e que contribuem, em face das transgressões, para a emissão de respostas sociais tais como críticas ou rejeições”.

Ainda na perspectiva destes autores, os problemas comportamentais surgem como uma estratégia adaptativa para lidar com as exigências próprias da idade assumindo um valor funcional no processo de desenvolvimento.

Segundo os autores, os problemas comportamentais que ocorrem nos jovens podem assumir as seguintes funções:

- . permitem estabelecer a independência dos pais
- . facilitam a inserção no grupo de pares
- . é uma forma de oposição às normas e valores da sociedade

. é um “utensílio” na transição de um status menos maduro para outro com maior maturidade

Posteriormente, Kastner e Silbereisen (1984), referem-se também às funções assumidas pelos problemas de comportamento no desenvolvimento do adolescente, nomeadamente nos seguintes aspectos:

. permite a demonstração de um estilo de vida

. é uma tarefa do desenvolvimento (demonstra ser mais crescido)

. é uma reacção ao stress inerente ao desenvolvimento

Posteriormente na sua teoria, Jessor (1989) sublinha que os problemas de comportamento não ocorrem isolados uns dos outros mas sim inseridos num conjunto mais largo de comportamentos problemáticos que designou por “Síndrome dos problemas de comportamento”.

O modelo teórico proposto por Jessor para explicar os “problemas de comportamento” na adolescência considera, fundamentalmente, a interacção entre três sistemas: sistema de personalidade, sistema de comportamento e sistema do meio/meio percebido.

É a interacção destes sistemas que permite compreender a manifestação de comportamentos de risco na fase da adolescência, bem como a eclosão dos problemas de comportamento propriamente ditos.

Na continuação dos trabalhos de Jessor e Jessor, Silbereisen e Noack (1986) afirmam que actividades como fumar e ingerir bebidas alcoólicas facilitam o contacto com o grupo de pares bem como a relação com o sexo oposto.

Tarbox e Butler (1982) correlacionam também o consumo de álcool e de substâncias tóxicas com factores internos como o auto-conceito e a auto-estima.

Num outro estudo, os autores Silbereisen e Noack (1986) verificaram que o uso de bebidas alcoólicas na adolescência tem um efeito positivo sobre a auto-estima.

Jessor e Jessor (1986) demonstram ainda que o consumo de bebidas alcoólicas está associado a valores de independência muito altos, a uma supremacia dos amigos sobre a dos pais e a um envolvimento em comportamentos pseudo-delinquentes.

## 4. DIFERENÇAS DE SEXO NAS REDES SOCIAIS

Nos últimos tempos, tanto os investigadores da área específica das redes sociais como mais recentemente os psicólogos do desenvolvimento, têm vindo a abordar a variável sexo como um dos factores determinantes na constituição das redes sociais dos indivíduos.

Contudo, só recentemente se verificou um interesse substancial na análise da rede social na sua dimensão total.

### 4.1. O Sexo e as Redes Sociais de Adultos

A constatação das diferenças de sexo nas redes sociais de adultos sugere que, pelo menos na maioridade, homens e mulheres coabitam em mundos sociais distintos, estando a forma de se relacionarem condicionada pelo sexo de pertença do indivíduo.

De facto, alguns estudos realizados com adultos indicam a existência de diferenças significativas nas redes sociais dos dois sexos.

Verificou-se que as mulheres têm tendência para delimitar redes mais pequenas, mais restritas e mais familiares que os homens. Contudo, sabe-se que estas diferenças variam em função do “estádio do ciclo de vida” que a mulher atravessa (Fisher, 1982).

Por exemplo, no caso concreto da meia idade, verificou-se que as mulheres têm redes mais activas e largas que os homens cuja tendência, neste período, é para o isolamento (Fisher, 1982).

Na generalidade, os contactos assumidos pelas mulheres nas suas redes sociais são mais íntimos, privilegiando as relações em díade, enquanto as amizades dos homens se sedimentam na partilha de actividades e experiências tais como desporto, negócios, etc (Booth e Hess, 1974; Candy, Troll e Levy, 1981; Depner e Inger Soll, 1982; Weiss e Loventhal, 1975, citados por Belle, 1988).

Relativamente ao suporte social, tanto os homens como as mulheres parecem recorrer prioritariamente a pessoas do mesmo sexo quando necessitam de ajuda (Fisher, 1982).

A pesquisa com adultos demonstrou também que as mulheres têm maior facilidade que os homens para recorrer aos recursos (formais e informais) quando precisam de ajuda (Brow e Fox, 1979, citados por Belle, 1988).

Por exemplo, em alturas de crise, as mulheres solicitam com maior prontidão que os homens o apoio dos membros da família e dos amigos (Brow e Fox, 1979; Chiriboga, Coho, Stein e Roberts, 1979; e; Veroff e Douvan, 1981, citados por Belle, 1988).

Contrariamente, os homens quando precisam de apoio ou suporte tendem a recorrer só a uma determinada pessoa, geralmente a esposa (Veroff, Douvan e Kulka, 1981, citados por Belle, 1988).

Contudo, Cutrona e Suhr (1993) salientam o facto da percepção do suporte disponibilizado na relação conjugal por ambos os conjuges depender de factores tais como o grau de satisfação na relação, o que envieja os resultados dos estudos que não têm este aspecto em conta.

Em suma, os homens parecem restringir as suas confidências e procurar apoio nos seus conjuges, enquanto as mulheres parecem encontrar fontes íntimas de suporte emocional tanto na família como fora dela.

Nesta sequência, Vaux, Burda e Steward (1986), tendo verificado a existência de um número considerável de homens que adoptavam comportamentos muito similares aos descritos para as mulheres pelos autores acima referidos, sugeriram que o recurso ao suporte social em alturas de crise está ligado não tanto ao sexo do indivíduo mas a uma característica que denominaram por “feminibilidade psicológica” que, podendo ocorrer em ambos os sexos, se traduzia pelo assumir de relações interpessoais de forma muito similar às estabelecidas pela maioria dos indivíduos do sexo feminino.

Relativamente ao apoio disponibilizado por adultos em função do sexo, verificou-se que as mulheres apresentam maior disponibilidade e predisposição para prestar apoio aos outros - por exemplo ao nível da assistência e do suporte emocional- que os homens (Belle, 1988).

As mulheres são identificadas, tanto pelos homens como pelas mulheres, como conselheiras e companheiras (Fisher, 1982) e pelos seus filhos como confidentes e recursos de afirmação e compreensão (Belle e Rodgers, 1976; Lowenthal e Haven, 1986, Warren, 1975).

Os homens, sobretudo os mais velhos e os pais, são identificados pelos outros como recursos essenciais de apoio financeiro (Fisher, 1982).

A constatação destas diferenças nas redes sociais dos adultos dos dois sexos faz-nos pensar se existirão também diferenças nas redes sociais de crianças, pré-adolescentes e adolescentes.

## 4.2. Sexo e Redes Sociais na Infância

A revisão da literatura existente sobre diferenças nas redes sociais das crianças em função do seu sexo sugere que algumas das diferenças encontradas nas pesquisas realizadas com adultos também se verificam nas crianças (Belle, 1988).

No decurso da infância as diferenças de sexo acentuam-se com a idade, tornando-se mais pronunciadas quando ocorrem transições do contexto caseiro para o escolar - entrada na escola ( Feiring e Lewis, 1988).

De facto, no decorrer do processo de desenvolvimento aumentam as diferenças de sexo ao nível do comportamento, especialmente as que se relacionam com regras de sexo relativas às actividades desenvolvidas ( Maccoby e Jacklin, 1978; Winrauss e Brow, 1983; Wolfe, 1978, citados por Feiring e Lewis, 1988).

Para alguns autores, desde a infância e ao longo do processo de desenvolvimento, a estrutura e as funções da rede social estão relacionadas com o sexo (Belle, 1988; Feiring e Coats, 1987; Lewis e al, citados por Belle, 1988).

### 4.2.1. TAMANHO E COMPOSIÇÃO DAS REDES SOCIAIS EM FUNÇÃO DO SEXO

Alguns estudos salientam a existência de diferenças na composição e tamanho das redes sociais das crianças, em função do sexo de pertença.

De facto, segundo Feiring e Lewis (1988) estes dois aspectos das redes sociais das crianças variam em função do seu sexo.

Os rapazes têm redes, tanto de pares como de adultos, maiores que as raparigas (Berndt, 1981; Bryant, 1985; Tietjen, 1982; Waldrop e Halverson, 1973, citados por Feiring e Lewis, 1988)

Embora a informação existente seja um pouco contraditória, os rapazes aparecem na generalidade como tendo redes totais maiores que as raparigas (Sutton-Smith, 1979; Sutton-Smith, Rosenberg e Morgan, 1963, citados por Benenson, 1990).

Nesta linha mas relativamente ao grupo de pares, Tietjen (1982) refere que os rapazes entre 8 e os 11 anos apresentam um círculo mais largo de amigos que as raparigas da mesma idade (citado por Belle, 1988).

No seu estudo, este autor verificou que muitos dos rapazes pertenciam a equipas de escuteiros ou de actividades desportivas, o que lhes facilitava o contacto regular com grupos de outros rapazes e consequentemente, o acesso a um leque maior de actividades.

Ainda segundo o mesmo autor, as raparigas raramente apresentam grupos tão grandes do mesmo sexo.

A dimensão da rede social total dos rapazes também é percebida por eles, durante a fase escolar, como sendo maior que as das raparigas (Bryant, 1985).

Contudo, Cairns (1985, citado por Benenson, 1990) salienta que o número de indivíduos percebidos como melhores amigos por crianças em idade escolar não difere entre rapazes e raparigas.

Posteriormente Benenson (1990) demonstrou que o número de melhores amigos não difere entre rapazes e raparigas, mas que o tamanho da rede social de pares dos rapazes é maior que a das raparigas.

Paralelamente, verificou-se que são proporcionadas mais oportunidades aos rapazes que às raparigas para estabelecerem interações com o grupo de pares em contextos extra-caseiros. Este facto predispõe os rapazes para terem um leque maior de pares na rede (Bryant, 1985; Moore e Yong, 1978, citados por Feiring e Lewis, 1988).

Dados observacionais feitos em várias culturas revelam a tendência de rapazes e raparigas em idades precoces para manterem mais contactos com mães do que com pais e também, para interagirem com mais mulheres adultas que com homens nas suas redes (Whiting e Edwards, 1988).

Coates (1987) verificou que os rapazes com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos têm tendência para possuir redes globais mais extensas que as raparigas.

Contudo, Bkyth, Hill e Thiel (1982, citados por Belle, 1988) ao pedirem a adolescentes que nomeassem as pessoas mais significativas nas sua vidas verificou que as raparigas referiam maior número de indivíduos que os rapazes.

Oliveri e Reiss (1987) não encontraram diferenças significativas nas redes dos dois sexos ao nível do tamanho, densidade e frequência de contactos, ao analisarem as redes de amigos e familiares em adolescentes.

Segundo Belle (1988) as discrepâncias verificadas nos estudos realizados sobre este assunto talvez se possam justificar por diferenças nas várias fases do desenvolvimento estudadas. Segundo a autora, a falta de unanimidade nos resultados pode ainda ter a ver com factores não controlados nas amostras estudadas ou com distintas formas dos vários indivíduos percepcionarem a pertença aos grupos.

Os autores Belle (1988), Feiring e Lewis (1988), Cauce(1986) e Benenson(1990) sugerem o incremento de estudos nesta área por forma a clarificar alguns destes aspectos.

#### 4.2.2. “EFEITO DE CLIVAGEM DE SEXO”

A tendência dos indivíduos para se associarem prioritariamente com membros do seu próprio sexo é geralmente designada por “efeito de clivagem de sexo”.

Este é um dos aspectos referidos com alguma insistência no estudo das redes sociais dos indivíduos, em função do seu sexo.

Segundo Jacklin e Macoby (1970) as crianças aos 33 meses manifestam já uma preferência pela interacção com pares do mesmo sexo. Ainda segundo os mesmos autores, esta tendência aumenta na idade da pré-primária e ao longo dos primeiros anos de escolaridade.

Maccoby (1988, citado por Benenson, 1990) mostrou que durante a infância as interacções no grupo de pares se estabelecem predominantemente com indivíduos do mesmo sexo.

Um estudo de Lewis, Feiring e Kotsonis (1984, citados por Feiring e Lewis, 1988) refere também que as crianças aos 3 anos apresentam tendência para ter na sua rede essencialmente crianças do mesmo sexo.

Em conformidade, num estudo longitudinal realizado na mesma amostra, Feiring e Lewis (1987, citados por Feiring e Lewis, 1988) salientam o aumento desta tendência

por volta dos 6 anos de idade. Ainda segundo estes autores, o efeito de clivagem de sexo mantém-se aos 9 anos de idade (Feiring e Lewis, 1988).

Um estudo de Riley e Cochran (1987) sugere que as crianças aos 6 anos, para além de se relacionarem preferencialmente com pares do mesmo sexo, desenvolvem também contactos com um número maior de adultos do mesmo sexo.

Nesta linha, Hartup (1970) sublinha que o “isolamento entre os sexos” atinge o seu “pino” num período situado entre a conclusão do ensino básico e o início do liceu.

Na pré-adolescência ainda é possível identificar ténues processos de “clivagem de sexo” que se vão depois dissipando (Douvan e Adelson, 1966; Hartup, 1983; Savin e Williams, 1980, citados por Belle, 1988).

Por exemplo Blyth (1982, citados por Feiring e Lewis, 1988), ao pedir a pré-adolescentes que nomeassem os indivíduos mais importantes na sua vida, verificou que 2/3 das pessoas referidas eram do mesmo sexo dos inquiridos.

Contudo, esta segregação produzida pelo sexo parece assumir maior importância em grupos cujos elementos têm sensivelmente a mesma idade - não se verificando tão claramente em grupos heterogénios (Whiting e Edwards, 1988).

Cairns, Perrin e Cairns (1985, citados por Benenson, 1990) verificaram a existência na pré-adolescência de grupos estáveis de pares do mesmo sexo que condicionam as relações de pares desenvolvidas com o sexo oposto.

Alguns dados sugerem ainda que o “efeito de clivagem de sexo” é menos significativo nalgumas sociedades.

Segundo Belle (1988) vários estudos sugerem também que existe por parte dos adultos um encorajamento a este tipo de processos.

#### 4.2.3. TIPOS DE INTERACÇÃO ESTABELECIDOS NAS RELAÇÕES

Rapazes e raparigas diferem também na forma como estabelecem interacção com os indivíduos da(s) sua(s) rede(s) social (ais).

Alguns estudos referem a tendência de rapazes em idades escolares para brincarem em grupos com mais de 3 indivíduos, o que lhes permite desenvolver jogos e actividades desportivas mais elaboradas, enquanto as raparigas preferem interacções em diáde, com maior oportunidade para desenvolverem relações emocionalmente mais íntimas (Lever, 1976; Tietjen, 1982, citados por Belle, 1988) e Waldrop e Halverson (1975, citados por Benenson, 1990).

Nesta linha, num estudo com crianças Suíças de idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos, Tietjen (1982) verificou que as raparigas referem ocupar mais tempo com os pares em relações de diáde, enquanto os rapazes diziam passar mais tempo com grupos de pares de dimensões grandes.

Sabe-se também que, ao nível do grupo de pares, as relações das raparigas são mais exclusivistas que as dos rapazes (Edler e Hallinan, 1978).

Em conformidade com esta preferência pelas interacções em diáde e por contextos relacionais mais privados, as raparigas valorizam também nas relações de amizade factores como conversações íntimas e o conhecimento profundo das amigas (Berndt, 1982).

Consequentemente, as raparigas falam mais sobre as outras entre elas que os rapazes (Dimond e Munz, 1967; Youniss e Smollar, 1985, cit. por Belle, 1988).

Nesta linha, Whiting e Whiting (1975, citados por Belle, 1988) referem que na infância as raparigas solicitam mais ajuda, nomeadamente junto da família, que os rapazes.

Um exemplo claro sobre isto é-nos dado por Wallerstein e Kelly (1980, citado por Belle, 1988) que verificaram que no caso concreto dos períodos após o divórcio dos pais, as raparigas recorrem mais aos amigos para pedirem ajuda que os rapazes.

Estes autores referem ainda, durante a fase inicial da crise resultante do divórcio dos pais, a existência de um período em que a criança ainda não está preparada para recorrer ao apoio da família e amigos. Nesta altura, os rapazes mais que as raparigas, usam o grupo de pares para se distraírem e para se distanciarem dos distúrbios caseiros.

Em suma, estas diferenças comportamentais entre os dois sexos sugerem que as raparigas, da infância à pré-adolescência, mantêm com pares e família relações fundamentalmente em díade, mais íntimas e mais exclusivistas que os rapazes.

Ainda durante o mesmo período, as raparigas também demonstram maior facilidade para solicitar apoio que os rapazes. O recurso ao apoio de outros indivíduos por parte dos rapazes, comportamento essencialmente verificado em alturas de crise, ocorre particularmente como a procura de uma fonte alternativa de satisfação ou de distração.

Estas diferenças na forma como os rapazes e raparigas se relacionam com os indivíduos das suas redes pode também ter consequências directas no processo de desenvolvimento das crianças e jovens.

Gilligan (1982) argumenta que o facto de as raparigas experimentarem prioritariamente relações em díade pode conduzi-las a um raciocínio moral facilitador de empatia e sensibilidade e ao reconhecimento do outro como alguém diferente de si.

Segundo Berndt (1982) esta tendência ao nível das relações das raparigas pode contribuir para o desenvolvimento de um sentimento de preocupação relativamente ao sucesso das outras raparigas e uma grande ansiedade relativamente à possibilidade de rejeição dos amigos.

Pelo contrário, os rapazes, envolvendo-se em grupos maiores, são remetidos para um raciocínio moral que, embora respeite as regras, fomenta uma visão mais abstrata das relações humanas.

Kon e Losenkov (1978) referem-se, numa perspectiva mais negativa, à necessidade das raparigas em partilhar confidências como uma fonte potencial para a eclosão de conflitos. Ainda segundo os mesmos autores, tais conflitos raramente ocorrem nos rapazes.

Belle (1988) sublinha a capacidade das raparigas para percepcionarem a necessidade dos outros para ficarem sózinhos face a um problema. Segundo a autora este facto correlaciona-se com as necessidades de privacidade e independência muitas vezes sentidas pelas raparigas para lidar com uma situação.

Também se verificou que os rapazes, essencialmente na infância, apresentam uma maior vulnerabilidade às situações de stress. Tal vulnerabilidade pode estar

relacionada com a dificuldade que os rapazes têm em aceder, nas suas redes sociais, a relações mais íntimas, pilares fundamentais na disponibilização de suporte social (Longfellow e Belle, 1984; Rutler, 1979).

Contudo e apesar da consistência dos resultados dos estudos supra-referidos, algumas investigações sugerem que as diferentes formas assumidas por rapazes e raparigas para interagir com os elementos das redes estão sómente relacionadas com preferências que trazem benefícios para os indivíduos.

Nesta sequência Benenson (1990) sugere que, consoante o sexo, os indivíduos elegem diferentes aspectos na relação.

Sobre este aspecto, por exemplo Best (1983, cit por Benenson 1990) observou que a aceitação do grupo de pares dependia, para os rapazes, da forma como o indivíduo se relacionava com os restantes pares do sexo masculino.

Ainda ao nível da interacção de pares, Waldrop e Halverson (1975, citados por Benenson, 1990) tendo por base observações de mães de crianças solitárias em interacção de grupo, verificaram que nas raparigas a aceitação dos pares estava correlacionada com o facto de possuírem amigas íntimas e, nos rapazes com a percepção da pertença ao grupo.

Finalmente nesta linha, Karwit e Hansell (1983) salientam que os rapazes adolescentes ao referirem as características que facilitam a interacção com os outros, sublinham questões relacionadas com o status.

#### 4.2.4. SUPORTE SOCIAL DISPONIBILIZADO POR FIGURAS ESPECÍFICAS

Quando se analisam as características das pessoas que disponibilizam suporte aos indivíduos - as designadas "fontes de suporte" - também se encontram algumas diferenças significativas entre o grupo de rapazes e o das raparigas.

Por exemplo Riley e Cochran (1987) referem a existência de um número equivalente de homens e mulheres na rede dos rapazes (idades entre os 9 e os 13 anos) que os convidam para sair. Comparativamente, os mesmos autores verificaram que, no grupo das raparigas, são geralmente as mulheres que as convidam para sair.

Alguns estudos indicam uma tendência nas raparigas com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos para passarem o tempo de lazer, por exemplo fins de semana e férias, com a família, enquanto os rapazes elegem prioritariamente o grupo de amigos (Coates, 1987; Tietjen, 1982).

Relativamente aos pedidos de apoio, Coates (1987) verificou que as raparigas adolescentes recorrem prioritariamente aos membros da família, em particular às mulheres, enquanto os rapazes favorecem os pares e os homens que não pertencem à família.

Blyth e Foster-Clark (1987, citados por Belle, 1988) demonstraram que as adolescentes identificam como importantes nas suas vidas um número significativo de mulheres da sua família.

Curiosamente, ao comparar as relações de intimidade estabelecidas pelas raparigas na família e no grupo de pares, os autores verificaram que as raparigas encontram mais suporte emocional no grupo de pares e neste, em amigas do mesmo sexo.

No que respeita aos laços familiares e à intimidade das relações estabelecidas com as figuras parentais, Youniss e Smollar (1985, citados por Belle, 1988) salientam que as raparigas adolescentes estão mais próximas das mães e mais distantes dos pais que os rapazes.

As pesquisas realizadas nesta área contrariam a noção de que as raparigas estão mais próximas do contexto familiar e que os rapazes se centram mais nos pares quando necessitam de ajuda (Belle, 1988).

De facto, embora se verifique que as raparigas passam mais tempo com a família do que com os pares, é nos pares, fundamentalmente junto das melhores amigas, que obtêm a maior parte do suporte emocional (Feiring e Lewis, 1988).

#### 4.2.5 SUPORTE DISPONIBILIZADO AOS OUTROS INDIVÍDUOS

Alguns estudos apontam para a existência de diferenças de sexo no suporte disponibilizado por crianças e adolescentes.

Whiting e Whiting (1975) referem a capacidade das raparigas durante a fase da adolescência para oferecerem mais apoio e suporte aos outros que os rapazes.

Esta tendência das raparigas é, segundo os mesmos autores, alargada a actividades que envolvam o apoio a crianças mais pequenas e idosos.

Tal facto pode estar associado ao instinto maternal manifestado nas raparigas desde cedo que, segundo Whiting e Edwards (1988), predispõe as raparigas para uma maior sensibilidade aos aspectos da comunicação não verbal e ao consequente descodificar de mensagens/solicitações não verbalizadas.

Segundo Belle (1988) uma das grandes lacunas dos estudos realizados sobre suporte social em crianças e adolescentes é centrarem-se nos indivíduos enquanto receptores de suporte e muito pouco como disponibilizadores de suporte.

Em suma, os estudos realizados na área das redes sociais das crianças e adolescentes em função do sexo, sugerem a existência de diferenças significativas entre rapazes e raparigas.

De maneira geral, as redes dos rapazes, embora mais largas, não são tão activas nem disponibilizam tanto suporte como as das raparigas.

Tal facto, pode estar ligado à facilidade que as raparigas apresentam para estabelecer laços mais íntimos com alguns indivíduos das suas redes, o que facilita a disponibilização e a recepção de suporte social (Belle, 1988).

#### 4.2.6.. INTERPRETAÇÃO DA MANIFESTAÇÃO DE DIFERENÇAS NAS REDES SOCIAIS EM FUNÇÃO DO SEXO

Em face destas diferenças alguns autores preocuparam-se em justificá-las no contexto social que os jovens criam nas suas relações.

São sugeridas várias interpretações para as diferenças que se manifestam nas interacções sociais, em função do sexo.

Por exemplo, Chodorow (1987) para explicar a diversidade de contactos sociais dos rapazes e o maior tamanho das suas redes, sugere que estes precisam “romper” com

as relações maternas, o que justifica a necessidade de um grupo de relações mais amplo e diferenciado que as raparigas.

Também Savin-Williams (1987), ao constatarem a presença de hierarquias dominantes nos grupos de rapazes, hipotetizam que estas podem servir para inibir a expressão dos impulsos agressivos. Não tendo constatado a existência de hierarquias no grupo das raparigas, sugerem que o facto pode ter a ver com uma menor necessidade para inibir os impulsos agressivos - embora se espere que os conflitos se expressem claramente de outras formas que não impliquem agressão física.

Maclelland (1975) e Jacklin e Maccoby (1978), não descurando um aspecto evolutivo nos comportamentos, defendem que rapazes e raparigas optam por diferentes estilos de interacção por questões de prazer.

Ainda segundo os mesmos autores e numa perspectiva evolucionista, os homens evoluem formando núcleos de protecção à família e ao grupo de pertença, enquanto as mulheres evoluem no sentido do estabelecimento de díades de protecção aos seus filhos. Tal facto contribuirá decisivamente para a eleição de diferentes atributos nas relações assumidas diferenciadamente por uns e por outros.

Nesta sequência e relativamente às relações em grupos de pares, Belle (1988) hipotetiza que com a entrada na adolescência a pressão do grupo de pares exerce efeitos diferentes em rapazes e raparigas. Os rapazes desenvolvem interesses mais sedimentados no status do grupo e as raparigas preocupam-se mais com os atributos que conduzem ao estabelecer de laços de intimidade e de relações recíprocas.

Assumindo-se que na adolescência as relações ao nível de pares são alargadas aos dois sexos, é sugerido por Feiring e Lewis (1988) que os grupos de rapazes e raparigas incorporam estas novas relações de formas diferentes.

Assim, para os rapazes, as relações heterossexuais podem ser perigosas para a coesão do grupo pois, tendo atributos necessariamente diferentes, afastam os indivíduos do grupo para as relações de casal.

Em contraste, as relações de amizade entre raparigas parecem coexistir mais facilmente com relações heterossexuais pois os atributos de amizade mais importantes nas relações de grupo das raparigas são muito similares aos desenvolvidos na dinâmica das relações heterossexuais.

Assim, embora as raparigas tenham disponibilidade para uma amiga íntima que está envolvida numa relação heterossexual, continuam a ter capacidade para manter também relações com o outro sexo.

O contexto das relações de pares é também importante para o entendimento das diferenças que rapazes e raparigas manifestam no seu comportamento social.

Por exemplo Putallaz e Wasserman (1989) encontraram diferenças significativas nos dois sexos, nos comportamentos problemáticos de entrada em grupos de pares.

Segundo os autores, os problemas nas relações de grupos de pares nos rapazes adolescentes, quando ocorrem, têm por base redes sociais individuais muito pequenas - contrariamente às características das redes sociais dos rapazes - o que lhes dificulta a adesão a grupos de grandes dimensões.

Para as raparigas adolescentes, desde que manifestem relações de qualidade com pares, ainda que em díade, manifestam uma maior predisposição para experimentar contactos mais diferenciados no grupo de pares. Salientam, contudo, o facto de as raparigas recorrerem mais à família por forma a diferenciar os seus contactos, muitas vezes restritos no grupo de pares.

Relativamente à “norma” dos comportamentos assumidos por rapazes e raparigas nas suas relações encontraram-se algumas “excepções”. Para Putallaz e Wasserman (1989) um dos motivos que pode explicar as dificuldades das raparigas em lidarem com os grupos de pares pode ter a ver com o facto de terem tido poucas experiências de interacção, ou interacções com insucesso, o que as conduz a uma maior dificuldade nas relações heterossexuais de grupo. Por outro lado, rapazes que preferem interagir com os outros investindo em relações com intimidade, forma essencialmente característica das raparigas, tendem a reagir de forma muito semelhante a estas.

Da mesma forma, raparigas que mantêm e preferem redes muito largas- semelhantes às dos rapazes- funcionarão mais como os rapazes nas suas redes sociais o que lhes dificultará por exemplo o acesso (e a disponibilização) de suporte.

Estes estudos sugerem que rapazes e raparigas obtêm diferentes forma de prazer com as relações que desenvolvem o que, para além de clarificar algumas incongruências nas conclusões dos estudos realizados, pode também justificar algumas das diferenças verificadas nas formas de ambos os grupos se relacionarem com os outros.

## 5. LEVANTAMENTO DO PROBLEMA

Em função dos elementos referidos, assume, para nós, particular pertinência a questão:

Existirão diferenças significativas entre as redes sociais de rapazes e raparigas adolescentes?

## 6. OBJECTIVOS

### 6.1. Objectivos Gerais

O presente estudo pretende comparar as redes sociais delineadas por rapazes e raparigas com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos (inclusivé).

### 6.2. Objectivos Específicos

- Comparar as redes sociais e de suporte delineadas por rapazes e raparigas, no tamanho, composição e qualidade das relações estabelecidas nos seguintes aspectos:

- . Tamanho da rede social total e da rede de suporte
- . Composição da rede social e rede de suporte e “efeito clivagem de sexo”
- . Qualidade das relações estabelecidas com a rede de suporte:
  - tipo de problema para o qual é solicitada a ajuda
  - atitude das pessoas da rede de suporte
  - sentimentos dos adolescentes após recurso á rede
  - desvio
- . Suporte disponibilizado pelos entrevistados à rede social total
- . Negatividade nas relações assumidas na rede social
- . Perspectiva de duração das relações com a rede social
- . Frequência dos contactos com a rede social
- . Grau de intimidade nas relações com a rede social
- . Tipo de actividades partilhadas com as pessoas da rede
- . Mutualidade das relações com as pessoas da rede
- . Satisfação e obrigatoriedade das relações na rede
- . Densidade das redes sociais

- Analisar os contextos relacionais dos rapazes e das raparigas, bem como as actividades partilhadas nesses contextos

## 7. HIPÓTESES

### 7.1. Hipótese Geral

Existem diferenças significativas nas redes sociais totais e redes de suporte delineadas por rapazes e raparigas adolescentes (15/17 anos , inclusivé), nomeadamente no tamanho, composição e qualidade das relações assumidas.

### 7.2. Hipóteses Específicas

1. As redes sociais dos rapazes são maiores que as das raparigas;
2. As relações das raparigas centram-se nos contextos familiares enquanto as dos rapazes se desenrolam mais nos grupos de pares.
3. As raparigas têm redes de suporte maiores que os rapazes, disponibilizando também mais suporte aos outros;
4. Rapazes e raparigas estabelecem relações com diferente qualidade ao nível da rede de suporte e rede total;
5. As redes sociais das raparigas são mais densas que as dos rapazes

## **II. METODOLOGIAS**

## 1. AMOSTRA :

### Seleccção e Caracterização

Para a realização do presente estudo utilizou-se uma amostra final de 60 alunos do ensino secundário oficial, tendo-se constituído, em função do sexo, dois grupos distintos de 30 indivíduos cada : grupo dos rapazes e grupo das raparigas.

Abrangeu-se uma faixa etária compreendida entre os 15 e os 17 anos (inclusivé).

Existindo um canal privilegiado da Equipa de Prevenção Primária (EPP) do Centro de Estudos e Profilaxia da Droga (CEPD) com a Escola Secundária de Linda-a-Velha, recorreu-se ao auxílio de um técnico desta equipa (Dr. Rui Pedro) para obtenção de autorização do Conselho Directivo daquela escola para aí realizar as entrevistas.

Para o recrutamento da amostra, que decorreu em Abril do ano lectivo de 1992/93, foram visitadas em período de aulas e conforme orientação do Conselho Directivo, 3 turmas do 9º, 10º e 11º ano de escolaridade, tentando-se incluir nos 2 últimos anos turmas das diferentes áreas específicas, bem como de diferentes horários lectivos.

Anotando-se os alunos que se voluntarizaram para participar no trabalho, estabeleceu-se posteriormente contacto telefónico por forma a agendar dia e a hora do encontro.

Dos 107 voluntários recrutados (curiosamente cerca de 70 raparigas) só foi possível agendar encontro com 54 jovens. Assim e por forma a garantir um número mínimo de

30 indivíduos em cada um dos grupos de análise, foram os últimos 6 jovens (rapazes) recrutados nos espaços de intervalo.

Relativamente à escola, trata-se de uma instituição que serve essencialmente as zonas de Linda-a-Velha, Algés e Miraflores (Concelho de Oeiras).

Segundo os responsáveis, os pais são predominantemente da classe média, existindo algumas famílias mais carenciadas de alguns bairros sociais de Linda-a-Velha e de zonas mais antigas de Algés de Cima e Carnaxide.

Embora perto da zona da escola exista o “famoso” bairro degradado “Pedreira dos Húngaros” - que manifesta um conjunto de problemáticas sociais graves das quais o tráfico e o consumo de droga assumem dimensão de relevo - a escola não tem um número significativo de adolescentes daí oriundos, “diluindo-se” os existentes na restante população escolar.

Contudo, ainda segundo os responsáveis, é preocupante a falta de segurança dos alunos “fora de muros”, não existindo policiamento ou segurança.

O insucesso escolar também não é referido com grande incidência manifestando -se contudo, uma preocupação dos dirigentes pedagógicos com a prevenção dos comportamentos de risco, nomeadamente com a prevenção do uso/abuso de substâncias tóxicas. É aliás nesta sequência que surge uma articulação estreita entre a escola e a Equipa de Prevenção Primária do Centro de Estudos e Profilaxia da Droga.

## 2. INSTRUMENTOS

### 2.1. NETWORK INTERVIEW: ENTREVISTA SOBRE REDES SOCIAIS- VERSÃO ORIGINAL

Segundo Cochran (1989) e como forma de justificar a existência de uma diversidade de estratégias já delineadas para o estudo das redes sociais, os instrumentos criados ou incluídos num determinado estudo devem ser escolhidos em função dos objectivos e da natureza das questões colocadas pela investigação em causa.

Assim sendo e dado que nos interessava uma abordagem às redes de um ponto de vista individual e que não pretendíamos só a análise do suporte social disponibilizado pela rede, mas que queríamos obter também uma noção mais generalista dos contactos sociais desenvolvidos pelos adolescentes, utilizámos a entrevista sobre redes sociais (Network Interview) proposta pela Universidade de Illeinois (1984) que foi contudo adaptada nalguns pontos (vide ponto 2.2).

Trata-se de uma entrevista semi- estruturada que visa a análise da rede social global, bem como do apoio social disponibilizado por essa rede ao indivíduo. Para além de ser utilizada como um instrumento de investigação, é também útil como suporte ao planeamento de programas terapêuticos individuais (nomeadamente na área da saúde mental).

Implica o estabelecimento de uma relação entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao investigador a apropriação de um conjunto de dados sobre as experiências relacionais e emoções do indivíduo - expressas por comportamentos verbais e não verbais.

Contudo, porque “(...)é difícil identificar exaustivamente todos os laços relacionais estabelecidos pelas pessoas no decurso da vida quotidiana” (Cochran, 1989) o instrumento contempla apenas o estudo da rede designada por “primária” (Cochran,1989) ou seja, os contactos sociais identificados pelos indivíduos como importantes para si.

No modelo original é sublinhada a necessidade de aceitação do entrevistado - traduzida pela assinatura de uma folha de consentimento - a confidencialidade das respostas, bem como a livre opção do inquirido em responder a cada uma das questões colocadas.

Na consigne geral pede-se ao entrevistado que nomeie as pessoas mais importantes na sua vida, conquanto tenha estado em contacto com elas nos últimos 6 meses.

Pelo facto de ser uma entrevista longa, o manual - vidé anexo - sugere a utilização de dois momentos distintos para a recolha de informação.

A entrevista engloba várias dimensões, a saber:

- I. Informação demográfica
- II. Delineação da rede social total
- III. Ajuda recebida (delineação da rede individual de suporte)
- IV. Ajuda fornecida
- V. Negatividade
- VI. Duração das relações
- VII. Delineação da amostra
- VIII. Frequência da interacção
- IX. Intimidade
- X. Actividades, mutualidade, satisfação e obrigação nas relações
- XI. Densidade

A recolha de dados é facilitada pela existência de quatro folhas de registo, nomeadamente:

A - Folha de informação demográfica: onde se registam os dados referentes à idade, sexo, religião, estado civil, número de filhos, grau de instrução do indivíduo e conjuge, profissão e status profissional do indivíduo e conjuge.

B - Folha de delineação da rede social total e rede de suporte: implica o registo do nome de todos os elementos da rede citados, bem como a atribuição de um número de ordem. Por forma a facilitar a referência aos indivíduos pede-se ao entrevistado que agrupe as pessoas nomeadas pelos seguintes grupos ou categorias:

- . Família (Fa)
- . Amigos (Am)
- . Colegas de trabalho (CT)
- . Colegas de Escola (CE)
- . Técnicos (T)
- . Outros Elementos da Rede (O)
- . Férias (F)
- . Melhor Amigo (MA)

Para a delineação da rede utiliza-se o critério importância. No manual da entrevista este critério varia em função da categoria em causa. Por exemplo para a família e amigos o número máximo de elementos considerados é 10, para os grupos colegas de trabalho, de escola, técnicos e outros elementos da rede o número máximo de indivíduos considerados é de 5. Quando o entrevistado excede este número, o manual sugere que se pergunte em cada categoria de análise onde o indivíduo refere mais do que o número de elementos permitido: “Se ficasse por aqui, ainda lhe faltava referir alguém importante?”

Nesta folha regista-se também quais os elementos da rede total que disponibilizam suporte (rede de suporte) quando os entrevistados o solicitam - Ajuda Recebida - bem como alguma informação relativa à qualidade do suporte disponibilizado: tipo de problema pelo qual recorrem aos indivíduos referidos; atitude assumida pelos diferentes indivíduos aos quais recorre; e sentimento do entrevistado após recorrer aos indivíduos referidos. Estas últimas três dimensões de análise estão já codificadas, incluindo as seguintes hipóteses de resposta:

- Tipo de Problema:

1. Saúde física
2. Desgosto consigo próprio
3. Assistência económica visível
4. Problemas conjugais
5. Filhos ou outros elementos da família
6. Outras relações sociais
7. Outros (especificar)

- Atitude assumida pelos sujeitos a quem o entrevistado recorre:

1. Escuta
2. Dá apoio
3. Indica -me a quem devo recorrer
4. Mostra-me uma nova maneira de pensar sobre o assunto
5. Dá-me conselhos
6. Faz qualquer coisa de visível
7. Conta-me um problema semelhante que já teve

- Sentimento que o entrevistado tem depois de recorrer ao auxílio dos elementos da sua rede de suporte:

1. Muito aliviado
2. De alguma forma aliviado
3. Na mesma
4. De algum modo pior
5. Muito pior

Nesta segunda folha de registo é ainda anotada a informação relativa à rede total, nomeadamente ao nível da ajuda fornecida - elementos da rede social total aos quais o entrevistado dá apoio- ; negatividade (eclosão de conflitos) e a duração (perspectivas de continuidade da relação).

C- Folha da amostra: ao início do preenchimento desta folha é necessário delinear um subgrupo, ou uma amostra representativa da rede social total individual, que segundo o manual, deve ser feito segundo o critério prioridade anteriormente referido. Para esta operação o manual apresenta uma tabela.

Na folha, registam-se os dados relativos à frequência das interacções, duração da relação, grau de intimidade, actividades desenvolvidas com os elementos da rede, mutualidade, grau de satisfação com as relações assumidas e obrigatoriedade das mesmas.

Algumas destas dimensões de análise, encontram-se também previamente codificadas:

- Frequência da interacção:

1. Diariamente
2. Semanalmente
3. Mensalmente
4. Algumas vezes por ano

5. Uma vez por ano, ou menos

- Grau de Intimidade assumida nas relações - pretende-se verificar se o sujeito fala sobre assuntos mais íntimos com alguns dos elementos da rede.

- Actividades desenvolvidas com os diferentes elementos da rede:

1. Actividades recreativas
2. Divertimentos
3. Conversar
4. Actividades na área do estudo e/ou trabalho
5. Outros (especificar)

- Mutualidade: pretende avaliar qual é a forma sob a qual o indivíduo sente a reciprocidade na relação:

1. Parece-me que dou bastante mais na relação
2. Parece-me que dou um pouco mais na relação
3. Parecer-me que dou e recebo o mesmo na relação
4. Parece-me que recebo um pouco mais na relação
5. Parece-me que recebo bastante mais na relação

- Grau de satisfação com as relações assumidas:

1. Insatisfeito
2. Algo satisfeito
3. Satisfeito
4. Muito satisfeito

5. Extremamente satisfeito

- Obrigação (grau de obrigatoriedade nas relações):

1. Nada obrigado

2. Algo obrigado

3. Obrigado

4. Muito obrigado

5. Extremamente obrigado

D- Folha de Densidade: Nesta folha, uma matriz de dupla entrada, são registadas todas as pessoas referidas pelo entrevistado como fazendo parte da sua rede social total. Pretende-se registar a conexão existente entre as pessoas que constituem a rede, segundo dois critérios. Quando os indivíduos se conhecem ou se já estiveram em contacto um com o outro assinala-se um X; se os indivíduos se relacionam, independentemente da presença do nosso entrevistado na relação, marca-se um círculo.

#### 2.1.1 ADAPTAÇÃO DA ENTREVISTA SOBRE REDES SOCIAIS AO ESTUDO

Em função da faixa etária da amostra, dos objectivos do estudo e do contexto onde foram recolhidos os dados (contexto escolar), houve necessidade de introduzir algumas alterações no modelo original da “network interview”.

#### 2.1.1.1. Alteração dos dados recolhidos na Folha de informação demográfica:

Retiraram-se os pontos relativos aos dados sobre o estado civil do indivíduo; número de filhos; educação/grau de ensino do próprio e do conjugue; profissão do próprio e do conjugue; status profissional do próprio e do conjugue.

Acrescentaram-se itens para recolha dos seguintes dados: prática de actividades desportivas; pertença a grupos especiais; ano que frequenta; turma; área específica; tempo em que frequenta aquela escola; turno horário; média das notas do ano anterior; número de notas negativas no período anterior (final do 2º período); profissão do pai e da mãe; habilitações do pai e da mãe; idade do pai e da mãe; número de irmãos, idade e sexo; e zona de residência.

#### 2.1.1.2. Alterações dos dados da folha de delineação da rede social total:

Eliminaram-se as referências às categorias colegas de trabalho; técnicos e férias. Consideraram-se assim só as seguintes categorias de análise: Família; melhores amigos, amigos, colegas de escola e outras pessoas importantes. Criou-se a categoria professores.

Foi eliminado o critério de prioridade permitindo-se que o indivíduo referisse tantas pessoas quantas fossem importantes para ele em cada categoria..

Foi também avaliada a multidimensionalidade das relações (pessoas que assumem vários papéis) - vide ponto 2.3.1. Pré-teste.

Ainda nesta folha, no ponto III - Ajuda recebida- acrescentou-se, nos problemas com os quais o indivíduo recorre à rede de suporte, uma nova opção de resposta: problemas com actividades que envolvem estudo

#### 2.1.1.3. Alterações nos dados da folha da amostra:

No ponto IX -intimidade nas relações - criaram-se 5 opções de resposta fechada, a saber:

1. Romance- conversas e actividades
2. Família: conversas que envolvem problemas familiares ou questões de família
3. Sentimentos
4. Escola e trabalho escolar
5. Outras

## 2.2. QUESTIONÁRIO SOBRE OS CONTEXTOS ONDE DECORREM AS RELAÇÕES E ACTIVIDADES PARTILHADAS

Dado que a entrevista sobre redes sociais não explora aspectos sobre os contextos onde decorrem as relações, tão pouco quais as actividades ligadas a esses contextos, concebemos, com vista ao seu estudo, um questionário de resposta aberta.

A elaboração do questionário teve em conta as categorias exploradas na entrevista sobre redes sociais (família, melhores amigos, amigos, colegas de escola, outros elementos da rede e professores), bem como o sexo dos elementos de cada uma destas categorias.

Assim incluíram-se 6 perguntas para cada uma das categorias consideradas. Por exemplo em relação à família pergunta-se:

1. Onde é que te costumavas encontrar com a tua família?

2. Refere, em função de cada um dos locais, quais os tipos de actividades em que se envolvem.

3. Onde é que te costumavas encontrar com as mulheres da tua família?

4. Refere, em função de cada um dos locais, quais os tipos de actividades em que se envolvem.

5. Onde é que te costumavas encontrar com os homens da tua família?

6. Refere, em função de cada um dos locais, quais os tipos de actividades em que se envolvem.

Estas perguntas são também feitas para as restantes categorias de análise.

## 2.3. PRÉ-TESTE

### 2.3.1. PRÉ-TESTE DA ENTREVISTA SOBRE REDES SOCIAIS

Após a introdução das alterações supra-referidas ao original da entrevista sobre redes sociais, realizou-se um pré-teste.

Este pré-teste foi feito a 11 indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos, recrutados na nossa rede de contactos informais. Foram inquiridos 5 rapazes e 6 raparigas.

A avaliação do pré-teste, fez-nos eliminar da análise da rede total individual as categorias professor e outras pessoas importantes da rede. A eliminação destas categorias justificou-se pelo facto de os inquiridos no pré-teste não terem referido nenhuns indivíduos nestas categorias. Sublinha-se contudo, não ter sido descurada na amostra final a pergunta “existe ainda alguém que seja importante para ti e que não tenhas referido?”.

No pré-teste, a multidimensionalidade das relações assumiu relevância sobretudo nas categorias amigos e colegas de escola. De facto, verificámos que os indivíduos nomeavam elementos na categoria amigos (eventualmente na categoria melhores amigos), salientando-os, posteriormente, também na categoria colegas de escola. Tratam-se dos elementos que assumem vários papéis na mesma rede. De forma a controlar esta sobreposição adoptámos os seguintes critérios:

Após a listagem dos nomes incluídos em cada uma das categorias, perguntávamos ao entrevistado se existia alguém que aparecesse por exemplo na família e que também tivesse sido indicado como melhor amigo, amigo ou colega de escola. Caso fosse afirmativa a resposta, ao lado do nome colocava-se uma anotação e, depois de o indivíduo escolher qual a categoria em que a relação tinha mais importância, eliminava-se o número de ordem na categoria em que aparecia o nome repetido.

Tendo-se constataado mesmo assim uma grande dificuldade dos entrevistados em elegerem a prioridade dos papéis da relação entre as categorias amigos e colegas de escola, por vezes entre melhores amigos e colegas de escola, pedíamos ao jovem que pensasse um pouco sobre qual era a relação que tinha mais importância. Só prosseguíamos a entrevista depois de uma resposta clara, cuja avaliação, muitas vezes, implicava a justificação da escolha feita.

### 2.3.2. PRÉ-TESTE AOS QUESTIONÁRIOS

O pré-teste aos questionários foi realizado na mesma amostra em que se testou a entrevista sobre redes sociais: um total de 11 jovens, sendo 6 raparigas e 5 rapazes.

Na sequência dos resultados do pré-teste da entrevista, eliminaram-se também as categorias outros elementos da rede e professores.

Tendo-se verificado a existência de confusão no paralelismo entre a identificação do contexto onde decorria a relação e as actividades nelas partilhadas, alterou-se o formato do questionário, incluindo espaços distintos mas paralelos para os 2 tipos de resposta.

### 3. PROCEDIMENTOS

A recolha dos dados realizou-se entre finais de Maio e Junho do ano lectivo 92/93.

Após a selecção da amostra, agendou-se, individualmente, dia e hora do 1º encontro.

As entrevistas foram feitas num espaço recolhido da biblioteca da Escola Secundária de Linda-a-Velha que, à partida, tinha algumas condições de privacidade.

Verificando-se no pré-teste a demora de alguns inquiridos em dar a resposta global à primeira entrevista (entrevista sobre redes sociais), elegeram-se dois momentos específicos de recolha de dados para cada candidato: um primeiro, onde se aplicava a entrevista sobre redes sociais e, um segundo, onde se submetiam os jovens, também individualmente, ao questionário sobre os contextos onde decorrem as relações e as actividades nelas partilhadas.

No final da resposta à entrevista sobre redes sociais agendou-se com cada entrevistado, mediante as disponibilidades, a data do encontro para preenchimento do questionário, sensivelmente uma semana depois.

As entrevistas sobre redes sociais demoraram, em média, 30 minutos cada uma, tendo-se verificado nos tempos de resposta diferenças individuais entre os 20 minutos (tempo mínimo) e 1h e 20m (tempo máximo).

A anotação dos dados foi feita pelo entrevistador, adoptando-se, em caso de dúvida, os critérios de selecção anteriormente referidos na realização do pré-teste.

O preenchimento dos questionários, que decorreu no segundo encontro, demorou entre 10 e 25 minutos. Esta divisão nos momentos de recolha de dados não foi contudo muito benéfica, uma vez que muitos dos entrevistados não compareceram ao segundo encontro.

O preenchimento do questionário foi feito pelos entrevistados, servindo o entrevistador apenas como orientador e esclarecedor de dúvidas.

#### 4. TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados foram inseridos em base de dados procedendo-se da seguinte forma:

Para as variáveis que implicavam dimensões (como tamanho da rede social e de suporte, do grupo de pares, do grupo da família, etc) registou-se o número de indivíduos listados pelos sujeitos da amostra (sucessivos processos de contagem em função das variáveis consideradas).

No caso das variáveis qualitativas com respostas previamente codificadas, procedeu-se a um registo directo.

A densidade foi registada calculando-se um índice para cada uma das matrizes individuais, através da fórmula  $D = (100 \times N_a) / (1/2N \times (N-1))$  (Boissevain e Mitchell, 1973).

Posteriormente, fez-se tratamento estatístico com recurso ao SPSS.

Para testar as hipóteses experimentais colocadas submeteram-se os dados ao teste “T. de Student” (grau de significância de 0.05).

Procedeu-se ainda a uma análise descritiva (cálculos percentuais) dos dados que implicavam questões qualitativas (natureza dos problemas, atitudes, contextos relacionais etc).

### **III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A análise dos resultados indica-nos a existência de algumas diferenças significativas nas redes sociais dos rapazes e raparigas adolescentes observados - vidé cálculos e estatística em anexo.

Lembramos que pretendíamos estudar o tamanho e composição das redes sociais e de suporte de rapazes e raparigas adolescentes, bem como a qualidade das relações nelas estabelecidas.

Antes de prosseguirmos e dado a extensão da análise dos resultados, parece-nos lícito explicar a forma como os apresentamos.

Assim, os elementos encontram-se organizados em dois grandes pontos (1: Apresentação dos resultados obtidos através da entrevista sobre redes sociais e; 2: Apresentação dos resultados obtidos com a aplicação do questionário).

Relativamente ao ponto (1), o mais extenso, analisa-se o tamanho e composição das redes sociais e de suporte estudadas (ponto 1.1) e a qualidade das relações nelas estabelecidas (ponto 1.2.). Estes dois pontos subdividem-se em 2 alíneas (A e B), respectivamente a análise dos dados da Rede Social e os da Rede de Suporte. Compara-se também, em cada item, os resultados obtidos em função do sexo dos personagens da rede.

Inclui-se ainda informação complementar sobre a qualidade das relações estabelecidas nas redes sociais, recolhida com base numa amostra dos contactos das redes sociais individuais (recolha contemplada no instrumento- delineação da amostra) (ponto 1.3). Posteriormente, analisa-se a densidade das redes sociais (ponto 1.4), salientando-se, finalmente, alguns aspectos secundários mas avaliados como complementares (1.5).

No ponto 2. apresentam-se os resultados obtidos através do questionário, analisando-se os locais onde os jovens mais se encontram com os elementos da sua rede social, bem como as actividades partilhadas.

## 1. RESULTADOS DA ENTREVISTA SOBRE REDES:

### 1.1. TAMANHO E COMPOSIÇÃO DAS REDES SOCIAIS E DE SUPORTE

#### A) REDE SOCIAL

##### 1. TAMANHO DAS REDES SOCIAIS :

Existe diferença significativa no tamanho das redes sociais totais de rapazes e raparigas.

De facto, verificamos - vidé quadro 1 (resultados do teste t.de student para o número total de pessoas na rede social ) e figura 1 (comparação de médias) - que, em média, as redes sociais das raparigas são maiores que as dos rapazes (  $t = 4.26$ ,  $p = 0$ ;  $p < .05$ ).

---

**Número de Pessoas na Rede Social**

| raparigas | rapazes | valor t. | grau signifcan. |
|-----------|---------|----------|-----------------|
| 12.43     | 8.03    | 4.26     | 0               |

---

Quadro 1: Resultados do teste t de student

Podemos afirmar que as raparigas têm, em média, redes sociais maiores que os rapazes.

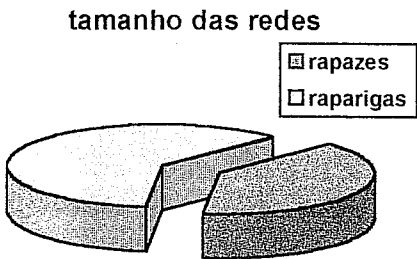


Figura 1: média de pessoas nas redes sociais de rapazes e raparigas

Vejamos, em seguida, se existe diferença no número de homens e mulheres que compõem as redes de rapazes e raparigas. O quadro 2 apresenta os resultados do teste t. de student, comparando a média do número de indivíduos do sexo feminino e masculino presentes nas redes sociais totais de raparigas e rapazes.

**Homens e Mulheres nas Redes Sociais de Rapazes e Raparigas**

| t de student     | raparigas | rapazes | valor t. | grau de signific. |
|------------------|-----------|---------|----------|-------------------|
| mulheres na rede | 7.97      | 3.3     | 7.84     | 0                 |
| homens na rede   | 4.5       | 4.87    | -5.2     | 0.64              |

Quadro 2: Resultados do teste t. de student para o número de homens e mulheres nas redes estudadas

Há mais personagens do sexo feminino ou masculino nas redes sociais analisadas?

Verificamos que existe diferença significativa no número de mulheres existentes nas redes de rapazes e raparigas apresentando as redes das raparigas, em média, mais mulheres que os rapazes nas suas redes ( $t = 7.84$ ,  $p = 0$ ;  $p < .05$ ).

Embora os rapazes apresentem em média, e comparando com o grupo das raparigas, um número superior de indivíduos do sexo masculino nas suas redes, o teste de comparação de médias não acusa diferenças significativas. A comparação de médias é ilustrada pela figura 2.

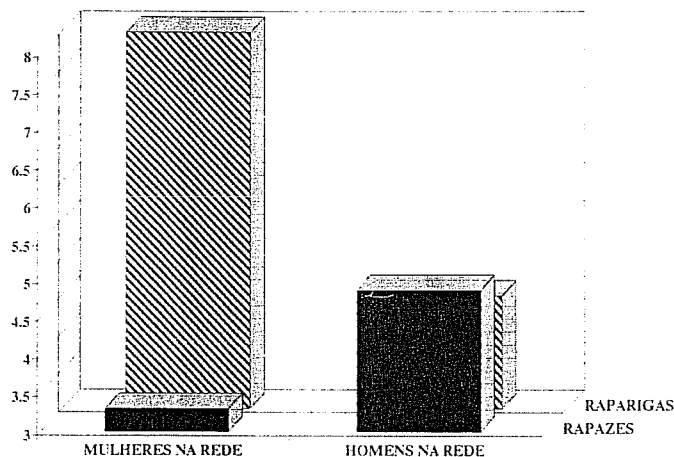


Figura 2: homens e mulheres nas redes de rapazes e raparigas

Em suma, o “efeito de clivagem de sexo” pode ser afirmado com significado estatístico sómente para as raparigas: as raparigas têm mais mulheres nas suas redes que os rapazes.

## 2. COMPOSIÇÃO DAS REDES SOCIAIS:

Ao nível da composição das redes e tendo em conta os grupos relacionais estudados - família, melhores amigos, amigos e colegas de escola - as redes sociais de rapazes e

raparigas apresentam também algumas diferenças significativas.

**Composição das Redes Sociais de Rapazes e Raparigas**

| teste t de student | raparigas | rapazes | valor t. | grau de signif. |
|--------------------|-----------|---------|----------|-----------------|
| família            | 5.267     | 4.03    | 2.35     | 0.022           |
| melhores amigos    | 1.267     | 0.66    | 2.78     | 0.007           |
| amigos             | 4.6       | 2.9     | 2.17     | 0.034           |
| colegas de escola  | 1.37      | 0.47    | 1.85     | 0.071           |

Quadro 3: Resultados do teste T.de Student para a composição das redes sociais de rapazes e raparigas

O quadro 3 apresenta os resultados do teste T. de student em função da composição estudada nas redes sociais totais de rapazes e raparigas (média do número de pessoas presentes nos grupos da família, melhores amigos, amigos e colegas de escola).

Verificamos que as raparigas têm mais familiares nas suas redes que os rapazes (  $T = 2.35$ ,  $p = 0.022$ ;  $p < .05$  ), bem como melhores amigos (  $T = 2.78$ ,  $p = 0.007$ ;  $p < .05$  ) e amigos (  $T = 2.17$ ,  $p = 0.034$ ;  $p < .05$  ). A figura 3 ilustra estes resultados.

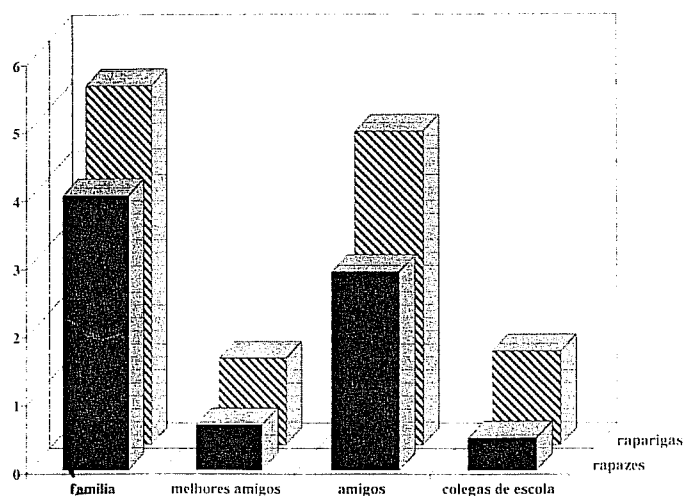


Figura 3: número médio de pessoas nas redes de rapazes e raparigas em função da composição da rede

Verificamos ainda que, tanto raparigas como rapazes têm, proporcionalmente, mais pessoas nos grupos família, depois amigos, melhores amigos e, colegas de escola.

Vejamos, em seguida, a composição das redes sociais de rapazes e raparigas em função do sexo das pessoas que compõem cada um dos grupos estudados. A análise do quadro 4 - resultados do teste t. de student - indica a existência de diferenças significativas no número dos homens e mulheres que compõem cada um dos grupos analisados nas redes. Assim, as raparigas referem mais mulheres nas suas famílias que os rapazes ( $t = 3.32$ ,  $p = 0.002$ ;  $p < .05$ ) bem como mais melhores amigas ( $t = 6.5$ ,  $p = 0$ ;  $p < .05$ ) e amigas ( $t = 4.7$ ,  $p = 0$ ;  $p < .05$ ).

**Composição das Redes e Sexo dos Intervenientes**

| teste t de student               | Rapazes | Raparigas | Valor T. | Grau de Signif. |
|----------------------------------|---------|-----------|----------|-----------------|
| Pessoas na Rede                  | 8.033   | 12.43     | 4.26     | 0               |
| Homens da família                | 2.033   | 2.1       | 0.2      | 0.84            |
| Mulheres da família              | 1.967   | 3.1       | 3.32     | 0.002           |
| Melhores Amigos                  | 0.533   | 0.333     | 1.11     | 0.272           |
| Melhores Amigas                  | 0.1667  | 0.933     | 6.52     | 0               |
| Amigos                           | 2.033   | 1.5667    | 1.02     | 0.313           |
| Amigas                           | 0.9667  | 2.8667    | 4.7      | 0               |
| Colegas de Escola<br>(rapazes)   | 0.3     | 0.2667    | 0.16     | 0.87            |
| Colegas de Escola<br>(raparigas) | 0.233   | 0.7       | 1.75     | 0.087           |

Quadro 4: Resultados do teste t de student em função da composição das redes e sexo dos personagens

Torna-se pois evidente o “efeito de clivagem de sexo” no grupo das raparigas relativamente a todos os grupos estudados, exceptuando o grupo das colegas de escola.

O efeito de “clivagem de sexo” não é contudo tão notório no grupo dos rapazes pois, embora apresentem em média mais homens que mulheres nos grupos melhores amigos, amigos e colegas de escola, a diferença não assume significado estatístico.

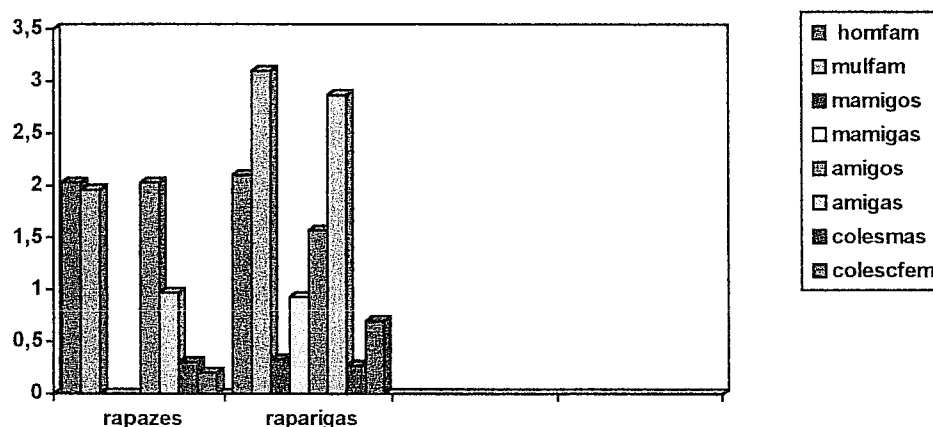


Figura 4: categorias dos personagens identificados e sexo para rapazes e raparigas

Analisemos, em seguida, os resultados obtidos para o tamanho e composição das redes de suporte de rapazes e raparigas.

## **B) REDES DE SUPORTE**

### **1. TAMANHO DAS REDES DE SUPORTE:**

Existe diferença significativa no tamanho das redes de suporte de rapazes e raparigas.

O quadro 5 apresenta os resultados do teste t. de student para o tamanho das redes de suporte de rapazes e raparigas.

**Tamanho das Redes de Suporte de Rapazes e Raparigas**

| Raparigas | Rapazes | Valor T. | Grau de Signific. |
|-----------|---------|----------|-------------------|
| 6.83      | 4.06    | 3.95     | 0                 |

Quadro 5: Resultados do teste t. de student para o tamanho das redes de suporte

Verificamos que as redes de suporte das raparigas são significativamente maiores que as dos rapazes ( $t = 3.95$ ,  $p = 0$ ;  $p < .05$ ) ou seja, as raparigas quando necessitam recorrem a um número maior de pessoas que os rapazes.

Vejamos, em seguida, se existe o “efeito de clivagem de sexo” nas redes de suporte.

**Homens e Mulheres nas Redes de Suporte de Rapazes e Raparigas**

| teste t de student | Raparigas | Rapazes | Valor t. | Grau de Signific. |
|--------------------|-----------|---------|----------|-------------------|
| Mulheres na Rede   | 4.8       | 1.6     | 6.39     | 0                 |
| Homens na Rede     | 2         | 2.47    | -1.01    | 0.316             |

Quadro 6: Resultados teste t de student para as redes de suporte em função do sexo das pessoas

Da análise do quadro 6 verificamos que as raparigas pedem mais ajuda às mulheres que os rapazes ( $T = 6.39$ ,  $p = 0$ ;  $p < .05$ ). Embora os rapazes recorram, em média, mais aos homens da rede que às mulheres quando necessitam de apoio, a diferença não assume significado estatístico. O efeito “clivagem de sexo” só assume significado nas redes de suporte das raparigas.

## 2. COMPOSIÇÃO DAS REDES DE SUPORTE:

Mas quais as pessoas a que raparigas e rapazes mais recorrem?

**Composição das Redes de Suporte de Rapazes e Raparigas**

| teste t de student | Raparigas | Rapazes | Valor T. | Grau de Signific. |
|--------------------|-----------|---------|----------|-------------------|
| Família            | 2.77      | 2.267   | 1.41     | 0.164             |
| Melhores Amigos    | 1.167     | 0.57    | 2.97     | 0.004             |
| Amigos             | 2.3       | 1.37    | 1.86     | 0.069             |
| Colegas de Escola  | 0.6       | 0.3     | 0.97     | 0.34              |

Quadro 7: Resultados do teste t. de student para a composição das Redes de Suporte

Embora, em média, as raparigas recorram mais a qualquer um dos grupos estudados que os rapazes, a única diferença que assume significado estatístico é a existente ao nível do grupo dos melhores amigos ( $T = 2.97$ ,  $p = 0.004$ ;  $p < .05$ ).

Os dados permitem-nos ainda afirmar que, tanto os rapazes como as raparigas recorrem preferencialmente à família, depois aos amigos, melhores amigos e, finalmente, aos colegas de escola.

A figura 5 visualiza estes resultados, através da comparação de médias dos grupos estudados.

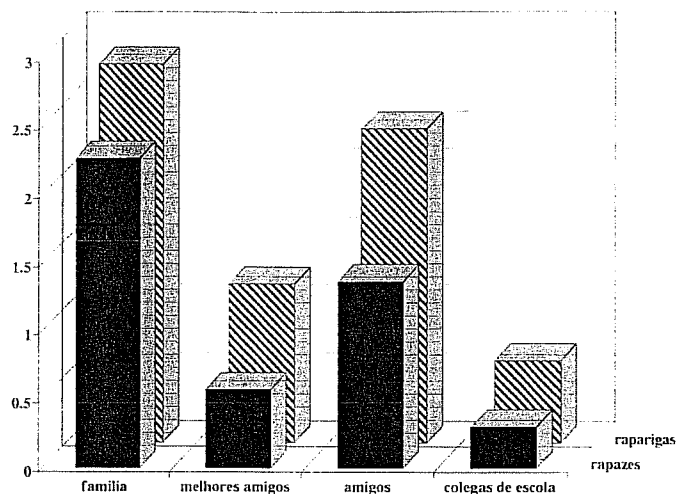


Figura 5: Composição da rede de suporte

Analiseemos, em seguida, o sexo dos personagens que disponibilizam suporte nas redes totais de rapazes e raparigas, em função da composição da rede de suporte. O quadro 8 apresenta os resultados obtidos submetendo os dados ao teste t. de student.

#### Composição das Redes de Suporte e Sexo dos Intervenientes

| teste t de student               | rapazes | raparigas | valor t. | grau de signif. |
|----------------------------------|---------|-----------|----------|-----------------|
| pessoas de suporte               | 4.0667  | 6.83      | 3.95     | 0               |
| mulheres da família              | 1.2     | 1.9       | 2.68     | 0.01            |
| homens da família                | 1       | 0.867     | 5.7      | 0.57            |
| melhores amigas                  | 0.1     | 0.83      | 5.61     | 0               |
| melhores amigos                  | 0.5     | 0.33      | 1.04     | 0.3             |
| amigas                           | 0.23    | 1.6       | 4.1      | 0               |
| amigos                           | 0.93    | 0.7       | 7.7      | 0.445           |
| colegas de escola<br>(raparigas) | 0.033   | 0.133     | 0.91     | 0.37            |
| colegas de escola<br>(rapazes)   | 0.067   | 0.47      | 2.34     | 0.025           |

Quadro 8: Resultados do t. student em função da composição da rede e sexo dos personagens

Verificamos a existência de algumas diferenças significativas nos 2 grupos estudados. Assim, as raparigas recebem mais suporte das mulheres da família que os rapazes ( $t = 2.68$ ,  $p = 0.01$ ;  $p < .05$ ) tendência também verificada para as melhores amigas ( $t = 5.61$ ,  $p = 0$ ;  $p < .05$ ), amigas ( $t = 4.1$ ,  $p = 0$ ;  $p < .05$ ) e colegas de escola ( $t = 2.34$ ,  $p = 0.025$ ;  $p < .05$ ). Podemos afirmar o efeito “clivagem de sexo” nas rede de suporte das raparigas em relação a todos os grupos estudados. Embora os rapazes recebam em média mais apoio dos homens da família, melhores amigos e amigos que as raparigas, a diferença de médias não assume significado estatístico.

Vimos os resultados obtidos para o tamanho e composição das redes sociais e de suporte de rapazes e raparigas, bem como os efeitos de clivagem de sexo.

Vejamos agora os itens que nos remetem para a qualidade das relações estabelecidas na rede social e na rede de suporte.

## **1.2.QUALIDADE DAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS NAS REDES SOCIAIS E DE SUPORTE:**

### **A) REDE SOCIAL**

Vejamos se os nossos entrevistados disponibilizam ajuda aos elementos da sua rede social.

#### **a) Ajuda disponibilizada à rede social :**

Relativamente à ajuda prestada às pessoas da rede, verificamos a existência de algumas diferenças significativas entre rapazes e raparigas.

Assim, a análise do quadro 9 revela que, em média, as raparigas disponibilizam mais ajuda à sua rede que os rapazes, nomeadamente aos grupos melhores amigos ( $t =$

2.4,  $p = 0.02$ ;  $p < .05$ ), amigos ( $t = 2.26$ ,  $p = 0.028$ ;  $p < .05$ ) e colegas de escola ( $t = 2.61$ ,  $p = 0.014$ ;  $p < .05$ ).

#### Ajuda Disponibilizada Pelos Rapazes e Raparigas às Pessoas da Rede Social

| teste t de student | raparigas | rapazes | valor t. | grau de signif. |
|--------------------|-----------|---------|----------|-----------------|
| família            | 2.63      | 2.27    | 0.85     | 0.39            |
| melhores amigos    | 1.1       | 0.6     | 2.4      | 0.02            |
| amigos             | 2.3       | 1.23    | 2.26     | 0.028           |
| colegas de escola  | 0.83      | 0.1     | 2.61     | 0.014           |

Quadro 9: Resultados do t. student para a ajuda disponibilizada à rede pelos nossos entrevistados

O quadro 10 apresenta os resultados do teste t. teste para a ajuda disponibilizada pela nossa amostra à rede em função da composição da rede e do sexo das personagens que a compõem.

#### Ajuda Disponibilizada às Pessoas da Rede em Função da sua Composição e Sexo

| teste t de student               | rapazes | raparigas | valor t. | grau de signifi. |
|----------------------------------|---------|-----------|----------|------------------|
| mulheres da família              | 0.7     | 1.7       | 1.24     | 0.08             |
| homens da família                | 0.9     | 1.3       | 1.28     | 0.2              |
| melhores amigas                  | 0.07    | 0.1       | 1.53     | 0.042            |
| melhores amigos                  | 0.9     | 0.6       | -0.24    | 0.8              |
| amigas                           | 0.3     | 1.7       | 4.21     | 0                |
| amigos                           | 1.2     | 1         | -2.92    | 0.75             |
| colegas de escola<br>(raparigas) | 0.13    | 0.8       | 3.1      | 0                |
| colegas de escola<br>(rapazes)   | 0.033   | 0.033     | 0        | 1                |

Quadro 10: Ajuda disponibilizada em função da estrutura da rede e sexo dos intervenientes

Constatamos que as raparigas dão mais apoio que os rapazes às mulheres da família, às melhores amigas, às amigas e às colegas de escola.

Analisemos, em seguida, os resultados relativos à negatividade sentida ou seja, quais as relações que rapazes e raparigas avaliam como mais conflituosas.

b) Negatividade das relações assumidas na redes sociais:

O quadro 11 apresenta os resultados obtidos com a aplicação do teste t. de student sobre a variável negatividade.

---

**Negatividade Sentida nas Relações das Redes Sociais**

| teste t de student | raparigas | Rapazes | Valor T. | Grau de Signific. |
|--------------------|-----------|---------|----------|-------------------|
| Família            | 1.6       | 1.6     | 0.015    | 1                 |
| Melhores Amigos    | 0.37      | 0.1     | 2.53     | 0.015             |
| Amigos             | 0.77      | 0.57    | 0.69     | 0.49              |
| Colegas de Escola  | 0.17      | 0.067   | 0.85     | 0.4               |

---

Quadro 11: Resultados t student para a negatividade de rapazes e raparigas em função da composição da rede

A única diferença entre rapazes e raparigas com significado estatístico ao nível da negatividade indica que as raparigas avaliam as relações com os melhores amigos como mais conflituosas que os rapazes ( $t = 2.53$ ,  $p = 0.015$ ;  $p < .05$ ). Nas restantes categorias não se verificam diferenças significativas.

O quadro 12 apresenta os valores resultantes da aplicação do teste t. de student, comparando rapazes e raparigas em função da composição das redes e do sexo de cada um dos grupos estudados.

### Negatividade em Função da Composição das Redes e Sexo dos Intervenientes

| teste t de student               | rapazes | raparigas | valor t. | grau de signifi. |
|----------------------------------|---------|-----------|----------|------------------|
| mulheres da família              | 0.7     | 1.2       | 1.86     | 0.069            |
| homens da família                | 0.9     | 0.4       | -2.46    | 0.017            |
| melhores amigas                  | 0.033   | 0.267     | 2.63     | 0.012            |
| melhores amigos                  | 0.067   | 0.1       | 0.46     | 0.65             |
| amigas                           | 0.23    | 0.5       | 1.46     | 0.149            |
| amigos                           | 0.33    | 0.267     | 3.2      | 0.75             |
| colegas de escola<br>(raparigas) | 0.033   | 0.13      | 0.91     | 0.37             |
| colegas de escola<br>(rapazes)   | 0.033   | 0.033     | 0        | 1                |

quadro 12: t de student para a negatividade em função da composição da rede e sexo dos personagens

As únicas diferenças com significado estatístico revelam que os rapazes sentem as relações com os homens da família como mais conflituosas que as raparigas (  $t = -2.46$ ,  $p = 0.017$ ;  $p < .05$  ), enquanto as raparigas assumem as relações com as melhores amigas como mais conflituosas que os rapazes (  $t = 2.63$ ,  $p = 0.012$ ;  $p < .05$  ).

Vejamos, em seguida, quais as perspectivas dos nossos entrevistados relativamente à duração das relações com os pares da rede total.

#### c) Duração das relações da rede social:

O quadro 13 apresenta os resultados obtidos submetendo-se a variável duração das

relações ao teste t. de student.

---

### Duração das Relações nas Redes Sociais

| teste t. de student | raparigas | rapazes | valor t. | grau de signific. |
|---------------------|-----------|---------|----------|-------------------|
| melhores amigos     | 1.13      | 0.6     | 2.38     | 0.21              |
| amigos              | 2.7       | 1.367   | 2.58     | 0.013             |
| colegas de escola   | 0.73      | 0.13    | 2.07     | 0.047             |

---

Quadro 13: Resultados t. student para a perspectiva de duração das relações em função da composição da rede

Ao nível dos melhores amigos não se verificam diferenças significativas na forma como rapazes e raparigas perspectivam a durabilidade das relações. Relativamente aos 2 restantes grupos estudados, verificamos que as raparigas perspectivam, em média, uma maior durabilidade para as relações com os amigos ( $t = 2.58$ ,  $p = 0.013$ ,  $p < .05$ ) e colegas de escola ( $t = 2.07$ ,  $p = 0.047$ ;  $p < .05$ ) que os rapazes.

O quadro 14 apresenta os valores obtidos com a aplicação do teste t de student sobre a variável duração das relações em função da composição das redes e sexo dos seus personagens.

**Duração das Relações em Função da Composição das Redes e Sexo dos Personagens**

| teste t student               | rapazes | raparigas | valor t. | grau de signif. |
|-------------------------------|---------|-----------|----------|-----------------|
| melhores amigas               | 0.133   | 0.933     | 7.72     | 0               |
| melhores amigos               | 0.5     | 0.3       | -1.12    | 0.27            |
| amigas                        | 0.36    | 1.8       | 3.93     | 0               |
| amigos                        | 1.03    | 0.833     | -6.7     | 0.5             |
| colegas de escola (raparigas) | 0.033   | 0.6       | 2.78     | 0.009           |
| colegas de escola (rapazes)   | 0.033   | 0.17      | 0.95     | 0.35            |

Quadro 14: Resultados t student para a duração das relações em função da composição da rede e sexo

Constatamos a existência de algumas diferenças significativas entre rapazes e raparigas.

Assim, as raparigas perspectivam as relações com as suas melhores amigas ( $t = 7.72$ ,  $p = 0$ ;  $p < .05$ ), amigas ( $t = 3.93$ ,  $p = 0$ ,  $p < .05$ ) e colegas de escola (raparigas) ( $t = 2.78$ ,  $p = 0.009$ ;  $p < .05$ ) como mais duradouras que os rapazes.

Embora sem significado estatístico, os rapazes perspectivam as relações com os seus melhores amigos como mais duradouras que as raparigas.

## B) REDE DE SUPORTE

Analisaremos, em seguida, a qualidade das relações que envolvem disponibilização de suporte aos nossos entrevistados, ou seja aquilo que designámos como a qualidade do apoio prestado pela rede de suporte.

a) Tipo de problema com que a amostra recorre à rede de suporte:

A análise da figura 6 (cálculo percentual de frequências) indica que a amostra total (rapazes e raparigas) recorre à rede de suporte com os seguintes problemas e pela seguinte ordem : problema 4 ( problemas amorosos), problema 5 (problemas familiares), problema 3 (assistência económica), problema 7 ( problemas com a escola e estudos), problema 2 (desgosto consigo próprio), problema 1 (saúde física) e finalmente, problema 6 (problemas com as relações sociais).

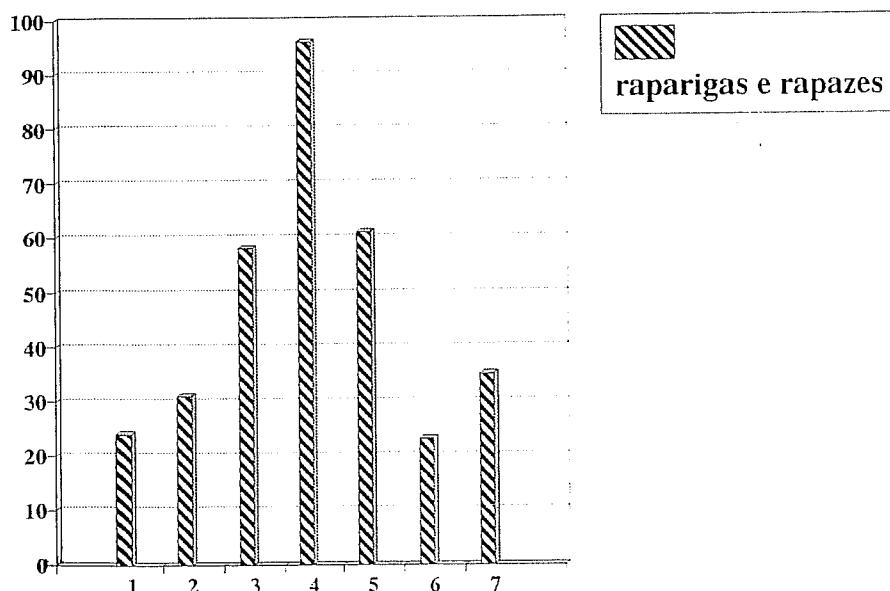


Figura 6: Tipo de problema com que rapazes e raparigas recorrem à rede de suporte (percentagens)

Na figura 7 (comparação de percentagens) vemos, discriminado por sexo, o tipo de problemas com que rapazes e raparigas recorrem ao auxílio dos outros.

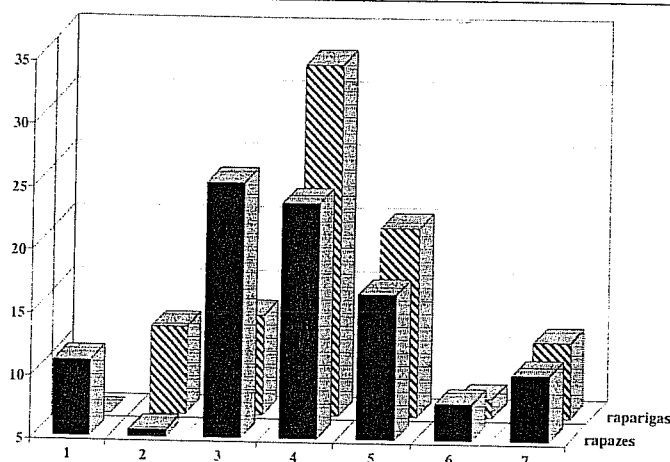


Figura 7: Tipo de problemas com que os rapazes e as raparigas recorrem à rede de suporte (percentagens)

Verificamos que o problema fundamental sentido pelas raparigas quando pedem ajuda, tem a ver com questões amorosas (problema 4), enquanto os rapazes apresentam como primeira necessidade apoio ao nível económico (problema 3); em segundo lugar as raparigas pedem apoio para problemas familiares (problema 5), enquanto os rapazes pedem ajuda para os problemas amorosos (problema 4). Os problemas familiares aparecem em 3º lugar para os rapazes (problema 5), enquanto para as raparigas a necessidade de assistência económica (problema 3), o desgosto consigo (problema 2) e os problemas com a escola e os estudos (problema 7) apresentam valores muito próximos (3º, 4º e 5º lugar); A necessidade de apoio ao nível da saúde física (problema 1) e ao nível escolar (problema 7) aparecem, respectivamente, em 4º lugar e 5º lugar para os rapazes assumindo valores muito próximos. Finalmente, para as raparigas, manifestam-se os problemas com as relações sociais (problema 6) e saúde física (problema 1) e para os rapazes também os problemas com as relações sociais (problema 6) e desgosto consigo próprio (problema 2).

Em suma, as raparigas solicitam apoio mais para a resolução de problemas sentimentais e amorosos e para problemas com a família, enquanto os rapazes procuram primeiro a ajuda económica e depois apoio para as questões amorosas,

aparecendo os pedidos de apoio à resolução de problemas familiares só em terceiro lugar. De referir que, para as raparigas, o pedido de ajuda económica só aparece em terceiro lugar.

Comparando os resultados obtidos para rapazes e raparigas, verificamos que as raparigas pedem mais apoio para os problemas amorosos, familiares, desgosto com elas próprias e resolução de tarefas escolares (problema 4, 5, 2 e 7) que os rapazes. Pelo contrário, os rapazes pedem mais apoio ao nível económico, a problemas de saúde e para as relações sociais (problema 3, 1 e 6) que as raparigas.

Mas, a quem recorrem mais rapazes e raparigas quando tem um problema? A Figura 8 ilustra o tipo de problemas com que as raparigas recorrem à rede de suporte em função da composição da rede de suporte.

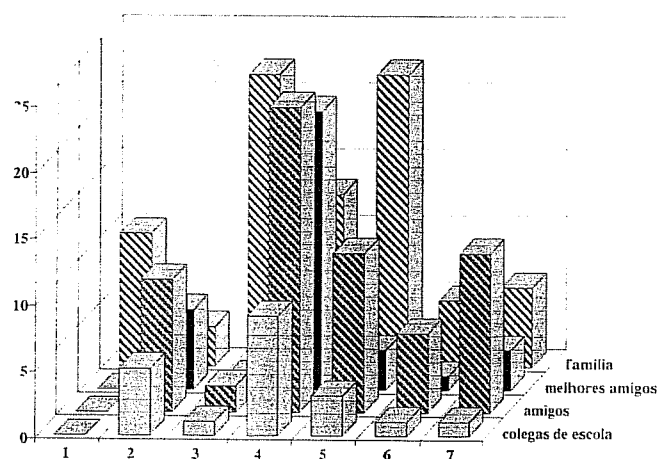


Figura 8: Tipo de problema com que as raparigas recorrem aos grupos da rede de suporte (percentagens)

Já vimos que as raparigas têm (ou melhor, percebem) redes de suporte maiores do que os rapazes. Já vimos que as raparigas solicitam apoio sobretudo para as questões que envolvem problemas amorosos e sentimentais. Já vimos, também, que as raparigas recorrem em primeiro lugar à família quando solicitam apoio. Vejamos quais os tipos de problemas para os quais a família é solicitada.

Em primeiro lugar as raparigas pedem ajuda à família para problemas económicos (problema 3 - praticamente tanto aos homens como às mulheres da família) e familiares (problema 5- essencialmente às mulheres da família). Em segundo lugar, para problemas amorosos (problema 4- essencialmente às mulheres da família) e, em terceiro, para questões que envolvam saúde (problema 1- praticamente tanto às mulheres como aos homens da família). O apoio às actividades escolares (problema 7- pedido igualmente a homens e mulheres da família) aparece em quarto lugar, logo seguido de questões com as relações sociais (problema 6- só às mulheres da família). Pontualmente, a família (só as mulheres da família) é também solicitada pelas raparigas quando sentem desgosto com elas mesmas (problema 2). Tal como para os rapazes a família é o grupo ao qual as raparigas recorrem para uma maior diversidade de problemas. Também as raparigas parecem escolher o sexo da sua fonte de apoio consoante o sexo desta. Assim as mulheres da família são preferencialmente eleitas para os problemas familiares, amorosos, com as relações sociais e, para desgostos com elas mesmas.

Aos melhores amigos, (na sua maioria melhores amigas) as raparigas recorrem com problemas amorosos (problema 4), problema aliás pelo qual as raparigas recorrem mais à rede de suporte. Embora com pouca significância, aos melhores amigos são também solicitados quando sentem desgostos com elas mesmas, problemas familiares e, pontualmente, problemas com as relações familiares ou ajuda económica.

Aos amigos (sobretudo às amigas) as raparigas apresentam também, essencialmente, problemas amorosos. Embora menos usualmente, as questões familiares e os problemas com o estudo e actividades escolares são também apresentados aos amigos, bem como os desgosto com elas mesmas. Pontualmente, os amigos são confrontados com problemas ao nível das relações sociais e económicos.

Os colegas de escola, recurso menos frequente, são solicitados também para problemas amorosos, ou desgosto com elas mesmas, ou questões familiares. Pontualmente pedem-lhes também apoio para problemas económicos, com as relações sociais e actividades escolares. De maneira geral, as raparigas recorrem aos

vários grupos da rede de suporte com uma variedade maior de problemas do que os rapazes.

Vejamos agora os rapazes, com que tipo de problema recorrem os rapazes a quem? A figura 9 ilustra, através de um cálculo percentual, os problemas com que os rapazes recorrem aos diferentes grupos.

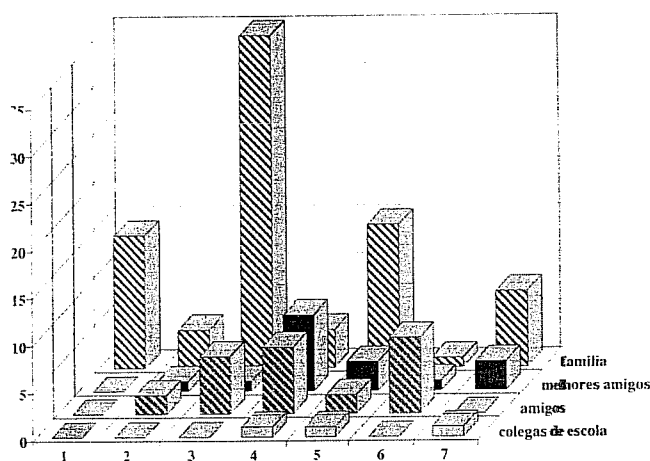


Figura 9: Tipo de problema com que rapazes recorrem a cada um dos grupos da rede de suporte (percentagens)

No seio da família os rapazes procuram apoio económico (problema 3), apoio para problemas familiares (problema 5), saúde física (problema 1) e escola (problema 7).

Entre os melhores amigos e amigos procuram apoio para questões amorosas (problema 4), as quais podem ser também, ainda que menos frequentemente, discutidas em família. Aos melhores amigos é também possível pedir ajuda para a resolução problemas familiares (problema 5) e apoio nas actividades escolares (problema 7).

Os amigos são ainda recurso económico (problema 3) e para problemas com as relações familiares (problema 6)

Em suma, os rapazes recorrem mais à família para assistência económica (essencialmente aos homens da família), problemas familiares (mais às mulheres da família), questões de saúde (praticamente só às mulheres da família) e resolução de tarefas escolares (essencialmente aos homens da família). A família é, para os rapazes, o recurso mais diversificado à especificidade do apoio solicitado. É possível, para todos os problemas por nós identificados, encontrar movimentos em direcção à família. Parece, no entanto, existir por parte dos rapazes uma diferenciação da apresentação dos problemas, em função do sexo da fonte de apoio. Assim, aos homens da família apresentam pedidos de ajuda económica e o apoio à resolução de tarefas escolares e, às mulheres da família, apresentam problemas de saúde e também problemas familiares.

Aos melhores amigos (sobretudo aos rapazes) os rapazes pedem ajuda para as questões amorosas, encontrando-se também alguns pedidos de apoio para a resolução de tarefas escolares e problemas com as relações sociais. Em casos pontuais aos melhores amigos é também pedida ajuda para desgostos consigo mesmo, assistência económica e problemas com as relações sociais. A seguir à família, são os melhores amigos que são solicitados para uma maior diversidade de problemas.

Aos amigos (essencialmente aos rapazes) é pedida ajuda para as relações sociais, para os problemas amorosos e económicos. Pontualmente os rapazes recorrem aos amigos quando tem desgostos consigo mesmo e problemas familiares.

Não é comum recorrer aos colegas de escola e, quando isto acontece, pedem-lhes apenas apoio para questões amorosas, familiares ou escolares.

Analisemos, de seguida, qual a atitude assumida pelos indivíduos da rede de suporte aos quais os nossos entrevistados pedem ajuda.

b) Atitudes assumidas pela rede de suporte:

A figura 10 apresenta, percentualmente, as atitudes percebidas por rapazes e raparigas quando pedem ajuda à rede de suporte.

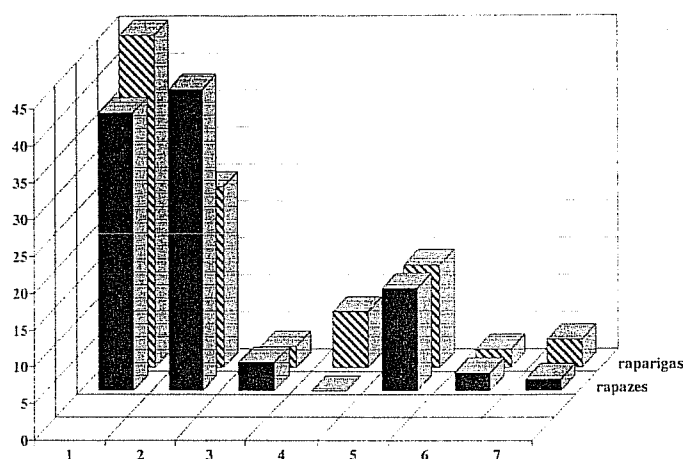


Figura 10: atitude das pessoas da rede de suporte de rapazes e raparigas (percentagens)

As raparigas salientam com grande relevo que os outros as escutam (atitude 1) e, logo a seguir, que lhes dão apoio efectivo (atitude 2). De seguida, afirmam que as pessoas de suporte lhes dão conselhos (atitude 5) e, com um pouco menos de frequência, que lhes mostram uma nova maneira de pensar sobre o assunto (atitude 4). Finalmente os outros contam-lhes um problema semelhante que já tiveram (atitude 7). De referir ainda que, pontualmente, lhes indicam outras pessoas a quem devem recorrer (atitude 3) ou defendem-nas (atitude 6).

Os rapazes percebem nos outros, em primeiro lugar, atitudes de apoio efectivo (atitude 2) logo seguidas de escuta (atitude 1). Os outros também são percebidos como dando conselhos (atitude 5). Pontualmente e por ordem decrescente, indicam-lhes a quem devem recorrer (atitude 3) defendem-nos (atitude 6) ou contam-lhes um problema semelhante que já tiveram (atitude 7). Os rapazes nunca referem que os outros lhes mostram uma nova maneira de pensar sobre o assunto.

Comparando rapazes e raparigas verificamos que as raparigas, nos outros, percebem mais atitudes de escuta, transmissão de novas formas de pensar sobre o assunto, conselhos e relato de um problema semelhante (atitude 1,4,5, e 7) que os rapazes. Pelo contrário, os rapazes percebem nos outros mais apoio efectivo e indicação de outros a quem devem recorrer (atitude 2 e 7) que as raparigas.

As figuras 11 e 12 ilustram, respectivamente, as atitudes percebidas pelas raparigas e pelos rapazes em função dos grupos relacionais analisados, ou seja, em função da composição estudada da rede de suporte.

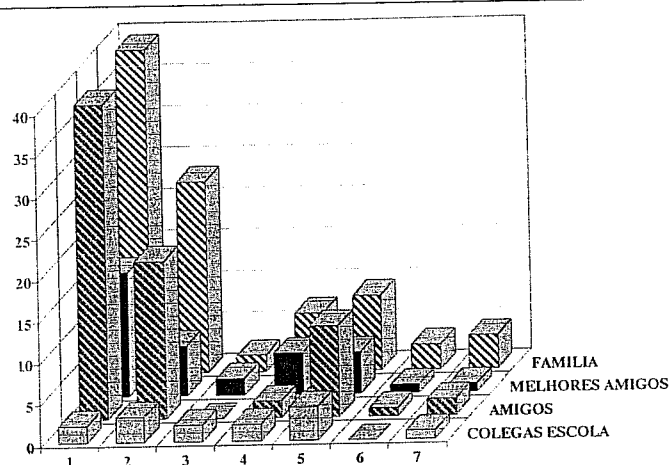


Figura 11: Atitudes da rede de suporte das raparigas em função da estrutura da rede (percentagens)

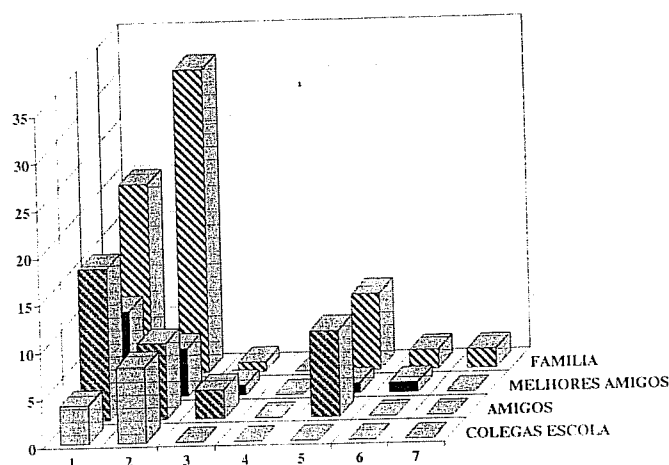


Figura 12: Atitudes da rede de suporte dos rapazes em função da estrutura da rede (percentagens)

Para as raparigas, a família (principalmente as mulheres da família) têm essencialmente atitudes de escuta (atitude 1) e de dar apoio efectivo (atitude 2). Ainda que menos frequentemente a família - essencialmente as mulheres da família - dá conselhos (atitude 5), e mostra às inquiridas uma nova maneira de pensar sobre o assunto (atitude 4). Pontualmente, a família conta-lhes um problema semelhante (atitude 7), defendem-nas (atitude 6, mais significativa entre os homens da família) e indica-lhes a quem devem recorrer (atitude 3).

Os melhores amigos ( de facto, na maioria melhores amigas) são percepcionadas pelas nossas entrevistadas como pessoas que escutam (atitude 1). Com menos frequencia os melhores amigos dão apoio efectivo (atitude 2) mostram-lhes uma nova maneira de pensar (atitude 4) e dão-lhes conselhos (atitude 5). Pontualmemnte os melhores amigos indicam-lhes a quem devem recorrer (atitude 3), defendem-nas (atitude 6) e contam-lhes um problema semelhante (atitude 7).

A família e os melhores amigos são os grupos percepcionados pelas raparigas como tendo uma maior diversidade de atitudes de apoio.

Dos amigos (mais amigas) as raparigas percepcionam essencialmente atitudes de escuta (atitude 1), e também , embora com menos relevo, atitudes de apoio efectivo (atitude 2). É também possível que os amigos lhes deem conselhos(atitude 5). Pontualmente os amigos contam-lhes um problema semelhante (atitude 7), ou defendem-nas (atitude 6, presente só nos rapazes amigos).

Nos colegas de escola, fonte de apoio muito pouco relevante, salientamos as atitudes de dar conselhos (atitude 5).

Os rapazes da nossa amostra percepcionam na família, principalmente, atitudes de apoio efectivo (atitude 2 ) e de escuta (atitude 1- ambas praticamente tanto nos homens como nas mulheres da família). Para os rapazes a família (particularmente as mulheres da família) é também vista como fonte de conselhos (atitude 5).

Os melhores amigos escutam-nos (atitude 1) e podem também dar-lhes algum apoio efectivo (atitude2).

Ainda para os rapazes, verificamos que os amigos também os escutam (atitude 1 ) dão-lhes conselhos (atitude 5) e dão-lhes apoio efectivo (atitude 2). Os colegas de escola podem-lhes dar apoio efectivo (atitude 2 ) ou escutarem-nos (atitude 1).

Mas, quais são os sentimentos que os nossos entrevistados experimentam depois de recorrer aos elementos da rede de suporte?

c) Sentimento após recurso à rede de suporte:

Na figura 13 vemos, através de uma comparação de percentagens, que tanto os rapazes como as raparigas experimentam mais o sentimento 2 (de algum modo aliviado) após recorrerem à rede de suporte.

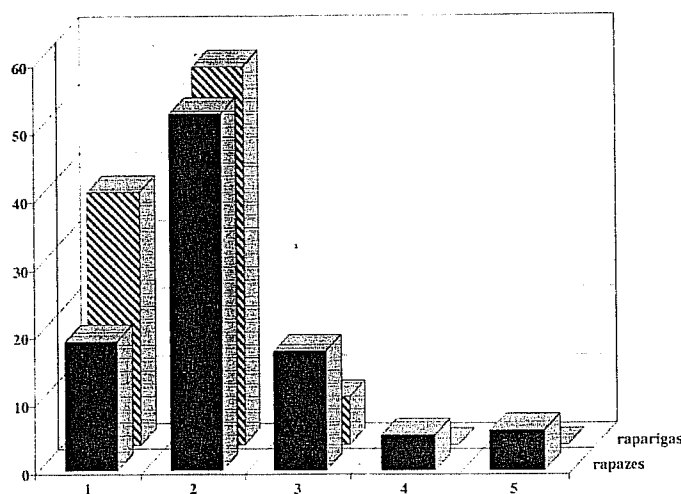


Figura 13: sentimentos dos rapazes e das raparigas (percentagens)

As raparigas apresentam logo a seguir o sentimento 1 (muito aliviado) enquanto os rapazes manifestam mais o sentimento 3 (na mesma). Nos rapazes aparecem sentimentos negativos após recurso à rede de suporte (sentimento 4- pior- e 5- muito

pior) o que não se verifica nas raparigas. As raparigas apresentam mais o sentimentos 1 e 2 do que os rapazes, opondo-se esta tendencia para os sentimentos 3, 4 e 5.

Vejamos, em seguida, quais os sentimentos experimentados pelas raparigas - figura 14- e pelos rapazes- figura 15 - para cada um dos grupos da rede ou seja, em função da estrutura da rede.

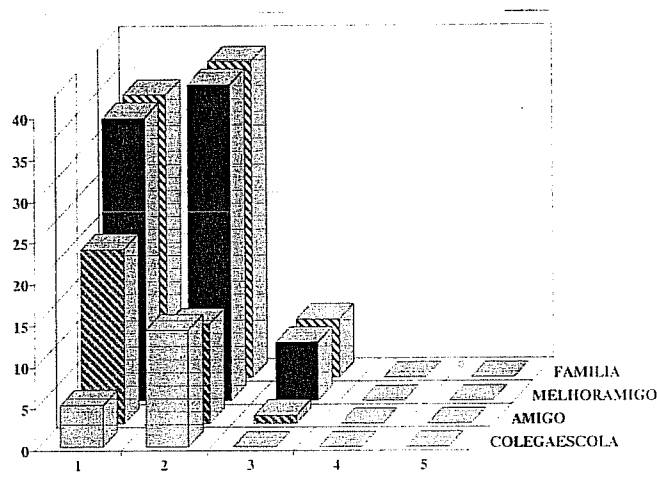


Figura 14: Sentimentos das raparigas em função da estrutura da rede de suporte (percentagens)

A família e os melhores amigos aparecem como os grupos que proporcionam às raparigas, após recorrerem a eles, sentimentos mais positivos.

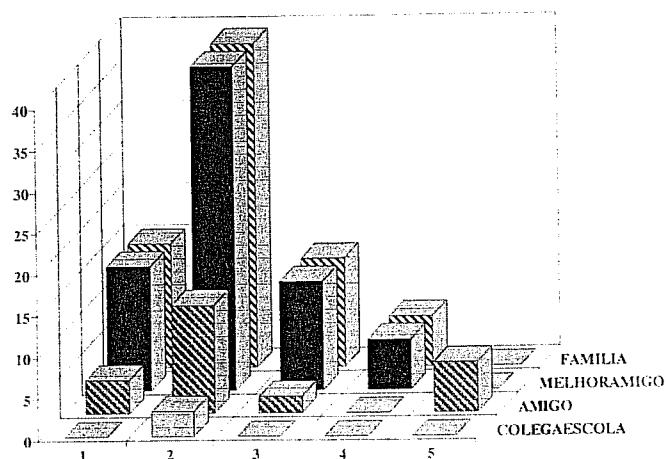


Figura 15: sentimentos dos rapazes em função da estrutura da rede de suporte (percentagens)

Comparando os dois gráficos, verificamos que os rapazes revelam sentimentos mais dispersos dos que as raparigas. Existem sentimentos negativos relativamente ao grupo da família (homens da família), melhores amigos e amigos (rapazes).

#### d) Desvio em relação à rede de suporte

Vejamos de seguida se a nossa amostra se sente arrependida após pedir auxílio à rede de suporte.

O quadro 15 apresenta os resultados do teste t. de student em relação à variável desvio em função da composição da rede de suporte.

| Desvio em Função da Composição da Rede |           |         |          |                   |
|----------------------------------------|-----------|---------|----------|-------------------|
| teste t. de student                    | raparigas | rapazes | valor t. | grau de signific. |
| família                                | 0.63      | 0.96    | -1.36    | 0.178             |
| melhores amigos                        | 0.267     | 0.166   | 0.79     | 0.4               |
| amigos                                 | 0.6       | 0.367   | 0.75     | 0.4               |
| colegas de escola                      | 0.033     | 0       | 0        | --                |

Quadro 15: Resultados do teste t de student para o desvio em função da composição da rede de suporte

Não existem diferenças significativas entre o grupo dos rapazes e das raparigas.

Curiosamente, embora sem significado estatístico, verificamos que, em média, os rapazes arrependem-se mais que as raparigas em pedir ajuda à família. Pelo

contrário, as raparigas parecem arrependem-se mais que os rapazes quando recorrem quer aos melhores amigos quer aos amigos.

O quadro 16 apresenta os resultados do teste t. de student para o desvio em função da composição da rede e do sexo dos personagens das redes de suporte.

| Desvio em Função da Composição da Rede e Sexo dos Intervenientes |         |           |          |                   |  |
|------------------------------------------------------------------|---------|-----------|----------|-------------------|--|
| teste t. de student                                              | rapazes | raparigas | valor t. | grau de signific. |  |
| mulheres da família                                              | 0.3667  | 0.633     | 1.31     | 0.195             |  |
| homens da família                                                | 0.56    | 0.167     | -2.82    | 0.007             |  |
| melhores amigas                                                  | 0.067   | 0.167     | 1.2      | 0.23              |  |
| melhores amigos                                                  | 0.13    | 0.13      | 0        | 1                 |  |
| amigas                                                           | 0.1     | 0.37      | 1.87     | 0.067             |  |
| amigos                                                           | 0.3     | 0.27      | 1.6      | 0.9               |  |
| colegas de escola (raparigas)                                    | 0       | 0.03      | 1        | 0.326             |  |
| colegas de escola (rapazes)                                      | 0       | 0         | 0        | ---               |  |

quadro 16: resultados do teste t de student para o desvio em relação à rede de suporte-homens e mulheres

A única diferença que apresenta significado estatístico indica que os rapazes têm desvios maiores em relação aos homens da família que as raparigas. Assim, é mais comum os rapazes arrependem-se quando pedem ajuda aos familiares do sexo masculino que as raparigas.

### 1.3. INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR: QUALIDADE DAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS NA REDE SOCIAL - ESTUDO EXPLORATÓRIO COM BASE NUMA AMOSTRA DA REDE

Através da delineação de uma amostra da rede total, uma das fases contempladas na entrevista sobre redes sociais, é favorecida a “exploração” de alguns aspectos complementares relativos à qualidade das relações estabelecidas com os elementos da rede social. São os resultados destes dados que a seguir se analisam.

#### a) Frequência das relações:

Rapazes e raparigas relacionam-se sobretudo com frequências diárias e semanais com a maior parte dos elementos das suas redes. Contudo, a frequência dos contactos das raparigas é mais dispersa temporalmente do que a dos rapazes. Estes dados são ilustrados pelas figuras 16 e 17 através de uma comparação de percentagens.

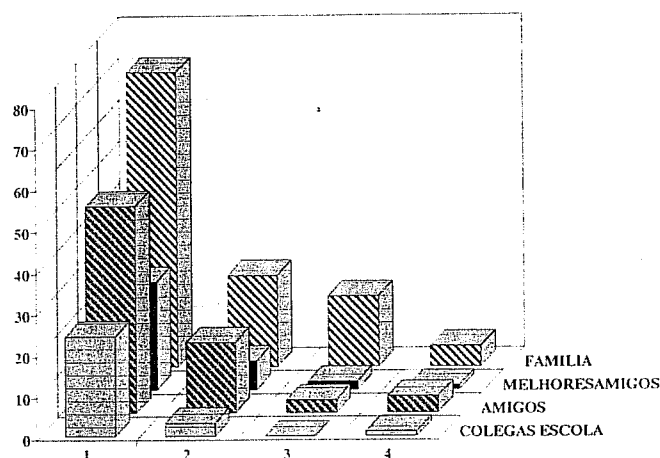


Figura 16: frequência dos contactos das raparigas (percentagens)

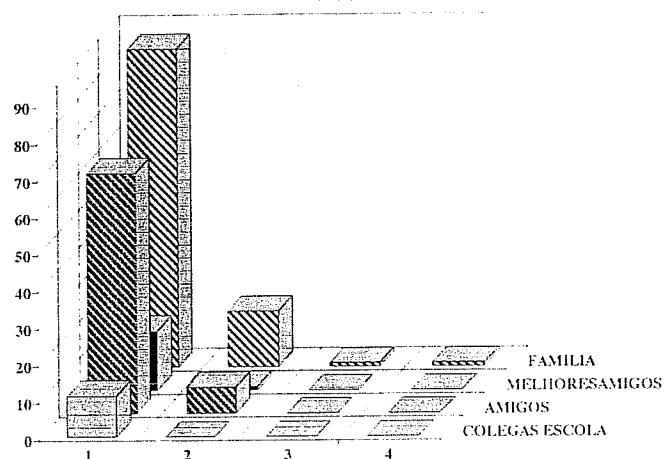


Figura 17: frequência dos contactos dos rapazes (percentagens)

b) Intimidade nos contactos estabelecidos:

A análise da figura 18 indica - através de uma comparação de percentagens - que, tanto rapazes como raparigas estabelecem relações cujos temas de debate se centram, por ordem decrescente, nos temas família (2), sentimentos(3), casamento e romance (1) e, escola (4).

Contudo, enquanto as raparigas apresentam uma dispersão entre os vários temas- que apresentam valores muito próximos- os rapazes centram as suas trocas em debates familiares, sendo o tema escola o menos referido de todos.

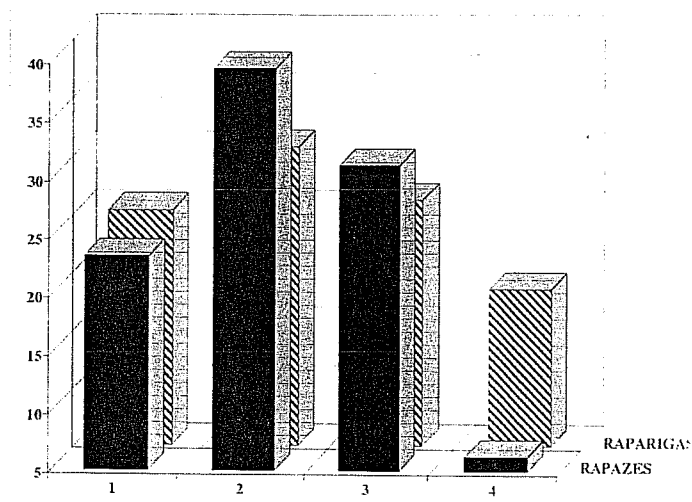


Figura 18: Intimidade das relações - rapazes e raparigas (percentagens)

As figuras 19 e 20 apresentam, respectivamente, a intimidade dos contactos das raparigas e dos rapazes em função da composição da rede rede.

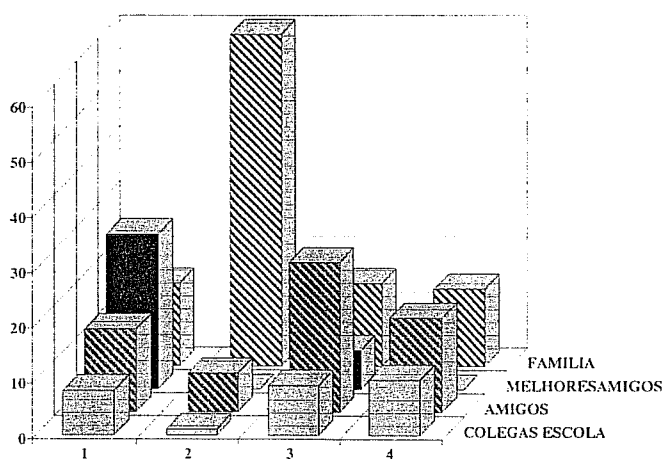


Figura 19: intimidade nos contactos das raparigas em função da composição da rede (percentagens)

Assim, verificamos que os assuntos familiares são debatidos pelas raparigas sobretudo com os elementos da própria família (um pouco mais com as mulheres que com os homens). Para as raparigas é também possível, embora com menos

frequência, falar com a família sobre os outros temas (romance, sentimentos e escola). Contudo, os temas romance (1) e sentimentos (3), são praticamente só falados com as mulheres da família, enquanto o tema escola (4) é mais abordado com os homens da família.

Com os melhores amigos as raparigas falam sobre romance e casamento(1) - essencialmente com as melhores amigas- e também sobre sentimentos (3) - tanto com os rapazes como com as raparigas.

Os amigos e os colegas de escola (a maioria do sexo feminino) são, tal como a família, recurso para variados motivos de conversa. Contudo, com os amigos, as raparigas falam mais sobre os seus sentimentos (3) e menos sobre questões familiares (2) e, com os colegas de escola, um pouco mais sobre a escola (4) e menos sobre família (2).

Em suma, as relações com as melhores amigas aparecem como mais exclusivistas ao nível dos temas de conversa, embora os temas abordados sejam os mais íntimos.

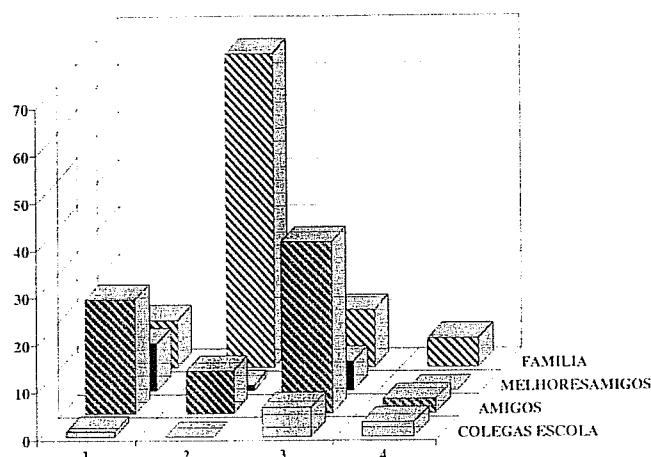


Figura 20: intimidade nos contactos dos rapazes em função da composição da rede (percentagens)

Os temas que os rapazes tratam com a família (curiosamente recorrendo mais às mulheres) são também centrados nas questões familiares (2) embora abordem, tal como as raparigas, todos os outros. Tal como as raparigas, com os melhores amigos os rapazes falam sobre romance e casamento (1) e também sobre sentimentos (3).

Com os amigos os rapazes falam essencialmente sobre os seus sentimentos (3) e sobre romance e casamento (1). Curiosamente, enquanto as raparigas abordam este tema preferencialmente com as melhores amigas, os rapazes preferem fazê-lo com os amigos. Os amigos são também vistos pelos rapazes como um recurso variado ao nível das conversas (o melhor a seguir à família).

#### c) Actividades partilhadas com os elementos da rede:

A figura 21 compara o tipo de actividades partilhadas por rapazes e raparigas com a amostra da sua rede total. Lembramos que este aspecto foi tratado com maior profundidade através da aplicação de um questionário. Os resultados encontram-se à frente, neste trabalho.

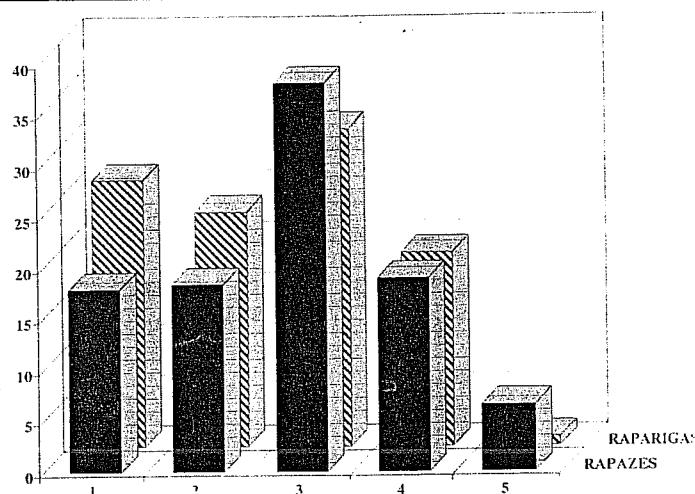


Figura 21: actividades partilhadas por rapazes e raparigas com os outros (percentagens)

A actividade mais referida tanto por raparigas como por rapazes é conversar (actividade 3, respectivamente 31% e 38%). Logo a seguir as raparigas salientam as actividades recreativas (actividade 1) enquanto para os rapazes assume maior relevo as actividades ligadas à escola e tarefas escolares (actividade 4). De seguida as raparigas referem, tal como os rapazes, os divertimentos (actividade 2). Só depois as raparigas se referem a actividades escolares (actividade 4) e os rapazes as actividades recreativas (actividade 1).

Em suma, para as raparigas, por ordem decrescente, são partilhadas com a rede actividades de conversa, recreativas, divertimentos e aquelas que envolvem tarefas escolares. Para os rapazes com os outros desenvolvem-se prioritariamente actividades de conversa, tarefas escolares, divertimentos e actividades recreativas.

Com quem são desenvolvidas estas actividades?

As figuras 22 e 23 ilustram, respectivamente, as actividades partilhadas por raparigas e rapazes com a amostra da rede.

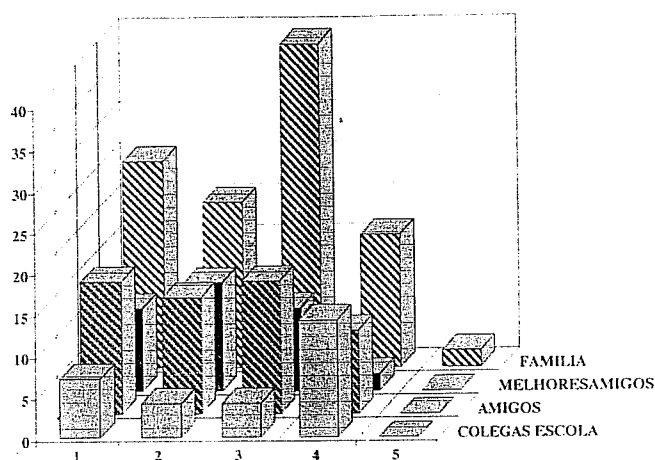


Figura 22: actividades em função da composição das rede das raparigas (percentagens)

Assim, as raparigas, com a família conversam (embora menos que os rapazes), desenvolvem actividades recreativas (mais com as mulheres da família) e também se divertem. Algumas vezes realizam tarefas do foro escolar. Com os melhores amigos (praticamente todas do sexo feminino), as raparigas divertem-se e, logo a seguir, ora praticam actividades recreativas ora estudam. Com os amigos as raparigas tanto conversam (essencialmente com as amigas) como praticam actividades recreativas (quase tanto com rapazes quanto com raparigas). O divertimento aparece a seguir, logo seguido das tarefas escolares. Com os colegas de escola é significativa a partilha de actividades escolares.

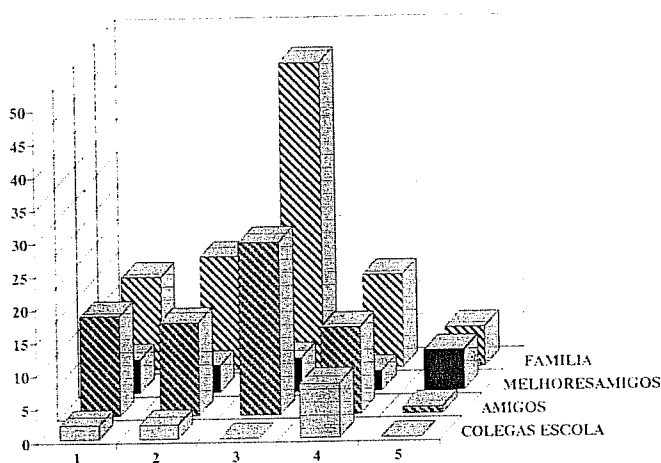


Figura 23: atividade e composição da rede dos rapazes (percentagens)

Vejamos agora os resultados dos rapazes. Com a família (mais com as mulheres que com os homens) os rapazes conversam (mais que as raparigas). Embora de forma pouco expressiva, os divertimentos (quase tanto com as mulheres da família quanto com os homens) são também possíveis, logo seguidos das tarefas escolares (essencialmente com os homens da família) e actividades recreativas (tanto com os homens da família como com as mulheres).

Com os melhores amigos (praticamente todos do sexo masculino), os rapazes não referem muitas actividades, diversificando as respostas pelas opções possíveis. Com

os amigos os rapazes conversam (também mais do que as raparigas e quase tanto com os amigos como com as amigas).

As outras actividades, também referidas, apresentam sensivelmente os mesmos valores embora sejam massivamente partilhadas com amigos do mesmo sexo.. Com os colegas de escola, embora pouco referidos, são também partilhadas essencialmente tarefas escolares (um pouco mais com raparigas do que com rapazes).

#### d) Mutualidade das relações

Como representam os adolescentes a mutualidade das relações estabelecidas na amostra da rede total?

A figura 24 compara percentualmente o grau de mutualidade de raparigas e rapazes.

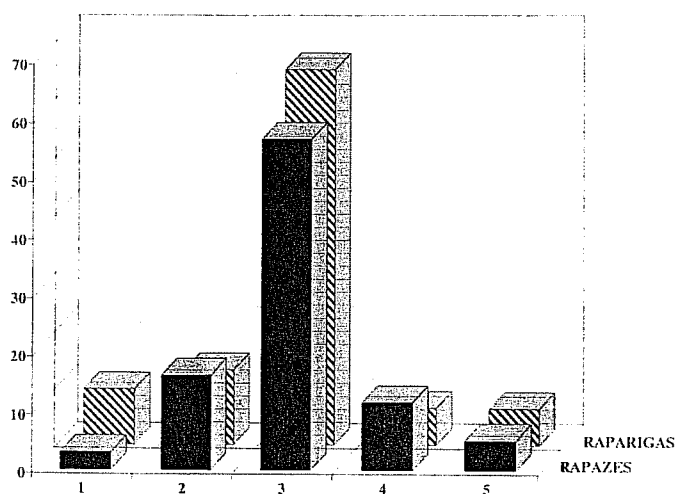


Figura 24 : mutualidade de rapazes e raparigas (percentagens)

Tanto raparigas como rapazes centram-se na categoria que refere que dão tanto quanto recebem nas relações. As raparigas referem, logo a seguir, que dão um pouco mais e que dão bastante mais, enquanto os rapazes assumem que dão um pouco mais e que recebem um pouco mais. Os valores dos extremos da escala são superiores no grupo das raparigas.

Não descurando os valores medianos analisemos, contudo, os resultados obtidos para os extremos da escala. A quem sentem as raparigas que dão bastante mais na relação (1) ? Essencialmente à família e também, um pouco, aos amigos (essencialmente amigas). Dão um pouco mais na relação (2) nas interações com os amigos e família (ambos os sexos). Mas é também em relação à família e aos amigos que as raparigas referem receber bastante mais na relação.

#### e) Satisfação nas relações

Observamos mais uma vez, através dos gráficos da análise percentual, que é a resposta mediana (3) que apresenta valores mais elevados, quer para raparigas quer para rapazes. Contudo, os rapazes aparecem, como mais satisfeitos com as relações que as raparigas. Curiosamente são as raparigas que apresentam maior grau de satisfação com as relações (5-extremamente satisfeito).

Quais as relações que mais e menos satisfazem as raparigas?

A família (essencialmente as mulheres da família) logo seguida dos melhores amigos (melhores amigas) são as relações que trazem um grau maior de satisfação (5) às

raparigas. Para elas, não são praticamente referidas as respostas de nível insatisfação total (1).

E os rapazes?

Não surgem muitas respostas nos graus extremos da nossa escala, embora existam algumas relações com a família (só com as mulheres da família) que lhes trazem plena satisfação (5).

#### f) Obrigatoriedade

Por último, vejamos os resultados obtidos para o item obrigatoriedade das relações..

Tanto para os rapazes como para as raparigas, o nível de resposta mais escolhido é o 1 (nada obrigado). Na generalidade, os rapazes apresentam um índice de obrigatoriedade maior que as raparigas nas suas relações. Esta obrigatoriedade (nível 5) incide essencialmente nas relações familiares (em particular em relação às mulheres da família).

As relações que manifestam menor obrigatoriedade para as raparigas são, simultaneamente, as familiares (mais com as mulheres da família) e as estabelecidas com os melhores amigos (essencialmente raparigas), enquanto para os rapazes são as desenvolvidas com os amigos (a maioria do sexo masculino). Tanto para os rapazes como para as raparigas, as relações mais obrigatórias, embora com pouco relevo, são as estabelecidas com a família (em ambos os casos com maior relevo com as mulheres da família).

#### 1.4. DENSIDADE

A análise dos resultados obtidos submetendo os dados ao tratamento estatístico indica não existir diferença significativa na densidade das redes de raparigas e rapazes. Os resultados são apresentados no quadro 17.

---

| Densidade |         |          |                 |
|-----------|---------|----------|-----------------|
| raparigas | rapazes | valor t. | grau de signif. |
| 0.46      | 0.48    | -4.4     | 0.66            |

---

Quadro 17: t teste para a densidade

#### 1.5 OUTROS ELEMENTOS:

Embora as raparigas da amostra sejam, em média, mais velhas que os rapazes, a aplicação do teste t de student à idade indica não existir diferença significativa na média das idades dos dois grupos estudados.

---

| Idade     |         |          |                |
|-----------|---------|----------|----------------|
| raparigas | rapazes | valor t. | grau signific. |
| 16.13     | 15.83   | 1.44     | 0.15           |

---

Quadro 18: t teste para a idade

Antes de finalizar, vejamos alguns ainda aspectos curiosos que se revelaram na análise dos dados .

Salientamos assim o facto de 62,9% dos amigos e 60 % dos melhores amigos referidos pelas raparigas serem, ao mesmo tempo, colegas de escola. Para os rapazes, 51% dos amigos são colegas de escola e 62% dos amigos são-no também. Embora dando prioridade ao critério amizade em detrimento do de colega de escola, o contexto escolar surge, de facto, como um meio prioritário para o recrutamento dos amigos de rapazes e raparigas.

Verificámos ainda que as raparigas apresentam uma rede de suporte que corresponde a 57,5% da rede total, enquanto os rapazes têm na sua rede de suporte apenas 49,3% de pessoas da sua rede total.

## 2. ANÁLISE DOS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO:

Como atrás ficou dito este questionário foi aplicado num período temporal posterior à realização da entrevista sobre redes sociais. Por tal, em consequência da falta de comparência de muitos indivíduos, obtive um índice de resposta bastante inferior ao total da nossa amostra. Assim, do total da nossa amostra, apenas compareceram ao segundo encontro 63,3% de raparigas (19 indivíduos) e 46,6% dos rapazes (14 indivíduos). Relativamente aos locais apontados por rapazes e raparigas para se encontrarem com os pares surgem, embora com diferentes percentagens, sítios tais como: café, em casa, discotecas, bares, concertos ao vivo, centros comerciais, transportes públicos, jogos desportivos, praia, rua, cinema, salão de jogos, festas e restaurantes.

| Locais             | pergunta 1 |         | pergunta 2 |         | pergunta 3 |         |
|--------------------|------------|---------|------------|---------|------------|---------|
|                    | raparigas  | rapazes | raparigas  | rapazes | raparigas  | rapazes |
| café               | 94.7       | 100.0   | 84.2       | 100.0   | 94.7       | 100.0   |
| casa               | 52.6       | 71.4    | 78.9       | 71.4    | 100.0      | 57.1    |
| discoteca          | 42.1       | 28.6    | 15.8       | 28.5    | 26.3       | 28.6    |
| escola             | 42.1       | 57.1    | 26.3       | 7.1     | 21.0       | 42.8    |
| bares              | 38.6       | 42.1    | 10.5       | 42.8    | 26.3       | 42.8    |
| concertos          | 5.3        |         |            |         |            |         |
| centros comerciais | 10.5       |         | 10.5       | 14.3    | 5.3        |         |
| transporte público | 5.3        | 7.1     | 5.3        | 7.1     | 10.5       |         |
| jogos desportivos  | 5.3        |         | 5.3        |         | 10.5       | 14.3    |
| praia              | 5.3        | 14.3    |            | 42.8    |            | 42.8    |
| rua                | 5.3        | 42.8    | 21.0       | 28.5    | 26.3       | 28.6    |
| cinema             | 5.3        |         | 5.3        |         | 5.3        |         |
| sala de jogos      | 5.3        |         |            |         | 5.3        |         |
| terra              |            |         | 5.3        |         | 5.3        |         |
| festas             |            |         | 5.3        |         | 5.3        |         |
| restaurantes       |            |         |            |         | 5.3        |         |
| igreja             |            |         |            |         |            |         |
| trabalho           |            |         |            |         |            |         |
| férias             |            |         |            |         |            |         |
| cabeleireiro       |            |         |            |         |            |         |
| lojas              |            |         |            |         |            |         |
| onde há raparigas  |            |         |            |         |            |         |
| jardins            |            |         |            |         |            |         |

Quadro 19: locais de encontro com os pares (percentagens)

O quadro 19 apresenta as percentagens de resposta de rapazes e raparigas para cada um dos locais para as 3 perguntas: onde é que te costumavas encontrar com os teus amigos?; onde é que te costumavas encontrar com as raparigas?; e onde é que te costumavas encontrar com os rapazes?

Analisemos em seguida, as percentagens obtidas nas categorias de resposta analisadas em função de cada pergunta, nomeadamente as que aparecem com valores mais altos.

Relativamente aos locais de encontro com os amigos, verificamos que o local privilegiado para rapazes e raparigas é o café, logo seguido das suas casas. As discotecas e a escola são para as raparigas os locais seguintes, enquanto para os rapazes a escola e a rua são os eleitos.

As raparigas afirmam que se encontram mais com as raparigas nos cafés, casas, escola e rua, e com os rapazes em casa, depois no café, seguidos de discotecas, bares e rua.

Os rapazes encontram-se mais com as raparigas em casa e logo depois no café, seguido de discotecas, bares e rua.

Os rapazes referem encontrar-se mais com os rapazes no café e logo depois em casa, na escola e em bares.

| Locais             | pergunta 4 |         | pergunta 5 |         | pergunta 6 |         |
|--------------------|------------|---------|------------|---------|------------|---------|
|                    | raparigas  | rapazes | raparigas  | rapazes | raparigas  | rapazes |
| café               |            |         |            | 7.1     |            |         |
| casa               | 94.7       |         | 100.0      | 100.0   | 94.7       | 100.0   |
| discoteca          |            |         |            |         |            |         |
| escola             |            |         |            |         |            |         |
| bares              |            |         |            |         |            |         |
| concertos          |            |         |            |         |            |         |
| centros comerciais |            |         |            |         |            |         |
| transporte público |            |         |            |         |            |         |
| jogos desportivos  |            |         | 5.3        |         |            |         |
| praia              | 10.5       |         | 5.3        |         | 5.3        |         |
| rua                |            |         | 5.3        | 28.6    |            |         |
| cinema             |            |         |            |         |            |         |
| sala de jogos      |            |         |            |         |            |         |
| terra              | 26.3       | 14.3    | 21.0       |         | 15.8       |         |
| festas             | 42.1       | 14.3    | 21.0       |         | 15.8       |         |
| restaurantes       | 15.8       | 14.3    | 10.5       |         | 5.3        |         |
| igreja             | 5.3        |         |            |         |            |         |
| trabalho           |            |         | 15.8       |         | 15.8       |         |
| férias             |            |         | 5.3        |         | 5.3        |         |
| cabeleireiro       |            |         |            |         | 10.5       |         |
| lojas              |            |         |            |         |            |         |
| onde há raparigas  |            |         |            |         |            |         |
| jardins            |            |         |            |         |            |         |

Quadro 20: locais de encontro com a família (percentagens)

O quadro 20 apresenta as percentagens para os locais de encontros com a família para as 3 perguntas colocadas, nomeadamente, onde é que te costumas encontrar mais com a tua família? onde é que te costumas encontrar com os homens da tua família? e; onde é que te costumas encontrar com as mulheres da tua família?.

Os locais de encontro apontados com a família são , embora com diferentes percentagens, casa, praia, terra, festas, restaurantes, igrejas, trabalho, férias,jogos desportivos, rua, cabeleireiro e lojas.

As raparigas encontram-se com a família em casa, na terra e em restaurantes. Os rapazes encontram-se com a família na terra, restaurantes e festas.

As raparigas encontram-se com os homens da família em casa, na terra e em festas. Os rapazes encontram-se com os homens da família em casa e na rua e também no café.

As raparigas encontram-se com as mulheres da família em casa, na terra, em festas, em restaurantes. Os rapazes encontram-se com as mulheres da família só em casa.

Os locais referidos parecem estar correlacionados com o papel assumido pela relação bem como pelo sexo de pertença dos indivíduos e daqueles com quem interagem.

Finalmente, vejamos os resultados obtidos para as actividades partilhadas no decorrer das interacções com os elementos sociais.

O quadro 21 apresenta as percentagens das actividades partilhadas com o grupo de pares para cada uma das três perguntas atrás descritas.

Partilhadas com o grupo de pares, surgem, embora com percentagens diferentes, as seguintes actividades: Falar sobre raparigas, contar anedotas, apanhar sol, conversar, divertir, estudar, dançar, ouvir música, trocar experiências, ver filmes de video, assistir

| Actividades           | pergunta 1 |         | pergunta 2 |         | pergunta3 |         |
|-----------------------|------------|---------|------------|---------|-----------|---------|
|                       | raparigas  | rapazes | raparigas  | rapazes | raparigas | rapazes |
| codrilhar             |            |         |            |         |           |         |
| ver futebol           |            |         |            |         |           | 14.3    |
| falar sobre raparigas |            |         |            |         |           | 28.6    |
| contar anedotas       |            |         |            |         |           | 7.1     |
| conversar             | 89.5       | 100.0   | 89.5       | 100     | 89.4      | 42.8    |
| divertir              | 47.4       |         |            |         | 10.5      |         |
| estudar               | 36.8       | 14.3    | 31.6       |         | 21.0      |         |
| dançar                | 31.6       | 28.6    | 5.3        |         | 15.8      |         |
| ouvir música          | 26.3       | 14.3    | 15.8       |         | 15.8      |         |
| trocar experiencias   | 10.5       |         | 5.3        |         | 5.3       |         |
| ver videos            | 10.5       |         | 15.8       |         | 15.8      |         |
| musica ao vivo        | 10.5       |         |            |         |           |         |
| jogar                 | 10.5       |         |            |         | 5.3       |         |
| compras               | 10.5       |         | 10.5       |         |           |         |
| passear               | 10.5       |         | 10.5       |         | 10.5      |         |
| beber um copo         | 10.5       | 28.6    |            |         | 5.3       |         |
| discutir              | 10.5       |         |            |         |           |         |
| conviver              | 10.5       | 14.3    |            |         | 10.5      |         |
| contar novidades      | 5.3        |         |            |         | 10.5      |         |
| organizar festas      | 5.3        |         |            |         |           |         |
| ver revistas moda     | 5.3        |         | 5.3        |         |           |         |
| comer                 |            | 14.3    | 10.5       |         | 5.3       |         |
| conhecer              |            |         | 10.5       |         |           |         |
| confidenciar          |            |         | 15.8       |         |           |         |
| namorar               |            |         | 15.8       | 42.8    | 36.8      |         |
| comemorar             |            |         |            |         |           |         |
| ver fotos             |            |         |            |         |           |         |
| ver os outros         |            |         |            |         |           |         |
| visitar               |            |         |            |         |           |         |
| resolver problemas    |            |         |            |         |           |         |
| sofrer pelo benfica   |            |         |            |         |           |         |
| ver TV                |            |         |            |         |           |         |
| trabalhos de grupo    |            |         |            |         |           |         |
| sair á noite          |            | 14.3    |            |         |           |         |
| andar de moto         |            |         |            |         |           |         |
| engatar               |            |         |            |         |           |         |
| passear os livros     |            |         |            |         |           |         |
| fazer desporto        |            | 28.6    |            |         |           |         |
| recordar              |            |         |            |         |           |         |

Quadro 21: actividades partilhadas com pares (percentagens)

---

a música ao vivo, jogar, fazer compras, passear, beber um copo, discutir, conviver, contar as novidades, organizar festas, ver revistas de moda, comer, conhecer novas pessoas, trocar confidências, namorar, sair à noite e fazer desporto.

As raparigas com os amigos de ambos os sexos essencialmente, conversam, divertem-se, estudam, dançam , ouvem música e veem filmes, enquanto os rapazes com os amigos conversam, namoram, divertem-se, estudam e passeiam.

Com as amigas as raparigas conversam, estudam, ouvem música, veem filmes, trocam confidências e, com os rapazes conversam, namoram, divertem-se estudam e passeiam.

Os rapazes com as raparigas dizem conversar, namorar, estudar, dançar , ouvir música e ver filmes e, com os rapazes conversam, contam anedotas e falam sobre as raparigas.

O quadro 22 apresenta as percentagens das actividades partilhadas com a família.

Para a nossa amostra com a família é possível conversar, divertir-se,conviver, comer, comemorar, ver fotos, ver os outros, visitar, resolver problemas, ver futebol, discutir, trocar experiências, jogar, contar novidades e ver T.V.

Com as pessoas da família as raparigas referem com maior percentagem que conversam, comemoram, vem os outros e comem, enquanto os rapazes conversam, discutem e convivem.

| Actividades           | pergunta 4 |         | pergunta 5 |         | pergunta 6 |         |
|-----------------------|------------|---------|------------|---------|------------|---------|
|                       | raparigas  | rapazes | raparigas  | rapazes | raparigas  | rapazes |
| codrilhar             |            |         |            |         |            |         |
| ver futebol           |            |         |            | 28.6    |            |         |
| falar sobre raparigas |            |         |            |         |            |         |
| contar anedotas       |            |         |            |         |            |         |
| conversar             | 84.2       | 100     | 94.7       | 85.7    | 89.4       | 100     |
| divertir              | 5.3        |         |            |         |            |         |
| estudar               |            |         |            |         |            |         |
| dançar                |            |         |            |         |            |         |
| ouvir música          |            |         |            |         |            |         |
| trocar experiencias   |            |         |            |         | 5.3        |         |
| ver videos            |            |         |            |         |            |         |
| musica ao vivo        |            |         |            |         |            |         |
| jogar                 |            |         |            |         |            |         |
| compras               |            |         |            |         | 15.8       |         |
| passear               |            |         |            |         |            |         |
| beber um copo         |            |         |            |         |            |         |
| discutir              |            | 14.3    |            | 14.3    | 5.3        |         |
| conviver              | 5.3        | 14.3    |            |         | 10.5       |         |
| contar novidades      |            |         |            |         | 5.3        |         |
| organizar festas      |            |         |            |         |            |         |
| ver revistas moda     |            |         |            |         |            |         |
| comer                 | 15.7       |         |            |         | 15.8       |         |
| conhecer              |            |         |            |         |            |         |
| confidenciar          |            |         |            |         |            |         |
| namorar               |            |         |            |         |            |         |
| comemorar             | 36.8       |         |            |         | 10.5       |         |
| ver fotos             | 10.5       |         |            |         |            |         |
| ver os outros         | 15.8       |         |            |         |            |         |
| visitar               | 10.5       |         |            |         | 15.8       |         |
| resolver problemas    | 5.3        |         |            |         |            |         |
| sofrer pelo benfica   |            |         |            |         |            |         |
| ver TV                |            |         |            |         | 5.3        |         |
| trabalhos de grupo    |            |         |            |         |            |         |
| sair á noite          |            |         |            |         |            |         |
| andar de moto         |            |         |            |         |            |         |
| engatar               |            |         |            |         |            |         |
| passear os livros     |            |         |            |         |            |         |
| fazer desporto        |            |         |            |         |            |         |
| recordar              |            |         |            |         |            |         |

Quadro 22 : actividades partilhadas com a família (percentagens)

Para a nossa amostra com a família é possível conversar, divertirem-se, conviver, comer, comemorar, ver fotos, ver os outros, visitar, resolver problemas, ver futebol, discutir, trocar experiências, jogar, contar novidades e ver T.V.

Com as pessoas da família as raparigas referem com maior percentagem que conversam, comemoram, veem os outros e comem, enquanto os rapazes conversam, discutem e convivem.

Com os homens da família as raparigas só conversam e os rapazes conversam, veem futebol e discutem.

Com as mulheres da família as raparigas conversam, fazem compras, comem e visitam enquanto os rapazes só conversam.

Também aqui o tipo de actividades partilhadas parecem ser influenciadas pelo papel da relação bem como pelo sexo dos indivíduos em questão e dos outros com quem interagem.

# **IV. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**

## IV. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Antes da apresentação das conclusões e discussão dos resultados obtidos gostaríamos de tecer algumas considerações que poderão contribuir para o entendimento dos resultados deste estudo.

Uma das principais condicionantes metodológicas à abordagem das redes sociais é, entre outras, o seu estudo como um todo dando conta da imensidade das relações, necessariamente interdependentes, que se estabelecem entre os seus membros ao nível de todas as variáveis abordadas. Lembramos que não pretendíamos estabelecer correlações entre as variáveis estudadas mas sim averiguar se existiam diferenças significativas entre os dois grupos, nomeadamente o grupo de rapazes e o das raparigas.

Mais chamamos a atenção para o instrumento utilizado, entrevista semi-directiva, que, criado como utensílio para a avaliação individual no delineamento de programas de interajuda, foi aplicado com recurso à “consigne” que remete para o o critério “pessoas mais importantes para ti”. A pequena dimensão das redes delineadas pela nossa amostra pode, eventualmente, ter a ver com esta questão que será considerada, à frente, na discussão dos nossos resultados.

Uma outra questão prende-se com a faixa etária considerada no estudo. Uma vez que elegemos a população adolescente, considerámos uma idade compreendida entre os 15 e os 17 anos. Contudo, em face da dispersão verificada nas idades de rapazes e raparigas, hipotetizamos que os nossos resultados podem ter sido “enviezados” por efeitos desenvolvimentais, sugerindo em estudos posteriores a consideração de faixas etárias com intervalos menores ou um maior controle da dispersão das idades nos dois grupos.

Chamamos ainda a atenção para o facto de o entrevistador ter sido sempre o mesmo, do sexo feminino, tanto nas entrevistas a rapazes como a raparigas, o que pode ter condicionado a recolha de informação.

Finalmente um parentesis para a motivação dos entrevistados para a realização da entrevista que - embora fossem todos voluntários - à partida, não se apresentou em condições equitárias, agravada ainda pelo tamanho longo do instrumento aplicado.

Lembramos que tínhamos como hipóteses geral que existiam diferenças significativas nas redes sociais e de suporte de rapazes e raparigas.

Vejamos então os resultados do presente trabalho que nos remetem, de facto, para a existência de diferenças significativas nas redes sociais totais e redes de suporte delineadas por adolescentes, rapazes e raparigas, com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos (confirmação da hipótese geral), nomeadamente ao nível do tamanho, estrutura e qualidade das relações assumidas.

Contrariamente ao esperado ( Hipótese específica 1: “as redes sociais dos rapazes são maiores que as das raparigas”) as redes sociais das raparigas apresentam-se maiores que as dos rapazes ou seja, em média as raparigas referem mais pessoas nas suas redes de contactos que os rapazes.

Na generalidade, os autores afirmam serem as redes sociais dos rapazes maiores que as das raparigas, nomeadamente ao nível do grupo de pares e dos adultos ( Berndt, 1981; Bryant, 1985; Tietjen, 1982; Waldrop e Halverson, 1973, citados por Feiring e Lewis, 1988); (Sutton-Smith, 1979; Sutton-Smith, Rosenberg e Morgan, 1963; citados por Benenson, 1990). Este facto terá possivelmente a ver, ainda segundo a revisão bibliográfica, com as maiores oportunidades dadas aos rapazes para estabelecerem interacções com parceiros sociais em contextos extra-caseiros, traduzidas, por exemplo, pela frequência de grupos desportivos, de escuteiros etc. Tais oportunidades facilitarão o “recrutamento” aos rapazes de um leque mais extenso de pessoas com as quais se poderão relacionar (Bryant, 1985; Moore e Young, 1978).

Contudo e como refere Belle (1988), os resultados nesta área são muito contraditórios. Efeitos desenvolvimentais ou questões metodológicas podem estar, segundo a autora, na origem das diferenças.

Embora os nossos resultados se assumam como contrários aos esperados para o tamanho das redes sociais totais de rapazes e raparigas, os autores Blyth, Hill e Thiel (1982, citados por Belle, 1988) constataram que, quando inquiridas sobre as pessoas

mais importantes para si, as raparigas nomeavam um número superior de personagens.

Na realidade e remetendo-nos para a nossa consigne geral da aplicação da entrevista sobre redes - “diz-nos quem são as pessoas mais importantes para ti” - verificamos que a importância que os outros assumem para a nossa amostra foi a questão por nós efectivamente averiguada. Assim, e com base nos resultados obtidos, poderemos dizer que as raparigas atribuem importância a um número maior de pessoas da sua rede de contactos que os rapazes.

Esta consideração pode levantar uma outra: rapazes e raparigas poderão eleger critérios diferentes para avaliar a importância das relações ou, dito de outra forma, provavelmente rapazes e raparigas terão representações diferenciadas sobre o(s) factor(es) “importância” nas relações.

Relativamente à observação do “efeito de clivagem de sexo” - tendência dos indivíduos para se associarem prioritariamente com membros do seu próprio sexo - este só assume significado estatístico nas redes sociais das raparigas. De facto, as raparigas apresentam em média nas suas redes (leia-se no conjunto de pessoas por elas avaliadas como mais importantes para si) mais personagens do sexo feminino que os rapazes. Nalguns estudos sugere-se que este efeito se vai atenuando ao longo do processo de desenvolvimento (Hartup, 1970) sabendo-se existirem ainda na idade da pré-adolescência ténues ligações a indivíduos do mesmo sexo (Douvan e Adelson, 1966; Savin e Williams, 1980). Ao analisarmos a média das idades dos

nossos entrevistados verificamos que os rapazes apresentam idades, em média, inferiores às das raparigas, o que nos levaria a esperar um efeito de clivagem de sexo maior para os rapazes.

Contudo isto não se verificou. Como explicar esta contradição?

Remetemo-nos novamente para a pergunta inicial -“ relações importantes para ti”. Partindo do princípio que, consoante o sexo, os indivíduos elegem diferentes aspectos na relação (Benenson 1990) e que as raparigas estabelecem preferencialmente relações em diáde com níveis de intimidade superiores aos dos rapazes (Lever, 1976; Tietjen, 1982)) facto que lhes trás, consequentemente, mais prazer (Berndt, 1982), somos levados a pensar que, pedindo-lhes que identifiquem as pessoas mais importantes para si, nomeiem mais mulheres (pois é com elas que as interações são mais gratificantes).

Não se tendo constatado uma maioria significativa no número de homens nomeados na rede dos rapazes, somos levados a pensar, pelo contrário, que as relações desenvolvidas com os homens podem não ser por eles representadas como mais importantes, não as tendo por isso referido.

Relativamente à composição das redes sociais e analisando a dimensão de cada uma das categorias observadas (família, melhores amigos, amigos e colegas de escola) tanto rapazes como raparigas referem um número maior de pessoas na família,

seguida dos amigos, melhores amigos e colegas de escola. As raparigas apresentam, porém, mais pessoas que os rapazes em todas as categorias estudadas.

Reportando-nos à nossa hipótese específica 2 (“as relações das raparigas centram-se nos contextos familiares enquanto as dos rapazes se desenrolam no grupo de pares”), podemos afirmar que as relações das raparigas são mais centradas em contextos familiares que as dos rapazes ou, no âmbito da “consigne” inicial, as raparigas atribuem nas suas relações uma importância à família superior à atribuída pelos rapazes. Não se confirmou, porém, a predominância do grupo de pares nas redes dos rapazes.

Blyth e Foster Clark (1987) ao pedirem a rapazes e raparigas que identificassem as pessoas para eles mais importantes, constataram a existência de um número superior de mulheres na família das raparigas. A análise do sexo dos indivíduos nomeados nas nossas redes em função da composição estudada indica-nos que as raparigas apresentam, em média, um número maior de mulheres que os rapazes nas categorias família, melhores amigos e amigos. A clivagem de sexo no grupo dos rapazes não é tão notória.

A hipótese específica 3 previa que as raparigas tinham redes de suporte maiores que os rapazes, disponibilizando também mais suporte aos outros.

De facto, tal como era esperado, as raparigas têm redes de suporte maiores que os rapazes apoiando-se, tal como os rapazes, em primeiro lugar na família, depois nos

amigos, melhores amigos e colegas de escola. A dimensão de cada um destes grupos é superior na rede de suporte das raparigas. No conjunto das pessoas “fonte de suporte” (pessoas que dão apoio à nossa amostra) as raparigas percebem mais mulheres que os rapazes, enquanto estes só nos grupos de amigos e melhores amigos é que referem mais homens que as raparigas. Assim, parece-nos possível afirmar que os rapazes discriminam o sexo da fonte de suporte só ao nível das relações com o grupo de pares.

Verificámos também que as raparigas prestam mais apoio aos outros que os rapazes, em particular às mulheres de cada um dos grupos estudados (família, melhores amigos, amigos e colegas de escola).

Em suma, as raparigas apresentam redes de suporte maiores que os rapazes, disponibilizando, também, mais suporte às pessoas da sua rede (confirmação da hipótese específica 3). Para elas, as mulheres são fonte e receptores essenciais de apoio.

Vindo os resultados de encontro ao esperado, convém referir que a observação incidia sobre o suporte percebido ou seja o apoio que os entrevistados percebem nas suas redes (ou melhor, no conjunto de contactos por eles referidos com importância). Cientes que poderão existir diferenças entre o suporte percebido e o suporte efectivamente disponibilizado (real), seria também importante considerar no estudo das redes sociais e de suporte a quantidade e qualidade do apoio disponibilizado pelas redes sociais individuais e por desconhecidos. A abordagem ao suporte

percebido/suporte real levanta questões metodológicas que seria importante ultrapassar.

Verificámos, também, a existência de algumas diferenças significativas entre os dois grupos estudados na qualidade das relações estabelecidas com a rede social e de suporte (confirmação da hipótese específica 4).

Diferenças significativas foram, de facto, encontradas entre rapazes e raparigas no tipo de problemas com que recorrem à rede de suporte, atitudes percepcionadas nas pessoas desse grupo, sentimentos que experimentam posteriormente e desvio.

Assim na generalidade, as raparigas recorrem a todos os grupos da rede com uma diversidade maior de problemas que os rapazes. É a família que aparece, tanto para rapazes como para raparigas, como o grupo que é solicitado para uma diversidade maior de problemas. Ambos os grupos parecem escolher a fonte de suporte em função da “funcionalidade da relação”- família, amigo, melhor amigo e colega de escola - sexo da personagem eleita e tipo de problema em questão .

As raparigas não só apresentam um número maior de problemas à rede de suporte como também solicitam mais apoio que os rapazes para as questões mais íntimas, nomeadamente problemas amorosos e familiares.

As raparigas percepcionam ainda, nos outros, uma maior diversidade de atitudes que os rapazes. As atitudes percepcionadas em relação a cada indivíduo, tal como o

verificado para os problemas, parece estar relacionada, tanto para rapazes como para raparigas, com a “função da relação” e com o sexo do indivíduo “chamado” ao suporte. A família é para rapazes e raparigas o grupo percebido com uma maior diversidade de atitudes.

Em relação aos sentimentos que experimentam após recorrerem às pessoas que dão suporte, são os rapazes que manifestam uma maior dispersão, existindo alguns sentimentos nos extremos da nossa escala, nomeadamente nos valores mais negativos, o que não ocorre nas raparigas. São também os rapazes que apresentam maiores desvios (ocorrência de arrependimentos em relação ao pedido de ajuda) que as raparigas, nomeadamente em relação à família. Este facto parece apontar para a existência de níveis superiores de satisfação nas raparigas relativamente às relações que estabelecem com as redes. Esta consideração é reforçada pela análise das variáveis mutualidade (onde as raparigas se apresentam mais exigentes), satisfação (onde as raparigas alcançam maiores níveis de satisfação) e obrigatoriedade (onde as relações das raparigas se apresentam com menor grau de obrigatoriedade)

Existirá certamente uma correlação positiva entre estas variáveis que não foi, contudo, analisada. Estudos posteriores deverão considerá-la.

A reforçar a “estabilidade” das relações estabelecidas por raparigas está o facto de as perspectivarem mais duradouras que os rapazes. Curiosamente, são as raparigas que apresentam mais situações em que a frequência da relação é temporalmente mais distante. Uma possível explicação para este resultado é perspectivar as relações

estabelecidas pelas raparigas - porque mais íntimas, estáveis e duradouras - como relativamente “seguras”, independentemente do número de vezes em que se encontram fisicamente com os outros indivíduos (lembramos que na aplicação da entrevista pediu-se aos entrevistados que eliminassem as pessoas com as quais não mantinham contactos nos últimos de 6 meses).

Em comparação com os rapazes, as raparigas têm ainda relações mais íntimas - que abrangendo mais temas, tratam os assuntos que revelam maior grau de intimidade (nomeadamente com as mulheres) - apresentando, também, uma maior diversificação dos contextos onde decorrem as relações, bem como do tipo de actividades nelas partilhadas. A eleição dos locais de encontro e das actividades, parece estar ligada ao sexo dos indivíduos implicados na relação e com a sua “funcionalidade”.

Finalmente, hipotetizámos que as redes das raparigas são mais densas que as dos rapazes (hipótese específica 5). Porém, não se tendo constatado diferenças significativas na densidade das redes dos dois grupos estudados, somos obrigados a rejeitar esta hipótese.

Provavelmente, o mais interessante do estudo foi provar, de certa forma, a importância das relações familiares no contexto relacional do adolescente e a existência de um número considerável de pares que, eleitos pela nossa amostra como amigos e melhores amigos, se assumem também com papéis de colegas de escola. Estes resultados, para além de poderem explicar o número reduzido de colegas de escola nas redes analisadas, vêm consolidar a importância da intervenção ao nível da

educação para a saúde em contexto escolar nesta idade, não negligenciando também o papel que a família pode assumir nesta área.

Mais se sublinha a necessidade de se considerarem nestes programas de intervenção as diferenças das relações estabelecidas pelos dois sexos.

Finalmente, uma referência ao interesse que poderá ter, neste contexto, a abordagem conjunta às redes sociais de adolescentes e manifestação de comportamentos de risco, em função do sexo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acitelli, L.K. (1992) Gender Differences in Relationship Awareness and Marital Satisfaction Among Young Married Couples, Pers. Soc. Psych. Bull., 18, pp. 102-110.
- Albrecht, T.L., Adelman, M.B. & all (1987) Communicating Social Support, Sage Publications, USA.
- Amaral, J. (1978) Adolescência e Juízo Moral, Lisboa, Ed. Gulbenkian.
- Bachman, J.G., O'Malley, P.M. Johnston, L.D. (1984) Drug Use Among Young Adults, Journal of Personality and Social Psychology, 47 (3), pp. 629-645.
- Barandier, M. (1972) Adolescência e Sexualidade, Pub. Europa América, Bib. Pais e Educadores, nº 21.
- Barnes, J.A. (1979) Networks Analysis: Orienting Notion, Technique and Field of Study, cap 19, p. 403, Academic Press, Toronto.
- Barrera, J. M. (1986) Distinctions Between Social Support Concepts, Measures and Models American Journal of Community Psychology, 14 (4), pp. 413-445.
- Bell, Judith (1987) Doing Your Research Project: A Guide for First-time Researchers Education and Social Science, Open University Press, Bristol
- Belle, Deborah (1988) Gender Differences in Children's Social Networks and Supports, in Childrens Social Networks and Social Supports, Jonh Weley and Sons, pp.173-188, Nova York.
- Benedictis, Tina (1982) Adolescent Reasoning About Advertisements: Preliminary Investigations, Child Development, 53 (6), pp.1599-1613.
- Benenson, J. F. (1990) Gender Differences in Social Networks, Journal of Early Adolescence, 10 (4), pp. 472-495.
- Berg, J.H., McQuinn, R.D. (1989) Loneliness and Aspects of Social Support Networks, Journal of Social and Personal Relationships, 6, pp. 359-372.
- Bersheid, Ellen (1994) Interpersonal Relationships, Annual Review of Psychology, 45, pp. 79-129.
- Bettschart, W. (1992) Evenements de Vie et Sante Psychique a La Pre-Adolescence: Role du Support Social, Neuropsychiatrie Enfance, Adolescence, 40 (8/9), p.421.

- Bradbury, T.N., Fincham, F.D. (1991) The analysis of sequence in social interaction, in Personality, Social Skills, and Psychopathology: An Individual Differences Approach, pp. 257-289, ed. Gilbert and Connolly, New York.
- Brenner, G. (1989) Supportive and Problematic Social Interactions: A social Network Analysis, American Journal of Comunitaire Psychology, 17 (6), pp. 831-836.
- Brekke, J.S. (1988) What do We Really Know About Community Support Programs? Strategies for Better Monitoring Journal of the American Psychologic Psychiatry Association, 39 (9), pp. 946-952.
- Brittain, Clay (1976) Adolescent Choises and Parent-peer cross-pressures, in Developmental Psychology studies humam Development, Fitzgerald Ed, p. 499.
- Brown, Sandra (1987) Adolescent Alcohol, Expentancies in Relation to Personal and Parental Drinking Patterns, Journal of Abnormal psychology, 96(2), p.117.
- Boissevain, J., Mitchell, J.C. (1972) Network Analysis - Studies in Human Interaction, Netherlands, Mouton & Co.
- Carugati, F. (1981) Tenter le Possible: Experience de Socialization d'Adolescent en Milieu Communitaire, Peter Lang Ed, p. 216, Berne.
- Cattel, Raymond (1970) Adolescent Personality Strutures, Brithish Journal of Psychology, 61 (1), p. 34.
- Cauce, Ane Marie (1986) Social Networks and Social Competence : Exploring The Effects of Early Adolescent Friendships, American Journal of Communitary Psychology, 14 (6) pp. 607-628.
- Cauce, A. (1990) Returning to Social Support Systems, American Journal of Communitaire Psychology, 18(4), p. 609.
- Clark, M.S., Bennett, M.E. (1992) Research on Relationships: Implications for Mental, in The Social Psychology of Mental Health, pp. 166-193, ed. Ruble, Costanzo and Oliveri, Guilford, New York.
- Clasen, D., Bradford, B.B. (1985) The Multidimensionality of Peer Pressure in Adolescence, Journal of Youth and Adolescence, 14 (6) London press.
- Coimbra, A. (1990) Redes Sociais: Apresentação de um instrumento de investigação, Análise Psicológica, 2, VIII, p.171.
- Cooley, W.W., Lohnes, P.R (1971) Discriminant Analysis in Multivariate Data Analysis, pp. 243-261, John Wiley & Sons, USA.
- Cordeiro, J.C.D. (1979) O Adolescente e a Família, Ed Morais, Lisboa.

- Costa, A.F., Machado, F.L., Almeida, J.F. (1990) Estudantes e Amigos: trajetórias de classes e redes de sociabilidade, Análise Social, 25, p.193.
- Coyne, J.C., Downey, G. (1991) Social Factors and Psychopathology: stress, social support and coping process, Annual Review of Psychology, 42, pp. 401-425.
- Cutrona, C.E. (1986) Objective Determinants of Perceived Social Support, Journal of Personality and Social Psychology, 50 (2), p. 349.
- Cutrona, C.E. (1986) Behavioral Manifestations of Social Support: A Microanalytic Investigation, Journal of Personality and Social Psychology, 51 (1), p. 201.
- Cutrona, C.E. (1986) Objective Determinants of Perceived Social Support, Journal of Personal Social Psychology, 50 (2) pp. 349-355.
- Cutrona, C.E. (1986) Behavioral Manifestations of Social Support, Journal of Personality and Social Psychology, 51 (1), pp. 201-208.
- Dakof, Gayle (1990) Perceptions of Social Support: What is Helpful from Who?, Journal of Personality and Social Psychology, 58 (1) pp. 80-89.
- Davis, Mark (1986) Adolescent Loneliness, Self-disclosure and Privat Self Consciousness: a longitudinal investigation, Journal of Personality and Social Psychology, 51 (3), p.595.
- Department of Psychology (1984) Network Interview Manual: First Interview, University of Illinois.
- Dias, C.A., Vicente, T.N. (1984) A Depressão no Adolescente, Ed. Afrontamento, Porto.
- Dindia K., Allen M. (1992) Sex Differences in Self-disclosure: a meta-analysis, Psychology Bull. 112, pp. 106- 124.
- Dubois, David (1992) Prospective Study of Life Stress, Social Support, and Adaptation in Early Adolescence, Child Development, 63 (3), p.542.
- Duck, S. (1990) Personal Relationships and Social Support, Sage Publications, USA.
- Eiser, J.R., Morgan, M., Gammage, P. (1987) Belief Correlates of Perceived Addiction in Young Smokers, Journal of Psychology of Education, 2 (4), ISPA, Lisboa.
- Engel, U., Nordlhone, E., Hurreluran, K., Holler, B. (1987) Educational Career and Substance Use in Adolescence, European Journal of Psychology of Education, 2 (4), p.47, ISPA, Lisboa.
- Erikson, E. (1972) Adolescence et Crise: La Quete de L'identité, Ed. Flammarion.

- Erikson, E. (1972) Juventude, Identidade e Crise , Ed. Moraes, Lisboa.
- Felton, Barbara (1992) Groups as Social Network Members: Overlooked Sources of Social Support, American Journal of Comunitaire Psychology, 20(2), pp. 253-261.
- Fisher, C. S. (1982) What do We Mean by Friend?, Social Network, 3, p. 122, The Free Press.
- Feingold, A. (1990) Gender Differences in Effects of Pysical Attractiveness on Romantic Attraction, Journal Pers. Soc. Psyc., 59, pp. 981-993.
- Feingold, A. (1992) Gender Differences in Mate Selection Preferences: a test of parental investment model, Psychology Bull., 112, pp. 125-139.
- Feiring C. e Lewis M. (1988) The Social Networks of Girls and Boys from Early Through Middle Childhood, in Children's Social Networks and Social Supports, Jonh Welley and Sons, pp. 119-150, Nova York.
- Fondacaro, Mark (1987) Social Support And Coping: A Longitudinal Analysis, American Journal of Communitary Psychology, 15 (5), pp. 653-673.
- Furman, Wyndol (1985) Children's Perceptions of The Personal Relationships in Their Social Networks, Developmental Psychology, 21 (6), pp. 1016-1024.
- Furman, W. (1988) The Development of Children's Social Networks ,Jonh Welley and Sons, pp. 151-172, USA.
- Galimard, P. (1978) A Criança dos 6 aos 15 Anos, Col. Psicologia e Pedagogia, Ed. Moraes, Lisboa.
- Gehring, Thomas (1988) Adolescents Perceptions of Family Cohesion and Power: A Methological Study of The family Sistem, Journal of Adolescence Reasoning, 3(1), pp. 33-48.
- Gonçalves, Maria da Graça (1989): "Adolescentes e Alcool - Resultados de um Inquérito" in Saúde Escola, pp. 38-41.
- Gottlieb, B. (1981) Social Networks and Social Support Sage Publications, U.S.A.
- Gottlieb, Benjamin, H. (1988) Preventive Intervention Involving Social Networks and Social Support in Social Networks and Social Support (Vol 4) Sage, Cap 8, pp. 201-232, Beverly Hills.
- Greenberg, M., Siegel, J., Leitch, C. (1982) The Nature and Importance of Attachment Relationships to Parents and Peers During Adolescence, Journal of Youth and Adolescence, 12 (5), p.27 .

- Gunnarsson, Lars (1984) The Social Networks Interview in Extending Families, The Social Networks of Parents and Their Children, Cambridge University press, p. 4.
- Hadfield, J.A. (1976) Infância e Adolescência, Ed. Pelicano, Lisboa.
- Hampson, Robert (1984) Adolescent Presocial Behavior: Peer-Group and Situational Factor associated With Helping, Journal of Personality and Social Psychology, 46(1), p.153.
- Hays, Robert (1986) Social Network Development and Functioning During a Life Transition, Journal of Personality and Social Psychology, 50 (2), pp. 305-313.
- Hirsch, B.J. (1979) Psychological Dimensions of Social Networks: A Multimetod Analysis, American Journal of Community Psychology, 7 (3), p. 263.
- Hirsch, Barton (1985) Social Networks and Developmental Psychopathology: A Comparison of Adolescent Children of a Depressed, Arthric, or Nor, Journal of Abnormal Psychology, 94(3), pp. 272-281.
- Hirsch, B. (1987) Transition to Junior High Scholl: Longitudinal Study of Self-Esteem, Shool Life and Social Support, Child Development, 58 (5), pp. 1235-1243.
- Hobfoll, S. (1991) Women's Satisfation With Social Support And Their Recipt of Aid, Journal of Personality and Social Psychology, 61(2), p. 332.
- Hunter, Fumiyo Tao (1985) Adolescent's Perception of Discussions With Parents and Friends: Developmental Psychology, 21 ( 3), pp. 433-440.
- Hurd,G.S, Pattison, E.M., Llamas, R. (1981) Models of Social Network Intervention International Journal of Family Therapy, p. 246, Winter.
- Jessor, R., Jessor, S.L. (1979) Problem Behaviour and Psychosocial Development, New York Academic Press.
- Jessor, R. (1986) Adolescent Problem Drinking:Psicochocial aspect and Developmental Outcome, in Development as Action in Context, by Silbereinsen, R., p. 241, Springer-Verlag Edit.
- Johnson M.R.D, Bewley B.R, Banks J.H, Bland J.M, Clyde D.V.(1985) Schools and Smoking, Journal Educational Psychology, 55, pp. 34-44.
- Jong-Giervield, J. (1989) Personal Relationships, Social Support, and Loneliss, Journal of Social and Personal Relationships, 21, p. 197.
- William J.R., Cross, E. (1988) Race and Ethnicity: Effects on SocialNetworks,England

- Kandel, D.B., Mossel, P., Kaestner, R. (1987) Drug Use, The Transition From School to Work and Occupational Achievement in the United States, European Journal of Psychology Education, 2 (4), pp. 337-363, ISPA, Lisboa.
- Kaniasty, K., Norris, F. H. (1993) A Test of the Social Support Deterioration Model in the Context of Natural Disaster, Journal of Pers. Soc. Psych., 64, p.395.
- Kirchler, Erich (1990) Adolescents and Their Peer-Groups: Study on Significance Peers, Social Categorization Processes, Social Behaviour, 5 (1), pp. 33-48.
- Klepp, K., Perry, C.L., Jacobs, D.R. (1987) Onset Development and Prevention of Drinking and Driving Among Adolescents, European Journal of Psychology of Education, 2 (4), ISPA, Lisboa.
- Knoke, D., Kuklinski, J. (1983) Network Analysis, Sage University, USA.
- Lakey, Brian (1988) Social Support From Friends, Perceived Support and Social Problem Solving American Journal of Community Psychology, 16 (6), pp. 811- 824.
- Lakey, Brian (1989) Personal and Environmental Antecedents of Perceived Social Support Developed At College, American Journal of Communitaire Psychology, 17(4), p.503.
- Lakey, Brian (1990) Cognitive Processes in Perceived Social Support, Journal of Personality and Social Psychology, 59 (2), p.337.
- Macintosh, Nancy (1991) Identification and Investigation of Properties of Social Support, Journal Organization and Behavior, 12(3), pp. 201-217.
- Maccoby, E.E. (1990) Gender and Relationships: a Developmental Account, American Psycology, 45, pp. 513-520.
- Maguire, L. (1983): Understanding Social Networks, Sage Publications, USA.
- Meyer, S.E., Wasserman, S. (1980) Analysing Data from Multivariate Direct Graphs: An Application To Social NetWorks in Interpreting Multivariate Data, p. 289, Ed. Vic Barnett, Bath, U.K.
- Milardo, R. (1983) Developing Close Relationships: Changing Patterns of Interaction Between Pair Members and Social Networks, Journal of Personality and Social Psychology, 44 (5), pp. 964-976.
- Moore, D., Dewaine, A., Shultz, W. (1983) Loneliness and Adolescence, Journal of Youth and Adolescence, 12 (12), p.102.
- Morgan, M., Grube, J.W. (1989) Adolescent Cigarette Smoking Developmental Analysis of Influences British Journal of Developmental Psychology, 7, pp. 179-189, Great Britain.

Newcomb, M. (1988) Impact of Adolescent Drug Use And Social Support On Problem of Young Adults, Journal of Abnormal Psychology, 97(1), p. 64.

Nicholls, Jonh (1985) Adolescents Theories of Education, Journal Educational Psychology, 77(6), pp. 683-692.

Pagel, M.D., Erdly, W.W., Becker, J. (1987) Social Networks: We Get By With a Little Help From Our Friends, Journal of Personality and Social Psychology, 153 (4), p. 793.

Palmonari, A., Pombeni M.L., e Kirchler E. (1989) Peergroups and Adolescence, European Journal of Psychology of Education, 4 (1), pp. 3-15, ISPA, Lisboa.

Palmonari, A., Pombeni, M.L., e Kirchler, E. (1990) The Significance of Peers, Social Categorization Process and Coping With Developmental Tasks, Social Behavior, 5, pp.33-48.

Pattison, E.M. (1981) Introduction: The Social Network Paradigm, Inter Journal of Family Therapy, 3(4), p. 241.

Paz, C.A., Paz, T.O. (1989) Estruturas Borderline y Adolescencia, comunicação apresentada no Colóquio sobre Adolescencia da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, Lisboa.

Pearl, H. (1988) Social Network Formation of Colleg Freshmen: Personal And Environmental Determinants, American Journal of Communitaire Psychology, 16 (2), pp. 207-224.

Pereira, F. (1989): Auto Conceito e Resultados Escolares na Adolescência, Discurso apresentado no Colóquio Sobre a Adolescencia da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, Lisboa.

Pierce, G. (1991) General Relationship-Based Perceptions of Social Support: Are Two Constructs Better Than One?, Journal of Personality and Social Psychology, 61(1), p. 1028.

Pipp, S. (1985) Adolescents Theories About the Development of Their Relationships With Parents, Journal Of Personality and Social Psychology, 48(4), pp. 991-1001.

Rasinski, K.A., Hastie, R., Crocker, J. (1985) Another Look at Sex Stereotypes and Social Judgments: An Analysis of the Social Perceiver's Use of Subjective Probabilities Journal of Personality and Social Psychology, 49 (2), pp. 317-326.

Reid, M. (1989) My Family and Friends: Six to Twelve Years Old Children's Perceptions of Social Support, Child Development, 60(4), pp. 896-910.

- Rook, Karen (1987) Social Support Versus Companionship, Journal of Personality and Social Psychology, 52 (6), pp. 1132-1147.
- Ross, P.E, Cohen, L.H. (1987) Sex Roles and Social Support as Moderators of Life - Stress Adjustment" Journal of Personality and Social Psychology, 52 (3), pp. 576-585.
- Sarason, I. G., Levine, H.M., Basham, R.B. e Sarason, B. (1983) Assessing Social Support: The Social Support Questionnaire, Journal of Personality and Social Psychology, 44 (1), p. 127.
- Sarason, B.R, Sarason, I.G, Hacker, T.A e Basham, R.B. (1985) Comcomitants of Social Support: Social Skills, Psysical Attractiveness and Gender, Journal of Personality and Social Psychology, 49 (2), pp. 469-486.
- Sarason, I.G., Sarason, B.R. (1986) Experimentally Provided Social Suport, Journal of Personality and Social Psychology, 50 (6), p.1222.
- Sarason, Irwin (1986) Social Support as an Individual Difference variable: Its Stability, Origins and Relational Aspects, Journal of Personality and Social Psychology, 54 (4), pp. 845-855.
- Sarason, B.R., Shearin, E.N., Pierce, G.R. e Sarason, I.G. (1987) Interrelations of Social Support Measures, Journal of Personality and Social Psychology, 52 (4), p. 813.
- Sarason, B. (1991) Perceived Social Support and Working Models of Self and Actual Others, Journal of Personality and Social Psychology, 60 (2), p. 273.
- Sibson, R. (1980) Factorial Discriminant Analysis, in Interpreting Multivariate Data, pp. 299-323, Ed. Vic Barnett, Bath, U.K.
- Silbereisen, R., Noack, P. e Reitzle, M. (1987) Sobre os Problemas de Comportamento na Adolescência: Observações de Campo e Avaliação Longitudinal, Análise Psicológica, 4, pp. 504-542, ISPA, Lisboa.
- Silverman, B.W. (1980) Density Estimation for Univariate and Bivariate Data in Interpreting Multivariate Data, p.37, Ed. Vic Barnett, Bath, U.K.
- Shumaker, S. A., Brownell, A. (1984) Toward a Theory of Social Support: Closing Conceptual Gaps, Journal of Social Issues, 40 (4), pp. 11-36.
- Tice, D. M., Baumeister, R. F. (1985) Masculinity Inhibits Helping in Emergencies Journal of Personality and Social Psychology, 49 (2), pp. 420-488.
- Treadwell, Thomas (1989) Social Atom Test-Revised: A Sociometrica Instrument Measuring Interpersonal Networks, Small Groups Research, 5 (1), p. 65.

- Vaux, A., Athanassopulu, M. (1987) Social Support Appraisals and Network Resource, Journal of Community Psychology, 15, p. 537.
- Weiss, J. (1977) Comparative Analysis of Social Control Theories of Delinquency, in Preventing Delinquency: A comparative Analysis of Delinquency Theory, Washington.
- Wolchik, S. (1988) Mapping Children's Social Supports Network's, B.Bell, p.173  
Jonh Welley and Sons, USA.
- Zieman, G., Benson, G. (1983) Delinquency: The Role of Self-Esteem and Social Values, Journal of Youth and Adolescence, 12 (6), p.56.